Órgão Central
do Partido Comunista
Português

Avante!

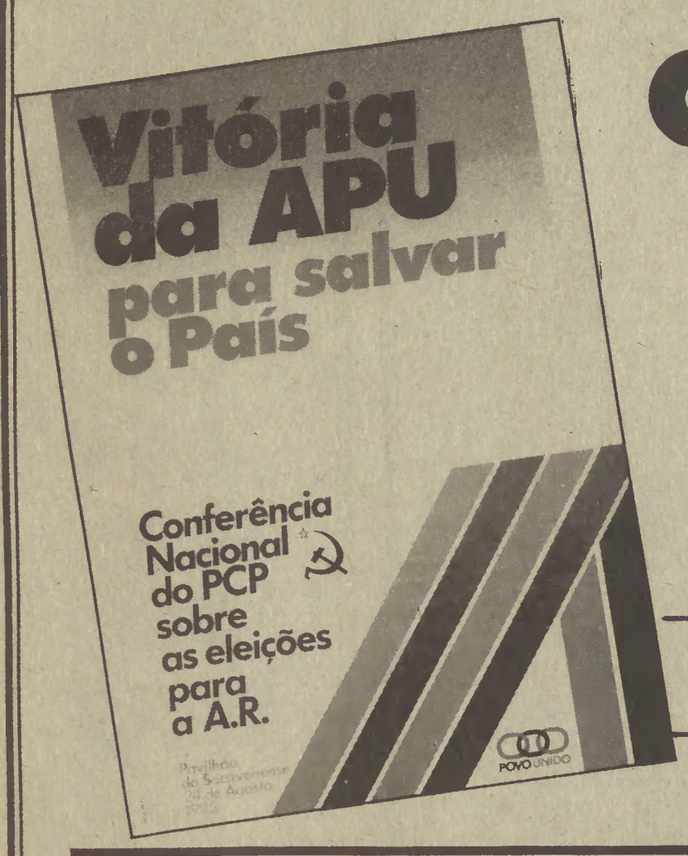
Proletários
de todos os países
UNI-VOS!

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 53 – Série VII – N.º 608
22 de Agosto de 1985
Preço: 40$00

Propriedade do Partido Comunista Português **Dir./Red. – Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX** **Tel. 76 97 25 – Telex 18390** **Composição e impressão – Heska Portuguesa** **Distribuição – *CDL*, R. Santos Dumont, 57-2.º – 1000 Lisboa**



CONFERÊNCIA NACIONAL DO PCP SOBRE AS ELEIÇÕES PARA A AR

Pág. 1/ Em Foco

Sábado às 10 horas no Pavilhão do Sacavenense

Discurso de Álvaro Cunhal no início dos trabalhos

PROGRAMA ELEITORAL DO PCP

Baseado na dura experiência dos últimos anos de vida do nosso povo e no exame aprofundado dos problemas do País a que procedeu no seu X Congresso, nas Conferências nacionais e actividades correntes, o PCP propõe como pontos básicos duma nova política capaz de dar solução aos problemas nacionais:

- **a defesa das liberdades, da legalidade constitucional e da estabilidade das instituições democráticas.**
- **a recuperação e o desenvolvimento económico para vencer a crise**
- **o melhoramento das condições de vida material e cultural do povo**
- **uma política externa de independência, paz e cooperação.**

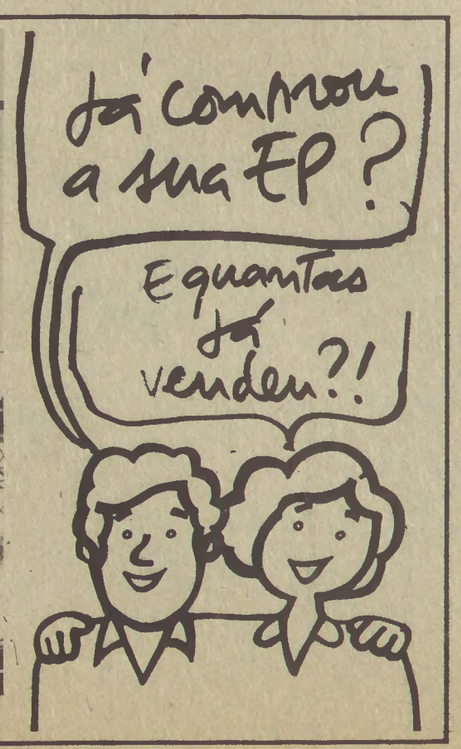
O PCP concebe a realização destes objectivos associada a um grande esforço de mobilização e convergência das melhores energias e capacidades do País e a formação de um Governo Democrático de Salvação Nacional, como uma verdadeira retomada do **rumo de Abril para salvar o País.**

Pág. 3/ Semana

O comício em Alfama com que culminou a visita do Secretário-Geral do PCP aos três populares Bairros de Lisboa

Álvaro Cunhal visitou Alcântara, Ajuda e Alfama

Pág. 1 e 2/ Semana



a festa! / Avante!
ALTO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

- ***intensificar as jornadas de trabalho***
- ***último esforço de propaganda***

Editorial

Avante!

Ano 53 – Série VII
N.º 608
22 de Agosto de 1985
1.º Caderno
Não pode ser vendido separadamente

Uma conferência e objectivos centrais de luta

A situação portuguesa actual é marcada por uma perigosa instabilidade e, simultaneamente, por uma grande expectativa.

Quais são os factores principais de instabilidade?

Quais são os motivos mais fortes de expectativa?

É de enorme importância para a eliminação de uns e a concretização de outros aprofundar estas duas facetas da situação actual e daí extrair uma clara linha de acção para seguir avante e viabilizar um novo rumo da política nacional.

O factor principal e mais grave de instabilidade e — acrescentemos — de desestabilização na hora actual é a existência à frente do País de um governo demitido, derrotado, politicamente falido, de uma parceria governante que se viciou na delinquência política ao longo dos últimos dois anos e se mantém fiel às velhas práticas.

Tem este Governo demitido e falido do PS e do PSD, dirigido por Mário Soares, a figura jurídica de governo de gestão com poderes rigorosamente limitados para uma fase transitória da vida nacional que termina com as eleições legislativas antecipadas e a formação de um novo governo.

Trata-se, porém, de uma fase de importância decisiva para os destinos imediatos e a médio prazo da democracia portuguesa e para a continuação de Abril, de um período necessariamente transitório que exige do Executivo o cumprimento escrupuloso das suas funções específicas, a mais importante das quais é a de garantir a democraticidade das eleições de 6 de Outubro. Tudo isto está a ser letra morta para os governantes do PS e do PSD.

Precisamente, aquilo a que estamos a assistir é à violação diária desse limite de funções, à exorbitância dos poderes de gestão, às infracções mais grosseiras da legalidade democrática, à manipulação abusiva e escandalosa dos recursos materiais e do aparelho de Estado ao serviço dos sórdidos interesses políticos e de classe da parceria que ilegitimamente detém o Governo.

Está mais que justificada pela prática política do actual Governo qualquer medida institucional que acabe com o reinado de Soares & C.ª e o mande urgentemente para casa.

A existência deste Governo na gestão do País é, pois, o principal factor de instabilidade.

Outro igualmente importante é o de que, à medida que os dias passam, vêm a lume novas irregularidades no exercício do Poder, se descobrem novos cambalachos, se destapam novos actos de corrupção praticados nos últimos dois anos, envolvendo ministros, secretários de Estado, gestores públicos, altos funcionários colocados em postos-chaves.

O caso particular dos órgãos de comunicação social estatizados é paradigmático do comportamento irregular do Governo demitido PS/PSD e especialmente do PS e de Mário Soares.

Está hoje clarinho como água que a nomeação do advogado Manuel João Palma Carlos para presidente da RTP, em consequência do falhanço de Palma Ferreira, obedeceu ao móbil de colocar aquele meio de comunicação social de massas ao serviço dos objectivos eleitoralistas do PS e da candidatura de Mário Soares a Belém.

O que se conhece já hoje publicamente da inqualificável pressão sobre o «Diário de Notícias» e dos esforços do PS para levar à demissão o actual director daquele jornal, assim como das pressões e perseguições na RDP e sobre quadros destacados e alguns gestores independentes de empresas públicas, que se recusam a tomar posição a favor da candidatura de Soares, é elucidativo.

Igualmente as tentativas de privar a imprensa não afecta ao Governo das facilidades e benefícios legais do Estado e certas negociatas para a compra de jornais ditos independentes momentaneamente em dificuldades, são outras tantas formas de pressão e de acção, em alguns casos assumindo aspectos dos mais brutais e descarados, na área da comunicação social falada e escrita.

Além do controlo e da manipulação eleitoralista dos recursos materiais e do aparelho de Estado, a vasta campanha em curso para influir de maneira fraudulenta no voto dos cidadãos exige meios financeiros de vulto, de origem apenas aflorada. Donde vêm os dinheiros e recursos para esta formidável acção mistificadora da opinião pública será um capítulo interessante a revelar a seu tempo ao Povo português.

Chegou-se à pândega situação de se ver o Governo não a cingir-se e a moldar o seu trabalho executivo às exigências limitativas do estatuto de gestão mas a moldar a gestão do Governo aos seus interesses e objectivos políticos e eleitorais de classe.

Ainda um outro factor de instabilidade, desestabilização e confusão é a frenética campanha de mistificação da opinião pública a que desesperadamente se entregam os dois parceiros do Governo demitido, mais o CDS e toda a direita.

É divertido ver o PSD acusar o PS de preparar-se para se aliar ao PCP e, por sua vez, o PS responder que quem preparava uma aliança dessas... é o PSD!

Então, então, cavalheiros: como vender assim ao público a tese do «isolamento» do PCP?

Está no choco e à vista de todos a tentativa de uma nova «AD», com o PSD e o CDS de tocaia um para o outro na disputa da hegemonia de um bloco da direita com ou sem o PS.

Por sua vez o partido de Mário Soares, perdida a face «socialista» e de esquerda, assume-se como campeão das chamadas reformas de estrutura calendarizadas no plano contra-revolucionário PS/PSD interrompido pela derrota da coligação.

É significativo que o autor das principais leis do plano contra-revolucionário, agora, por ridícula «eleição» da Comissão Política do PS, «candidato a primeiro-ministro», Almeida Santos, reivindique para o PS a iniciativa das chamadas «reformas de estrutura» e se afirme disposto a viabilizar uma nova revisão constitucional que arranque em definitivo da Constituição as conquistas fundamentais de Abril.

Disse ele em Mira no último fim-de-semana: «O PSD e o CDS que digam uma só reforma estrutural que tivessem feito. Foram os socialistas que avançaram com as grandes reformas: "correcções" à Reforma Agrária, abertura da Banca, dos Seguros e dos Cimentos à iniciativa privada, leis das rendas, da segurança interna e dos serviços de informação.».

Não se pode ser mais explícito na iniciativa contra-revolucionária.

Por sua vez o chefe do PSD Cavaco e Silva, um dos executores da política de ruína da ex-«AD», vem de novo prometer, como se nenhuma culpa tivesse no cartório, «retomar a esperança, gerar a confiança, criar riqueza e distribuir com justiça» — as costumadas promessas demagógicas para iludir os portugueses menos esclarecidos.

Nos factores de expectativa está de facto a esperança de uma vida melhor para o povo português, de um futuro sem misérias, sem fome e sem angústias para os trabalhadores e as classes e camadas mais desfavorecidas.

A Conferência Nacional do PCP a realizar no próximo sábado no Pavilhão do Sacavenense re-

presentará sem dúvida um decisivo contributo dos comunistas nessa direcção.

As eleições de 6 de Outubro, na condição de representarem uma decidida derrota das forças da contra-revolução, podem abrir reais possibilidades de equacionar a curto prazo alguns dos problemas nacionais mais agudos e de alcançar objectivos imediatos fundamentais.

As propostas políticas do PCP assentam no respeito e defesa das liberdades, da legalidade democrática, da estabilidade institucional; numa política económica de recuperação e desenvolvimento para vencer a crise, definida com grande objectividade pela Conferência Nacional do PCP em Dezembro de 1984; numa política de melhoramento das condições de vida do povo; numa política externa de independência, paz e cooperação com todos os povos do mundo.

Três objectivos fundamentais são apontados pelo PCP para as eleições de 6 de Outubro:

— atirar em definitivo para a rua o Governo de Mário Soares, do PS e do PSD, no caso de ele não ter sido corrido antes;

— pôr termo à política de direita e aos governos de direita, com ou sem o PS;

— criar condições para a formação de um governo que dê solução aos graves problemas nacionais.

Condições novas e francamente favoráveis foram criadas para a viabilização de uma alternativa democrática com base nas eleições de 6 de Outubro.

A correlação de forças políticas e sociais alterou-se num sentido oposto ao projecto contra-revolucionário do PS, PSD e CDS, de momento interrompido mas que é possível derrotar em definitivo.

O quadro partidário foi alterado, o monopólio tradicional dos partidos da direita com o PS pode ser quebrado.

O Programa Eleitoral do PCP a sair da Conferência Nacional de sábado constituirá uma segura bússola para a acção dos comunistas.

A APU e o seu projecto unitário têm força potencial para agrupar vastos sectores democráticos.

Desde já, com a sua luta, e finalmente com o seu voto em força na Aliança Povo Unido, nas eleições de 6 de Outubro o Povo português pode infligir uma nova derrota aos partidos da direita com o PS incluído e criar as condições para um novo rumo para Portugal nos caminhos de Abril.

Resumo

13
Terça-feira

Em Conferência de imprensa realizada em Lisboa, Álvaro Cunhal e José Manuel Tengarrinha consideram o reforço da votação na APU e o aumento substancial do número de deputados como condições indispensáveis para uma alternativa democrática após as eleições ■ O Sindicato dos Jornalistas acusa as autoridades portuguesas de não intervirem em defesa dos interesses nacionais ao autorizar o despedimento colectivo dos 21 trabalhadores da delegação da France Press em Lisboa ■ Um semanário francês acusa altas individualidades da hierarquia do Estado francês de estarem envolvidos na operação de afundamento do navio «Rainbow Warrior» da organização ecologista «Greenpeace» • Mikhail Gorbatchov convida os Estados Unidos a retomarem negociações para proibir ensaios nucleares • Mais 11 pessoas foram mortas pela polícia racista em diversas cidades da África do Sul.

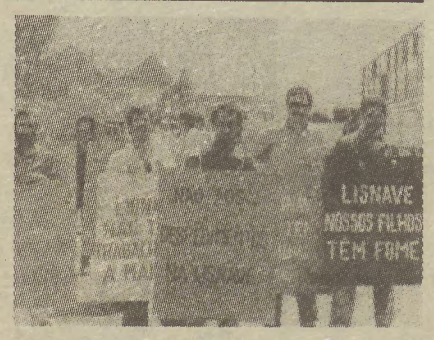
14
Quarta-feira

No discurso do VI centenário da Batalha de Aljubarrota o Presidente da República condena as políticas económicas da última década que têm mantido uma dependência de Portugal em relação ao exterior ■ A direcção do «Diário de Notícias» acusa o Partido Socialista de exercer controlo sobre órgãos de comunicação social estatizados ■ Candidatos da APU visitam a Lisnave onde constatam o descontentamento e a revolta dos trabalhadores desta empresa ■ Directiva do Conselho de Comunicação Social impede a RTP de transmitir o debate entre Cavaco Silva e Almeida Santos ■ O semanário francês «L'Express» confirma as notícias segundo as quais o atentado contra o navio «Rainbow Warrior» da organização ecologista «Greenpeace» foi organizado pelos serviços secretos franceses ■ Violentos confrontos continuam a eclodir na África do Sul tendo sido mortos mais 9 manifestantes.

15
Quinta-feira

Ocorre uma violenta explosão no conversor de gases da unidade fabril de azoto da Quimigal, no Barreiro, alarmando a cidade e outras povoações vizinhas ■ Trabalhadores da Torralta iniciam uma greve de quatro dias com o objectivo de obterem o pagamento de quatro meses de salários em atraso ■ A Casa Branca reconhece haver mentido quando afirmou que a URSS só suspendera os seus ensaios nucleares porque tinha terminado o seu programa de explosões subterrâneas ■ Fontes policiais revelam em Paris que as autoridades neozelandesas emitiram mandatos de captura internacionais contra mais quatro cidadãos franceses alegadamente envolvidos no atentado contra o navio ecologista «Rainbow Warrior»; segundo a rádio «France-Inter» essas quatro pessoas poderiam ser membros dos serviços secretos franceses ■ O Presidente sul-africano Pieter Botha profere um discurso em Durban em que reafirma as teorias do *apartheid* ■ A Federação dos Sindicatos das Comunicações e Telecomunicações protesta em comunicado contra a atitude da RTP em se recusar a incluir nos seus noticiários a infomação sobre a entrada em greve total dos trabalhadores dos CTT.

16
Sexta-feira



A APU afirma, na sequência da visita que candidatos seus fizeram à Lisnave, que voltará a apresentar na próxima legislatura solução para o problema dos salários em atraso ■ Quatro centenas de vítimas de falso angariador de emigrantes passam a manhã em Santa Apolónia, em Lisboa, esperando em vão o contratador e a partida para Bordéus ■ Decorre a greve dos trabalhadores dos CTT, que, segundo um dirigente da Federação dos Sindicatos das Comunicações e Telecomunicações, regista uma adesão «extraordinária em numerosos distritos» ■ A Aliança Povo Unidos afirma em Loures que o trabalho efectuado nos últimos anos à frente da Câmara Municipal é a «garantia que nas próximas eleições autárquicas, a APU vai ganhar todas as freguesias do concelho e reforçar a maioria absoluta na Assembleia Municipal».

17
Sábado

Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do PCP, revela num comício no Cacém, que o PS recebeu recentemente, através da Fundação José Fontana, um financiamento de cerca de 42 mil contos proveniente do City Bank. ■ Álvaro Cunhal abre em Lisboa a pré-campanha da APU nas freguesias de Alfama e da Ajuda. ■ O presidente do Congresso Nacional Africano, Oliver Tambo, afirma na capital zambiana «que a luta armada vai intensificar-se e os sul-africanos brancos poderão perder as suas vidas e bens». ■ Fontes policiais libanesas revelam que mais de 25 pessoas morreram e 60 ficaram feridas na explosão de um carro armadilhado frente a um supermercado no leste de Beirute. ■ Marco Chagas vence a Volta a Portugal em Bicicleta.

18
Domingo

O semanário londrino «The Observer» revela que os serviços secretos britânicos controlam secretamente o recrutamento e a promoção de jornalistas, produtores e realizadores da BBC. ■ O «Greenpeace», barco da organização pacifista com o mesmo nome, parte de Amsterdão para o Pacífico Sul para continuar as acções de protesto contra os ensaios nucleares franceses. ■ François Mitterrand reafirma em Paris a ordem dada às Forças Armadas francesas para impedirem «se necessário pela força» as entradas nas águas territoriais das colónias da Polinésia onde se efectuam os ensaios nucleares franceses. ■ A Federação dos Bombeiros do Distrito de Lisboa assinala a passagem do Dia do Bombeiro com uma saudação aos soldados da paz na qual exprime também uma crítica à inoperância do Governo. ■ É divulgado o balanço oficial definitivo da explosão de uma viatura armadilhada em frente a um supermercado em Beirute Oriental a qual provocou 48 mortos e 120 feridos.

19
Segunda-feira

O Gabinete de Informação da APU anuncia que os deputados seus que forem eleitos comprometem-se «a prosseguir a luta pela revogação da lei das rendas». ■ Cavaco Silva vai a Belém pedir ao Presidente da República para «corrigir os enviesamentos» da comunicação social estatizada. ■ A APU denuncia tentativas de elementos da PSP e da GNR de impedirem a distribuição de propaganda da coligação. ■ O representante da Fretilin afirma em Lisboa que a declaração do primeiro-ministro australiano segundo a qual o seu governo reconhece a soberania da Indonésia sobre Timor-Leste, contraria a decisão do Partido Trabalhista da Austrália sobre o assunto. ■ É inaugurado na Sicília o 5.º Seminário Internacional de Cientistas dedicado aos problemas da guerra nuclear e da «guerra das estrelas». ■ Após um encontro com o chefe do regime racista em Pretória, nove dirigentes cristãos consideram que o presidente Pieter Botha «vive fora da realidade». ■ A «Amnistia Internacional» anuncia, em Londres, que três dirigentes comunistas indonésios foram executados após 20 anos de prisão.

20
Terça-feira

Nos concelhos de Seia, Arganil e Oliveira do Hospital o fogo que aí lavra há dois dias ameaça as povoações de Casal Figueiras, Piódão e Vitoreiro. No concelho de Vouzela foi a povoação de Giesteira que esteve ameaçada ■ Na CP prossegue o calendário de paralisações sectoriais ■ Junto da Comissão Nacional de Eleições (CNE), o PSD apresenta queixa contra o PS uma vez que este partido desenvolve propaganda política através da publicidade comercial ■ Uma nota da FENPROF confirma a exigência de negociação imediata da carreira docente ■ Em Washington a administração norte-americana manifesta-se a favor do regime racista da África do Sul, responsabilizando os dirigentes cristãos sul-africanos pelo fracasso da reunião mantida com P. Botha ■ No Líbano a violência alastra em Beirute e Tripoli. Aumenta o número de mortos e feridos ■ No Peru 37 generais da polícia foram destituídos pelo Governo ■ Assume maiores proporções em França o «caso» do envolvimento dos serviços secretos e do governo de Paris no afundamento do navio ecologista «Rainbow Warrior».

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: *Partido Comunista Português.* Rua Soeiro Pereira Gomes – 1699 – Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes – 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º – 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: *CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL.* **Serviços Centrais:** Av. Santos Dumont, 57 - 2.º – 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 – 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora: Alcarcova de Baixo, 13 – 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 – 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 – 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 – 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º – 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 – Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B – 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50 *Porto* – Rua do Almada, 18-2.º Esq.º – 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heska Portuguesa – R. Elias Garcia, 27 Venda Nova – 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Julho: 37 650

Semana

Avante!

Ano 53 – Série VII
N.º 608
22 de Agosto de 1985
2.º Caderno
Não pode ser vendido separadamente

Ajuda, Alcântara, Alfama

Três freguesias de Lisboa visitadas por A. Cunhal

... e, do alto dos telhados e varandas, os gatos moveram as cabeças, intrigados com a agitação lá por baixo, em becos e pátios, no calcetado das escadinhas ou no empedrado das ruelas, que o movimento dos Santos Populares já terminara e Alfama, agora, era dos turistas, até que o tempo frio devolvesse o bairro aos seus habitantes.
Agitação desusada que já de manhã se verificara na Ajuda e em Alcântara, freguesias desta Lisboa onde, no sábado, Álvaro Cunhal esteve, falando com a população, que isto é uma maneira de dizer, pois foi a população que falou com ele, ora uma queixa, ora uma palavra de encorajamento, ora ainda um abraço mais arrebatado, com palmadas nas costas, pois o português é assim e, quando gosta, gosta com força.

***Ajuda**, sábado de manhã, um aspecto do comício*

***Em Alcântara**, também a população veio à rua*

Na Ajuda e em Alcântara o secretário-geral do PCP começou por visitar a Junta de Freguesia da Ajuda, onde o presidente, eleito pela APU, falou do que fora feito e também do que não o fora, devido à falta de recursos e apoio da Câmara, mas mesmo assim o programa fora cumprido e excedido, dizendo Álvaro Cunhal que, agora, **é preciso reforçar a Junta e tirar o Abecasis da Câmara.**

Muita gente o esperava na Travessa da Boa Hora, onde decorreu um pequeno comício.

Passemos para Alcântara, onde visitou a Junta de Freguesia, de maioria APU, e fez outro pequeno comício antes de visitar a Cooperativa de Consumo «Segunda Comuna», onde associados e dirigentes não pouparam elogios ao apoio da Junta, que no entanto se debate com falta de apoio da Câmara, ou o mal não fosse geral.

Trabalhado bem tem a autarquia e o agrado da população do bairro é manifesto. Podia-se ter feito melhor? Ninguém o duvida. Os outros partidos conseguiriam fazer o que foi realizado? A reticência é quase geral, pois Alcântara já foi PS e AD.

Da agitação se deu conta toda a gente

Outras há menos pitorescas, pelo que duas são as maneiras de entrar em Alfama — ou descendo as escadinhas junto ao Miradouro de Santa Luzia, ou subindo uma das vielas que desembocam no Largo do Chafariz de Dentro. E a visita ao bairro, labiríntico, que integra duas freguesias — Santo Estêvão e São Miguel — começou pelas escadinhas que desembocam na Rua Norberto Araújo.

Muita gente do bairro à espera de Álvaro Cunhal, a baterem palmas quando chegou, acotovelando-se na procura de estar mais próximo, afastando a roupa estendida, molhada, para não ficarem para trás quando a multidão se pôs em movimento.

Da agitação se deu conta toda a população, que descia as escadas de madeira para vir à rua, ou ficava à varanda ou à janela, olhando uns, acenando outros. E como ali as pessoas estão habituadas a falarem da rua para a janela, ou de janela para janela, antecedendo o desfile se ouviam frases desencontradas, do género «oh mãe! O Álvaro já chegou» ou então «vizinha, venha depressa que vem aí».

Labirinto

Alfama é um labirinto onde a APU não se perde. Um labirinto de gente idosa e crianças. Os extremos tocamm-se. A explicação dão-na os presidentes das Juntas de Freguesia de Santo Estêvão e São Miguel, visitados pelo secretário-geral do PCP. A gente nova casou, procurou melhores condições de habitação, vive hoje em Almada, Amadora, Loures e por todas essas terras onde os trabalhadores dormem. Ali, deixaram ficar os pais e depois os filhos pequenos — por isso o elevado índice de escolaridade primária, superlotando as escolas, que as juntas suportam.

Labirinto, também, nas condições de habitação. Casas velhas, telhados que deixam entrar água, sem instalações sanitárias. Aqui, o contributo importante, inestimável (passe a adjectivação) das colectividades populares (Álvaro Cunhal visitou o Grupo Sportivo Adicense, a Boa União, o Grupo Recreativo «21 de Março» e o Sport Lisboa «Os

A CRISE ECONÓMICA E SOCIAL NO MUNDO
Um livro fundamental
Fidel Castro

Preço: 500$00

a Talhe de FOICE

Mudar de carro

Não foi há muito tempo que na televisão portuguesa apareceu — por obra e graça, decerto, da campanha PS de promoção do 'marketing' eleitoral — um programa aparentemente imbecil (se o tivéssemos apenas olhado contando com o **saber** dos que da política e das políticas aprenderam alguma coisa). Um canastrão que resiste à reforma, ainda dando espectáculo à custa da garrafa de uísque e da propaganda às virtudes do capitalismo, um tal Yves Montand que os anos 60 vieram desacreditar quando se deixou vender e não mais deixou de descer a ladeira onde acabou por vir a tecer loas ao Chile de Pinochet, foi ao écran de um programa francês «explicar» a crise.

Vinha o programa disfarçado com alguns truques de prestidigitação televisual. Mas não conseguiu explicar nada que se visse. A imagens tantas, o Montand dos dólares resumia que a crise apareceu porque, durante trinta anos, a Europa se tinha enriquecido a estalar pelas costuras. Isso tinha de ter um fim. E o «crescimento zero», afinal, não era tão mau como isso, até uma «russa» achava que o ocidente, estando podre, cheirava bem que se fartava, as montras estavam cheias, e a classe média apenas havia perdido as criadas, substituídas por maravilhosos electrodomésticos...

Passando por cima de algumas cedências à verdade — as guerras apareceram como consequência de interesses económicos contraditórios e «serviam» para «relançar» a economia; a economia dos países capitalistas está à beira de um colapso semelhante ou mais grave que o de 1929, por exemplo —, o programa pretendeu lançar mais confusão do que esclarecer.

Pretendeu, por exemplo, confundir progresso técnico com melhoria social e repartição mais justa dos bens criados por quem trabalha. Pretendeu misturar conquistas sociais conseguidas à custa de lutas árduas com resultado de uma política económica capitalista. Não o conseguiu, porém, senão junto dos meios esclarecidos — e isso já é o perigo de programas como estes. O modo como, no afinal, se apresentaram «soluções» para a crise é, pelo menos ridículo. Estilo: ponha-se a fazer barcos em poliestirene; ou: use o raio *laser* e o computador e viva o espectáculo que há-de curar a economia... Aqui, em Portugal, os conselhos do Montand da CEE decerto encontrou numerosos seguidores...

Mas não é por acaso que perdemos algum tempo com canastrões do «show-bizz» conservados em álcool e recheados de dólares. Uma das tiradas do espectáculo era que isso das ideologias não passava de patranha passada. E a prova era que, estando a esquerda ou estando a direita no poder, a política era, no fundamental, a mesma. Apenas uma diferença — uns carregavam no acelerador — a esquerda; outros no travão — a direita. Às vezes até acontecia que os pedais se invertiam. Tudo com pouca importância.

Aqui entramos — já entrámos, desde o início desta crónica — no domínio do ideológico, daquilo que o Montand não gosta, como Mário Soares e outros actores, de ouvir falar. Esquerda e direita? Qual «esquerda»? Em Portugal, com os pedais invertidos, seria a «esquerda» o travão e a direita o acelerador? Soares com a austeridade, Cavaco com o «relançamento»? Mas qual «esquerda»?

Sucedendo-se no governo desde 1976, a «esquerda» PS e a direita PSD e CDS, coligados assim ou assado, fizeram a mesma política, usando travões e aceleradores do mesmo carro.

Diz o programa eleitoral do PCP, referindo-se à política que tem produzido e agravado a crise, que «a situação gravíssima em que o país se encontra após dois anos de Governo PS/PSD atesta da maneira mais evidente o rotundo fracasso da política de direita da coligação que se apresentou como 'a maior maioria de sempre'.»

Trata-se da coligação da «esquerda» com a direita — em termos de Yves Montand. Mas diz ainda o programa do PCP:

«Atesta também globalmente o completo fracasso da política de restauração monopolista desenvolvida ao longo dos últimos nove anos, iniciada pelo Governo PS dito sozinho, prosseguida pelo Governo PS/CDS e Mota Pinto e agravada pelos governos 'AD' (PSD/CDS) e levada às últimas consequências pelo Governo PS/PSD chefiado por Mário Soares.»

O programa do PCP faz uma análise bastante completa da gravidade da situação actual, resultado não da política da «esquerda», mas dessa direita onde tal «esquerda» se integra, arrastando-se atrás dela ou correndo à sua frente. Em Portugal — tal como na CEE onde tais «esquerdas» e direitas são primas —, para debelar a crise não se trata de escolher entre travões e aceleradores de uma mesma política que é a do capitalismo.

O remédio é mesmo mudar de carro.

■ LM

PCP

Em Alfama, à medida que a visita prosseguia, a multidão aumentava

Ajuda, Alcântara, Alfama

Onze») que têm balneários e os facultam à população, por preço módico. **Não dá para as despesas** — queixam-se alguns dirigentes das colectividades — **mas onde é que as pessoas podiam tomar banho?**

Labirínticos, também, os interesses que se movem por parte da Câmara e do Governo para, a pretexto de reconstruírem Alfama, arredarem dali a população, **com o objectivo de explorar esta riqueza com o turismo da CEE, de acordo com os interesses dos capitalistas**, como alertou Álvaro Cunhal.

Como não será a campanha?

E a marcha, não raro é interrompida quando uma mulher se acerca do visitante e lhe pede: **Diga-lhe só adeus que ela fica satisfeita. Tem 92 anos.** À janela, a velha, vestida de preto, corresponde com um gesto trémulo. Na cauda do cortejo os comentários surgem: **«Está melhor do que eu, a subir escadas.», Vai para a minha rua!»**. E outras.

Não é a figura distante da televisão ou dos jornais. O diálogo estabelece-se normal. A vendedeira do lugar da fruta próximo do Trono de Santo António, menina dos olho do Adicense e que também foi local de visita, oferece: **Não quer um pessegozinho?**

Três horas a percorrer Alfama, subindo e descendo escadas, subindo e descendo ruas, entrando por uma porta de uma colectividade ou de uma Junta de Freguesia para sair por outro local, por outra rua.

Os reformados esperam, impacientes, no Centro de Convívio, casarão velho, estuques derruídos, traves e madeiramento carunchoso. Mas não mostram desânimo na reconstrução do edifício e logo ali se combina que Álvaro Cunhal fica convidado para a inauguração.

Mais tarde, Álvaro Cunhal referiria este caso como o exemplo dos que, apesar da sua idade, continuam confiantes num futuro melhor.

Fala também da importância das colectividades. **Não é só o trabalho dos que estão à frente das colectividades, mas também a tradição que existe, resolvendo problemas que o Governo não resolve.** Não esquece, igualmente, as juntas de freguesia, do trabalho desenvolvido por estas autarquias APU, para dizer que em relação às primeiras e às segundas, e no seu terreno, **travam uma luta heróica de filhos do povo a trabalharem para bem do povo.**

Um comício nas escadinhas de São Miguel encerra a visita a Alfama. Muita gente. Aqui e antes. Álvaro Cunhal refere isso mesmo: **Estamos a começar a pré-campanha da APU. E se começa assim como não será a campanha?** Aborda, depois, as questões concretas do bairro e aproveita para salientar, com o exemplo local, **que a diferença é muito grande entre aqueles que trabalham em favor do povo e os que trabalham em favor dos interesses e clientelas».** Advoga que **a defesa do património de Alfama deve ser a solução dos grandes problemas do povo de Alfama.** Aborda, por último, a situação política nacional, onde agora todos os que têm estado nos sucessivos governos dizem que não são responsáveis, que estão contra o que se fez.

Encerram o comício «A Carvalhesca», música popular portuguesa arranjada para a campanha eleitoral da APU e o Hino Nacional. A primeira, a alegria da luta que se trava por um Portugal mais justo, o segundo, a identidade com a Pátria.

O PS e os dólares

A propósito das tomadas de posição do gabinete de Imprensa do PS e do City Bank sobre recentes declarações de Octávio Pato (comício no Cacém, ver pág. 6), a SIP do PCP divulgou anteontem uma breve nota à Comunicação Social, que refere:

1) *Com pleno sentido da responsabilidade, reafirma-se o inteiro fundamento das declarações daquele dirigente do PCP, designadamente que a Fundação José Fontana recebeu 250 000 dólares (cerca de 42 mil contos) provenientes do City Bank (Nova York).*

2) *É muito significativo que se tenham registado desmentidos do PS e do City Bank mas que não exista qualquer desmentido da Fundação José Fontana (ou de Fernando Barroso), entidade que, como é do domínio público, serve de plataforma para o recebimento pelo PS de subsídios de entidades estrangeiras.*

3) *Convida-se o City Bank (e bem assim a Fundação José Fontana) a esclarecer se é ou não verdade que emitiu em 24.5.85 cheques no valor de 250 000 dólares, que foram recebidos pela Fundação José Fontana através do sr. Fernando Barroso.*

OBRAS COMPLETAS DE SOEIRO PEREIRA GOMES

"A vida e a obra de Soeiro Pereira Gomes reflectem as grandes linhas da realidade político-social em que se caldearam dias melhores para o povo Português"

edições Avante!

PCP

Programa eleitoral do PCP aponta o rumo de Abril

O programa eleitoral do PCP aí está. À consideração do eleitorado, aproximando-se as eleições legislativas que podem, pelos seus resultados, alterar significativamente o quadro político nacional, abrir perspectivas novas. O programa, pois, para salvar o País, para dar-lhe um novo rumo no caminho de Abril.

Um programa para o futuro, sendo mesmo imediato esse futuro que se projecta e prepara, tem de ter em conta o quadro do presente, os seus dados mais significativos, o como se chegou aqui. Novo rumo — o de Abril — não cai do céu. Se representa as aspirações das mais vastas camadas da população, representa, por outro lado, o empenhamento dos trabalhadores e do povo na luta para contrariar e suster uma política que lesa os seus interesses e os do país. Luta que já conduziu a vitórias — a ruptura da coligação chefiada por Mário Soares, a demissão do Governo, a dissolução da Assembleia e a convocação das eleições antecipadas.

São estas vitórias que necessitam de ser confirmadas e reforçadas permitindo uma nova política. A que o programa eleitoral do PCP, baseado «na dura experiência dos últimos anos» e «no exame aprofundado dos problemas» dá forma, propondo os pontos básicos de uma «verdadeira retomada do rumo de Abril para salvar o país».

Defender a liberdade e a democracia

A defesa das liberdades, da legalidade constitucional e da estabilidade das instituições democráticas é o primeiro dos grandes objectivos contidos no programa eleitoral do PCP, ontem apresentado em conferência de Imprensa, e que aqui vamos muito resumidamente divulgar. Ao longo dos anos, direitos e liberdades não só foram postos em causa como muitas vezes ignorados por sucessivos governos em diversas áreas, agravando-se este quadro com a actuação do Governo PS/PSD, responsável por um sem-número de ilegalidades, violências e prepotências. Para repor a legalidade e inverter o sentido da política até agora seguida o PCP propõe, no seu programa eleitoral, um vasto número de medidas que especifica e que se podem resumir em algumas grandes áreas:

Respeito pelas liberdades, garantias e direitos dos cidadãos; defesa dos direitos dos trabalhadores; respeito pelas estruturas socioeconómicas reconhecidas pela Constituição, nomeadamente as nacionalizações e as UCP-/Cooperativas da Reforma Agrária; estabilidade das instituições democráticas; comunicação social democrática e pluralista; defesa da segurança e tranquilidade públicas; administração pública transparente, eficaz e democrática; justiça democrática e eficiente; Defesa Nacional e Forças Armadas ao serviço da independência nacional e da democracia; consolidação da autonomia político-administrativa das Regiões Autónomas; reforço do Poder Local democrático.

Vencer a crise

A crise, que se vem desenvolvendo desde 1976, é obra de uma política e não se compadece com as desculpas apresentadas e propagandeadas pelos seus responsáveis. A política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista que os governos, em sucessivas coligações, formais ou encapotadas, da responsabilidade do PS, PSD e CDS, têm promovido, está na origem da recessão, do endividamento geral, da contínua degradação das condições de vida do povo. O objectivo político restauracionista tem conduzido o país à beira do desastre económico, financeiro e social. A integração na CEE e os termos do acordo assinado fazem prever, por outro lado (a concretizar-se a adesão), consequências extremamente graves.

Para vencer a crise, a política económica que o PCP propõe baseia-se no aumento da produção nacional, no saneamento financeiro e no melhoramento das condições de vida dos trabalhadores e do povo em geral. E avança uma série circunstanciada de medidas nos campos da agricultura, das pescas, da indústria, da energia, da construção civil e obras públicas, dos transportes; a execução planeada de grandes projectos de interesse nacional; o desenvolvimento tecnológico, a melhoria do comércio interno; a definição de uma nova política de turismo, de crédito, do sistema fiscal; o controlo, contenção e diminuição da dívida externa; o alargamento das relações económicas externas.

Melhorar a vida

Melhorar as condições de vida material e cultural do povo, tal como vencer a crise, não é possível senão com a participação dos comunistas. E estes têm soluções e propostas que o programa eleitoral avança, não deixando de sublinhar algumas decisões de emergência social que será necessário tomar — nomeadamente o subsídio de sobrevivência para famílias com rendimento *per capita* inferior a metade do salário mínimo; a distribuição de leite a todas as crianças do ensino primário e o funcionamento de cantinas para todos os estabelecimentos do secundário, com preços acessíveis e refeições com o mínimo de qualidade; o aumento imediato das pensões mínimas; a intervenção do Estado para garantir o pagamento dos salários em atraso; a suspensão imediata das acções de despejo contra desempregados ou trabalhadores com salários em atraso.

Para além destas medidas de emergência, o PCP propõe toda uma nova política de salários, preços, emprego e impostos para pôr cobro à degradação continuada das condições de vida e de trabalho; a melhoria da segurança social; a garantia da saúde do povo, aplicando entre outras medidas a Lei do Serviço Nacional de Saúde; a definição de um Plano Nacional de Habitação e outras medidas que garantam a habitação e resolvam esse gravíssimo problema nacional; uma política de educação e ensino que garanta o direito ao sucesso escolar e sirva a juventude e o país; a democratização do acesso à fruição e à criação culturais, colocando a cultura ao serviço do povo e da independência nacional; a democratização cultural e o equilíbrio ecológico; uma política que tenha em conta as aspirações da juventude, que respeite os direitos das mulheres, que apoie os emigrantes.

APU, o voto certo

Só com uma política de independência nacional, de paz e cooperação com todos os povos e países do mundo é possível vencer a crise e resolver os problemas nacionais — sublinha o programa eleitoral do PCP, acentuando a necessidade da participação activa de Portugal no domínio da luta pela paz e pelo desarmamento e de uma política externa digna de Abril.

O conjunto de medidas que aqui muito pela rama abordamos e que constituem o essencial do programa do PCP para as eleições próximas é, por um lado, um inestimável documento de trabalho para divulgar as propostas dos comunistas; por outro lado é, por si mesmo, a prova de que estas propostas não serão concretizáveis sem o reforço considerável da votação no PCP e na APU.

Vencer a crise, garantir a estabilidade democrática e o progresso é só possível com um governo constituído por democratas e patriotas — um Governo Democrático de Salvação Nacional — que dê garantias de empenho na concretização de uma nova política.

A APU é, assim, o voto certo para um novo rumo no caminho de Abril.

Porto

Campanha dos 10 mil arranca no dia 31

A campanha dos 10 000 contos para o novo Centro de Trabalho na cidade do Porto arranca em 31 de Agosto com um grande jantar de confraternização no pavilhão do CT da Boavista.

Prossegue em bom ritmo o lançamento da campanha cuja abertura «oficial», no próximo dia 31, será marcada por uma bela confraternização que reunirá centenas de militantes e amigos do Partido. As inscrições podem desde já ser feitas em qualquer Centro de Trabalho, onde poderão também ser entregues as ofertas de géneros: arroz, batata, sal, azeite, óleo, vinho, fruta e doces, que constam de um apelo lançado pela comissão coordenadora da campanha.

É pois com alegria, confiança e disposição de luta e de trabalho que os comunistas da cidade do Porto encaram as complexas e exaltantes tarefas que têm pela frente — as batalhas eleitorais e a aquisição do novo centro de trabalho.

No primeiro número do jornal quinzenal da campanha, que acaba de sair, sobressaem três tarefas: um grande esforço de divulgação da campanha junto dos trabalhadores e da população em geral; a distribuição imediata dos materiais da campanha por todos os camaradas, nomeadamente os cupões; e a discussão e aprovação das metas e sub-metas de todos os organismos.

Tais metas terão que ser rigorosamente cumpridas pois estão assumidos compromissos com o pagamento das obras e da sede. E compromisso assumido é compromisso que tem de ser cumprido!

Distrito de Coimbra

Vivacidade e entusiasmo

À semelhança das outras zonas do País, o distrito de **Coimbra** conhece já a animação e a intensa actividade de esclarecimento da APU. Vivacidade, entusiasmo e boa participação popular têm sido notas comuns a diversas iniciativas da pré-campanha eleitoral no distrito.

Falando de iniciativas, podemos referir, a título de exemplo, a que reuniu cerca de 300 pessoas no Choupal, numa acção promovida pela Comissão Local de **Relvinha** (freguesia de Eiras). Na altura foram distribuídos centenas de exemplares do jornal «Verão 85».

A **juventude** tem marcado presença destacada tanto no trabalho de organização das iniciativas como na sua participação. Um exemplo: a banca com propaganda sonora instalada no passado dia 16 junto à estação da CP, em Coimbra.

Ainda no concelho de Coimbra, a festa rija teve espaço em **Marmeleira** (Souselas). Cerca de 150 pessoas ali estiveram para uma boa jornada de convívio e de esclarecimento, num local aprazível. A música ouvia-se em toda a localidade. E a sardinha pingava no pão... Além do jornal «Verão 85» foi distribuído na altura um comunicado dirigido à população em que se aborda o flagelo dos salários em atraso a nível nacional e regional. Aí se destaca o caso da **Soprem**, uma empresa localizada perto de Souselas (embora já no distrito de Aveiro). A Soprem tem oito meses de salários em dívida para com os seus trabalhadores.

Falando ainda sobre este convívio em Marmeleira, exemplo que se multiplica por toda a região, é de salientar o torneio de malha promovido pelo Atlético Clube Marmeleirense, que assim se associou à iniciativa.

No próximo **domingo** decorrerá mais um convívio APU. Desta vez será em **S. Paulo de Frades**, freguesia do concelho de **Coimbra**.

PCP

APU desempenha na situação actual um papel que pode ser determinante

Nas instalações da Casa do Alentejo, em Lisboa, a Aliança Povo Unido divulgou, em Conferência de Imprensa, efectuada no passado dia 13, a lista de candidatos às eleições legislativas de 6 de Outubro pelo continente, regiões autónomas e círculos da emigração.

A representação da APU era composta por Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP; José Manuel Tengarrinha, presidente do MDP/CDE; Maria Santos, do partido «Os Verdes»; Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP; Helena Cidade Moura, vice-presidente do MDP/CDE e Vítor Dias, membro do CC do PCP.

No encontro com os jornalistas, após as intervenções introdutórias proferidas por Álvaro Cunhal (que publicamos a seguir) e José Manuel Tengarrinha, foi salientado que o objectivo eleitoral da APU é reforçar a votação nesta coligação eleitoral de molde a viabilizar a alternativa democrática, possibilidade que se mostra bastante possível, quanto mais não seja face ao receio demonstrado pelos outros partidos que na Assembleia da República quiseram alterar a Lei Eleitoral no objectivo de prejudicar a APU.

Foi também distribuído pelos representantes dos órgãos de informação o texto do acordo eleitoral assinado entre o PCP e o MDP/CDE — que transcrevemos —, o qual foi considerado mais positivo para o MDP/CDE do que os anteriores.

***Conferência de Imprensa da APU** para divulgação dos candidatos por todo o País às próximas eleições legislativas — um conjunto de nomes abrangendo todos os sectores democráticos da vida nacional, garantindo uma defesa firme dos interesses do povo e do país*

É o seguinte o texto da declaração do camarada Álvaro Cunhal divulgado na Conferência de Imprensa na Casa do Alentejo:

Ao apresentar-se às eleições, o PCP tem plena consciência de que **a Aliança Povo Unido (a APU) é chamada a desempenhar na situação actual um papel que pode ser determinante para a solução democrática da gravíssima crise económica, social, política, nacional e moral que o País atravessa.**

De facto, é indesmentível que a desastrosa situação económica, a degradação do sistema financeiro, a destruição de sectores básicos da indústria, agricultura, pescas, transportes e serviços, o agravamento das condições de vida dos trabalhadores e do povo em geral, o agravamento da dependência externa, a crescente instabilidade do funcionamento das instituições e a vaga de corrupção são **consequência da política de direita seguida por sucessivos governos do PS, PSD e CDS nos últimos nove anos, designadamente pelo Governo de Mário Soares que se encontra demitido.**

O objectivo estratégico fundamental desses governos, ao qual se têm subordinado todos os aspectos da sua acção, é a destruição das grandes conquistas democráticas da Revolução de Abril (nacionalizações, Reforma Agrária, direitos dos trabalhadores e agricultores, Poder Local democrático) com vistas à restauração do capital financeiro e dos monopólios (associados ao imperialismo) e dos latifúndios do tempo da ditadura fascista.

Nove anos deram a prova de que tais objectivos e tal política não resolvem antes agravam cada vez mais todos os problemas nacionais, até se atingir a calamitosa situação presente.

Procurando desresponsabilizar-se pela situação que é consequência directa da sua acção no Governo ao longo de 9 anos, o PS, o PSD e o CDS, na sua campanha eleitoralista, prometem uma vez mais a solução de todos os problemas nacionais, como se não tivessem sido eles próprios a criá-los.

Quaisquer que sejam as promessas demagógicas que façam, o Povo português só pode esperar a continuação dessa política que conduziu à desastrosa situação actual, contra a qual os trabalhadores e as massas populares lutaram corajosamente no último ano e meio até conseguirem a derrota e a demissão do Governo e da coligação PS/PSD.

O PCP, o MDP, o partido Os Verdes e os democratas independentes que integram a APU **consideram comummente como imperativo democrático e patriótico pôr definitivamente termo a essa desastrosa política e ao sistema de coligações de direita (com ou sem o PS) que a têm realizado.**

O PCP, o MDP, Os Verdes, e os democratas independentes, que integram as listas APU, consideram comummente a urgência de **um novo rumo da política nacional capaz de salvar o País, vencendo a crise, resolvendo os graves problemas nacionais no caminho da liberdade, da democracia, do progresso social, da independência e da paz aberto pela Revolução de Abril.**

Neste sentido, serão divulgadas durante a campanha eleitoral da APU, tanto as linhas programáticas de acção governativa a médio e longo prazo, como decisões de emergência a tomar a curto prazo por um Governo democrático.

O **Acordo de Acção Parlamentar** (hoje divulgado) firmado pelo PCP e o MDP/CDE para vigorar durante a próxima legislatura da Assembleia da República, estabelece, como grandes linhas orientadoras, o respeito pela legalidade constitucional e a ordem democrática, a defesa das liberdades e das outras grandes conquistas de Abril, a melhoria das condições de vida do povo uma nova política externa de independência, paz e amizade com todos os povos e países.

O PCP e o MDP/CDE têm o propósito comum de intervir activamente com vista à constituição de um Governo democrático que tenha por base o entendimento entre forças democráticas e patrióticas incluindo independentes representados ou não na Assembleia da República que, com competência e seriedade, se proponham realizar uma política capaz de resolver os graves problemas nacionais.

A demissão do Governo PS/PSD, a dissolução da Assembleia da República e **a convocação de eleições antecipadas para 6 de Outubro, abrem ao Povo português a oportunidade de pôr fim à política de destruição, desemprego, fome e miséria e de criar condições para uma alternativa democrática, que salve Portugal do desastre.**

Votar no PS, no PSD e no CDS, julguem ou não os eleitores, é votar para que continue o agravamento da crise e de todos os aspectos da vida nacional.

Uma grande vitória da APU, com o reforço da votação na APU e o aumento substancial do número de deputados cujas candidaturas constam das suas listas é condição indispensável para que uma alternativa democrática seja possível.

A Aliança Povo Unido (APU) concorre em todos os círculos eleitorais. Os candidatos que forem eleitos estão preparados e prontos a assumir as suas responsabilidades na Assembleia da República, exercendo o seu mandato com seriedade, dedicação e competência — ao serviço do povo e do País.

Acordo de acção parlamentar entre o PCP e o MDP/CDE

Na Conferência de Imprensa da Casa do Alentejo foi divulgado o acordo de acção parlamentar, estabelecido em Março de 1985, entre o PCP e o MDP/CDE, com vista às próximas eleições legislativas. É o seguinte o teor do referido acordo:

1. O Partido Comunista Português (PCP) e o Movimento Democrático Português (MDP/CDE) estabelecem e tornam público o seu Acordo de Acção Parlamentar para vigorar durante a próxima Legislatura da Assembleia da República.

Trata-se de um instrumento de cooperação entre os dois partidos que reforça a consistência e projecta no futuro as propostas eleitorais da APU.

2. O presente Acordo adquire plena justificação na circunstância da Aliança Povo Unido (APU), em que os dois partidos concorrem às eleições legislativas, ser uma coligação constituída nos termos da lei eleitoral que cessa com a publicação dos resultados eleitorais oficiais e dá origem a dois Grupos Parlamentares distintos — o Grupo Parlamentar do PCP e o Grupo Parlamentar do MDP/CDE.

3. A cooperação no plano parlamentar entre o PCP e o MDP/CDE norteia-se pelos pontos programáticos comuns aos dois partidos e assenta, nomeadamente, nos seguintes grandes princípios essenciais:

a) o respeito inequívoco pela legalidade constitucional e a ordem democrática;

b) a defesa das liberdades e demais conquistas democráticas alcançadas com o 25 de Abril, em especial, as nacionalizações, a Reforma Agrária, o Poder Local democrático e a participação popular na vida nacional;

c) a melhoria das condições de vida materiais e culturais dos trabalhadores e das camadas médias;

d) a definição de uma nova política económica e financeira baseada na perspectiva do desenvolvimento, para a saída da crise e a resolução dos grandes problemas nacionais;

e) política externa de independência, paz e amizade com todos os povos e países, a recusa em território nacional de bases militares estrangeiras para operações de agressão bem como da instalação e trânsito de armas nucleares no nosso País.

4. O PCP e o MDP/CDE, na realização de eventuais iniciativas parlamentares conjuntas ou convergentes que vierem a desenvolver, procurarão favorecer, estimular e alcançar uma ampla cooperação e entendimento entre as forças democráticas, incluindo os democratas independentes, representados ou não na Assembleia da República, e deputados de quaisquer partidos ou grupos parlamentares. Os dois partidos consideram esta cooperação como condição indispensável para a aprovação de decisões e leis favoráveis aos interesses populares e nacionais e como forma essencial de exprimir na vida das instituições as aspirações de unidade democrática e a rica experiência de cooperação dos democratas, que constitui património vivo do nosso povo.

5. O PCP e o MDP/CDE, perante a falência das coligações de direita, com ou sem PS, colocam, como ponto relevante de cooperação entre os seus grupos parlamentares, intervir activamente com vista à constituição de um Governo democrático que tenha por base o entendimento entre as forças democráticas e patrióticas incluindo independentes representados ou não na Assembleia da República, que com competência e seriedade se proponham realizar uma política capaz de resolver os graves problemas nacionais.

6. O PCP e o MDP/CDE manifestam o propósito de tudo fazer para obter a revogação da legislação inconstitucional em vigor em matéria de nacionalizações, particularmente a lei de entrega dos sectores, Reforma Agrária, arrendamento rural; a revogação da legislação atentatória dos direitos e interesses dos trabalhadores e da população em geral, com destaque para a lei *off*, a legislação sobre contratos a prazo, a lei das rendas, a lei dos serviços de informações e da ficha do cidadão e acordos militares que atentem contra a soberania nacional e limitem a capacidade de defesa autónoma.

7. O PCP e o MDP/CDE acordam tudo fazer para combater os propósitos declarados pelo PS, PSD e CDS de aprovarem as leis da segurança interna, tutela sobre as autarquias, o pacote laboral e o pacote agrícola.

8. O PCP e o MDP/CDE acordam conceder particular atenção no plano da sua cooperação parlamentar às iniciativas legislativas de natureza económica e social, nomeadamente as que possam contribuir para a melhoria das condições materiais e culturais da vida das populações, às que visem resolver graves problemas sociais, com particular destaque para medidas que ponham cobro à situação dos salários em atraso, ao caos no ensino, às que assegurem a plena concretização da descentralização administrativa e a consolidação do Poder Local, às que defendam o desenvolvimento democrático das Regiões Autónomas, às que

POVO UNIDO

Os candidatos do Povo Unido

A Aliança Povo Unido apresenta nas suas listas um total de 352 candidatos, dos quais 250 efectivos e 102 suplentes.

Desse conjunto de 352 candidatos, 246 são membros do **PCP**, 45 são membros do **MDP/CDE**, 8 são membros do Partido **«Os Verdes»** e 53 são **independentes**. 60 candidatos da APU são **mulheres**, 3 das quais são cabeças de lista — em Aveiro, Beja e Vila Real. 35 são **jovens** (– 30 anos), dos quais 3 são dirigentes da Juventude Comunista Portuguesa.

No que respeita à composição social:

— 64 são **operários**, dos quais 7 operários agrícolas;
— 72 são **empregados**;
— 3 são **pescadores**;
— 183 são **intelectuais ou quadros técnicos**;
— 9 são **pequenos e médios comerciantes e industriais**;
— 6 são **agricultores**;
— 3 são **militares na reserva**;
— 12 têm **profissões diversas**.
— 54 candidatos são **dirigentes e delegados sindicais** e 59 são **membros de órgãos autárquicos.**

possam constituir um estímulo ao incremento das actividades produtivas nacionais, às que criem condições para a valorização da contribuição de pequenas e médias empresas para a recuperação económica.

9. O PCP e o MDP/CDE acordam no princípio de uma estreita cooperação dos seus grupos parlamentares com vista a combater todas as tentativas de, por via legislativa, ou outra, subverter o regime constitucional, atentar contra as conquistas democráticas realizadas com o 25 de Abril, restringir os direitos e as liberdades dos cidadãos bem como manter uma grande vigilância face aos propósitos de alteração da Lei Eleitoral, já anunciados, tanto pelo PS, como pelo PSD e CDS. Acordam ainda em cooperar com vista a combater a governamentalização da Assembleia da República e a restabelecer a democraticidade do seu funcionamento, desde logo pela revisão do Regimento antidemocrático aprovado na anterior legislatura pelo PS, PSD e CDS.

10. O PCP e o MDP/CDE acordam em estabelecer o princípio da prévia informação e de consulta mútua em matérias fundamentais como a discussão dos programas do Governo, a apresentação e votação de moções de censura e de confiança, a votação das Leis das Grandes Opções e do Orçamento, a votação de Leis de revisão constitucional quando tiverem lugar e sobre questões de funionamento da Assembleia da República.

11. O presente Acordo de Acção Parlamentar vigora desde o primeiro dia de trabalhos da nova Assembleia da República saída das eleições de 6 de Outubro até ao termo da Legislatura.

Domingos Abrantes em Setúbal:

«É tempo de se emendar o erro pondo na rua o Governo»

Como tem acontecido em outros distritos do país, em Setúbal foram também apresentados os candidatos por aquele círculo. No passado sábado, na capital sadina, bem no seu centro e num local privilegiado — o jardim do Bonfim — foi uma festa. Ao som da «Carvalhesa» que cumpre, no arranjo conseguido, o seu papel novo de indicativo musical do Povo Unido, desenrolou-se um convívio fraterno, uma festa, um comício. Em que os candidatos da APU tomaram a palavra.

Tudo começou com o espectáculo. E, apesar de cedo na tarde de sábado, hora de praia, muita gente se aglomerou sobre o relvado em frente de um estrado decorado com a sigla APU. Actuaram o grupo coral da Casa do Povo do Cercal, o Grupo Banza, do Seixal, José Jorge Letria e Carlos Alberto Moniz. A meio do espectáculo chegaram dezenas de jovens, com tambores e animaram a festa. Bares e venda de artesanato faziam parte também desta jornada.

Foi o Presidente da Câmara de Setúbal, membro do CC do PCP, quem apresentou os candidatos pelo círculo — lista que hoje publicamos na íntegra. Francisco Lobo pronunciou uma breve intervenção — palavras de orgulho e satisfação, «pois mais uma vez temos a certeza de que os candidatos propostos pela APU são os que melhor irão defender os interesses do nosso distrito, os interesses do povo, os interesses da Nação».

Depois de chamar ao estrado os candidatos, a palavra foi dada a Valente Fernandes, médico, candidato pelo Partido «Os Verdes» que, em breve improviso, falou sobre as preocupações daquela organização quanto aos problemas do emprego, da qualidade de vida, da poluição, preocupações que serão levadas à AR pelo deputado a eleger no quadro da APU.

A camarada Odete Santos, também em improviso, deu aos presentes «números da verdade», fazendo um balanço curto da actividade dos deputados comunistas pelo distrito e em geral. Revelou que os deputados do PCP fizeram nada menos de 220 intervenções, tendo sido apresentados 67 projectos-lei, 7 deles sobre o problema dos salários em atraso, lembrando também a criação de novas freguesias no concelho. E comparou, em número, as iniciativas dos comunistas e dos outros partidos. Números, é claro, sem comparação...

Francisco Nuno, do MDP/CDE, saudou, por seu lado, os partidos com que o MDP se encontra coligado e dirigiu uma especial saudação ao eleitorado jovem. Sublinhando que o MDP se distingue do PCP, o candidato acentuou, por outro lado, os pontos que ligam estes dois partidos, não só pelo passado antifascista mas pela fidelidade à Constituição e à democracia, salientando a ironia de serem os únicos partidos a manterem-se coligados ao longo dos anos.

Abrem-se perspectivas

O camarada Domingos Abrantes, cabeça de lista da APU pelo círculo de Setúbal, interveio a encerrar o comício. Começou por salientar o «enorme significado para os destinos do nosso povo e do regime democrático» que as eleições de 6 de Outubro revestem.

«Com estas eleiçeõs», disse, «abrem-se perspectivas reais de se alcançar uma viragem na vida política nacional que, retomando os caminhos de Abril, permita atacar os graves problemas do país.

«Para que este objecivo seja alcançado», continuou Domingos Abrantes, «não basta condenar a política de direita seguida pelos sucessivos governos, em particular a política seguida pelo Governo PS/PSD, é necessário e indispensável pôr fim às coligações de direita, derrotando definitivamente os responsáveis pela crise económica, financeira, política, social e moral, os responsáveis pelos atentados às liberdades e ao regime democrático, o PS, o PSD e o CSD.»

Manifestando a confiança de que as forçass que integram a APU tudo farão para que aquele objectivo seja alcançado, o dirigente comunista recordou que, em apenas 9 anos, 11 actos eleitorais se realizaram. «Formaram-se e foram derrotados nove governos, compostos quase todos pelo PS, PSD e CDS coligados de formas diversas.»

«Foi a incapacidade destes partidos em dar solução aos problemas nacionais, foi a resistência operária e popular à sua política de destruição das conquistas democráticas e de agravamento das condições de vida do povo que os levou à derrota, confirmando-se que não basta a existência de uma maioria parlamentar para aguentar um Governo que realiza uma política que não tem em conta a realidade que é o Portugal de Abril.

«A demissão do Governo PS/PSD, a dissolução da Assembleia da República e a marcação de eleições antecipadas, constitui uma estrondosa derrota para as forças reaccionárias.»

Chamando a atenção, mais adiante, de que «nem tudo está claro quanto ao futuro», pois subsiste a gravidade da situação económica e social e se permitiu que o Governo, embora demitido, se mantivesse em funções, Domingos Abrantes mostrou exemplos, extraídos da acção governativa de dois anos, do quanto foi importante suster o plano de liquidação do próprio regime democrático. E sublinhou:

«A demissão do Governo PS/PSD deveria ter sido acompanhada de uma medida elementar, a nomeação de um Govenro de gestão honesto e isento, capaz de garantir a democraticidade do processo e acto eleitorais. Não aconteceu assim e o erro está à vista.»

E mais adiante:

«Ainda é tempo de se emendar o erro, ponto na rua definitivamente o Governo demitido, a bem do regime democrático e das próprias liberdades.»

POVO UNIDO

Candidatos por Setúbal

Apresentados publicamente em Setúbal, no passado sábado, os candidatos da APU por aquele círculo haviam, por lamentável lapso, sido incorrectamente descritos no passado número do nosso jornal, faltando uma série de nomes. Ao mesmo tempo que damos, hoje, a lista completa dos candidatos da Aliança Povo Unido por Setúbal, apresentamos as nossas desculpas pela omissão anterior.

Candidatos efectivos

Domingos Abrantes, 49 anos, operário, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, deputado à Assembleia da República.

José Vitoriano, 67 anos, operário, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, vice-Presidente da Assembleia da República.

José Manuel Maia, 39 anos, operário, membro suplente do Comité Central do PCP, secretário da Mesa da Assembleia da República, membro do secretariado do grupo parlamentar do PCP.

Odete Santos, 44 anos, advogada, membro do PCP, deputada à Assembleia da República.

Rogério Brito, 39 anos, engenheiro técnico agrário, membro do PCP, deputado à Assembleia da República.

Carlos Manafaia, 54 anos, pescador, membro do PCP.

Jorge Patrício, 27 anos, operário, dirigente da Juventude Comunista Portuguesa, deputado à Assembleia da República.

Apolónia Teixeira, 35 anos, funcionária pública, membro do PCP.

Francisco Nuno, 51 anos, professor do Ensino Secundário, membro do MDP/CDE.

Conceição Morais, 36 anos, empregada de escritório, membro suplente do Comité Central do PCP.

Modesto Pereira, 48 anos, advogado, membro do PCP.

Edgar Costa, 34 anos, presidente da Região de Turismo do Distrito de Setúbal, membro do PCP.

Ferreira Costa, 40 anos, técnico de electrónica, membro do MDP/CDE.

Fernando Vasco, 38 anos, médico, membro do PCP.

António Marquês, 35 anos, engenheiro, presidente da Junta de Freguesia da Amora, membro do PCP.

Eduardo Maximino, 46 anos, professor do ensino primário, independente.

José Encarnação, 31 anos, operário, dirigente da União dos Sindicatos de Setúbal, membro do PCP.

Suplentes

José Maria Bolões, 46 anos, gerente comercial, membro do PCP.

João Vicente, 43 anos, engenheiro técnico agrário, membro do MDP/CDE.

Valente Fernandes, 38 anos, médico, membro do partido «Os Verdes».

Henriqueta Maia, 39 anos, actriz, membro do PCP.

Brito Apolónia, 44 anos, Presidente da Câmara da Moita, membro do PCP.

PCP

Como podem eles falar contra a corrupção?

• Octávio Pato aponta no Cacém a manobra mistificatória dos que agora fingem estar contra a corrupção

A profunda hipocrisia dos que, agora que as eleições se aproximam, fazem da luta contra a corrupção tema de campanha, quando ainda há bem pouco tempo, apesar das suas responsabilidades governativas, fingiam (no mínimo) que não era nada com eles, foi denunciada por Octávio Pato durante um comício realizado sábado passado no Cacém.

Aquele membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP salientou que «a corrupção, o compadrio e a desvergonha são as notas dominantes dos últimos anos da nossa vida política», recordando que «o próprio Governo foi obrigado a desfazer-se de alguns dos seus membros devido ao seu envolvimento claro em actividades ilícitas».

E Octávio Pato chamou a atenção para alguns casos concretos, como os que envolveram Sousa Tavares (escândalo da DOPA), os ex-secretários de Estado Custódio Simões e Mesquita Machado, assim como o de Rui Amaral e dos directores-gerais das Alfândegas e das Pescas, sublinhando: «Estes são apenas alguns dos casos que vieram a público e que, por essa razão, o Governo se viu obrigado a reconhecer. Quantos não estarão abafados nos gabinetes alcatifados do Poder?»

Depois de recordar também «a situação escandalosa da banca nacionalizada e das empresas públicas, das despesas sumptuárias, os carros de luxo, as almoçaradas, as viagens ao estrangeiro», Octávio Pato acrescentou: «Sabe-se que um deputado do PSD, que volta agora a candidatar-se por um dos principais círculos eleitorais, gastou nas suas viagens ao estrangeiro, à custa da Assembleia da República, mais de 30 mil contos!»

Quem paga quer contrapartidas

Octávio Pato passou a referir-se a outros aspectos da corrupção, nomeadamente no que se refere às ligações com o imperialismo, citando alguns factos que, obviamente, a comunicação social estatizada cuidadosamente esconde — não obstante tratar-se, sem qualquer dúvida, de factos **com interesse jornalístico...**

Disse o dirigente do PCP:

«É por demais conhecido que o PS, o CDS e o PSD são generosamente subsidiados por fundações e organizações de países capitalistas como a RFA e os Estados Unidos. Como é evidente, quem paga quer contrapartidas e elas aí estão à vista de todos:

«Portugal, pela mão desses partidos e dos seus dirigentes, é hoje, em todos os planos, um submisso parceiro do imperialismo.

«Ainda recentemente, o Partido Socialista, através de uma das suas organizações receptadoras de dinheiros estrangeiros — a Fundação José Fontana —, recebeu 250 mil dólares (+ de 42 mil contos) provenientes do City Bank, um dos mais poderosos bancos norte-americanos. Será que foi este o preço que o City Bank pagou para se instalar em Portugal ou será que estamos apenas em presença de mais uma "acção de solidariedade" de Carlucci e os seus amigos da CIA? Como curiosidade podemos adiantar que quem levantou os 250 mil dólares foi o sr. Fernando Barroso, familiar do dr. Mário Soares e dirigente da Fundação José Fontana. É caso para dizer que nestas coisas de dinheiros o dr. Soares só confia na família ou não vá o diabo tecê-las...

«Outro exemplo de subserviência ao imperialismo americano é a recente criação, sob o aval do Governo PS/PSD, da Fundação Luso-Americana, à qual o ministro Jaime Gama chamou já "uma nova Gulbenkian". A comparação é curiosa só que esta "nova Gulbenkian" não se irá dedicar à protecção da cultura e das artes, mas sim à expansão dos interesses norte-americanos em Portugal e noutras áreas.

«Para gestores da Fundação o dr. Mário Soares escolheu Rui Machete e Bernardino Gomes, seu chefe de gabinete. Os salários anunciados são apetitosos: 5 mil contos por ano.

«No Conselho de Administração figuram o ex-chefe da CIP, Vasco de Melo, o dirigente socialista e também da Fundação José Fontana, Rui Mateus, e o futuro embaixador americano Frank Shakespeare, um profissional da propaganda anticomunista que já deu mostra das suas intenções intervencionistas nos assuntos internos do nosso País, quando depôs perante uma Comissão do Senado americano.

«Também o conhecido inimigo da Reforma Agrária, António Barreto, agora repescado pelo PS como candidato a deputado por Évora, figura entre os responsáveis da Fundação.

«Sem dúvida que estamos perante os homens certos no lugar certo, pois para servir de capacho aos americanos só alguns servem.»

Distrito do Porto

Esclarecimento em tom de festa

Decorreram no passado fim-de-semana, no Porto, iniciativas da APU que assumiram formas diversas, desde a festa popular à distribuição de documentos.

A distribuição de documentos, particularmente do jornal «Verão 85», teve lugar quase todos os dias, mas o grosso da acção de distribuição aconteceu no feriado de dia 15. As praias do Porto e Gaia foram os locais privilegiados para a distribuição que se estendeu também a muitos bairros e zonas populosas da cidade do Porto, de Gondomar, de Valongo e ainda em romarias tradicionais, caso da Festa da Aparecida e da Feira de Paredes.

Muitas foram as festas da APU no passado fim-de-semana. Ao comício e à confraternização, associou-se a divulgação das opiniões, posições e objectivos da Aliança Povo Unido. Uma das mais participadas e animadas foi a Festa de Pedrouços, em Águas Santas, localidade que foi objecto de um projecto-lei apresentado na AR pelo Grupo Parlamentar do PCP para a passagem a freguesia. Centenas de pessoas acorreram ao mercado local e seguiram atentamente a intervenção proferida pelo camarada Sérgio Teixeira, do CC, e participaram animadamente no espectáculo de Samuel.

Em Matosinhos teve lugar a já tradicional Festa do Mar, que se iniciou no sábado à noite com uma sessão de fados e onde acorreram muitas pessoas.

No domingo, a festa prosseguiu com a intervenção de outros artistas e ao fim da tarde proferiu uma intervenção o camarada Edgar Correia, membro suplente da Comissão Política do CC.

Também em Gaia, no Monte da Virgem, em Valbom, Gondomar e em Massarelos tiveram lugar festas populares da iniciativa da APU.

Entretanto, realizou-se ontem, quarta-feira, uma reunião plenária da DORP, alargada a outros quadros do Partido, com o objectivo de discutir a situação política e apreciar o andamento da pré-campanha e da preparação da campanha eleitoral para as eleições legislativas de Outubro.

Novo Centro de Trabalho da DORS

A campanha a chegar aos 18 mil contos!

Está praticamente nos 18 mil contos o saldo actual da campanha de fundos que decorre em toda a Organização Regional de Setúbal (ORS) do PCP para erguer o novo Centro de Trabalho da DORS, na capital do Sado.

Ultrapassando as dificuldades características do período de Verão, especialmente as do mês de Agosto, «conciliando» as grandes responsabilidades do Partido no plano regional com as acções da campanha, dinamizando um leque variado de iniciativas em todos os concelhos, levando a todo o lado a mensagem da campanha e do seu importante objectivo, os comunistas do distrito de Setúbal prosseguem com entusiasmo as tarefas que uma campanha com esta envergadura exige.

Ao mesmo tempo que publicamos o gráfico relativo à situação até ao passado dia 5 (embora ligeiramente atrasado, o gráfico dá uma ideia dos avanços e dos atrasos nas diferentes organizações), aqui deixamos uma rápida informação sobre a participação de duas organizações do Partido em feiras tradicionais da região. Trata-se de **Grândola** e de **Santiago do Cacém**, onde funcionará, respectivamente, um restaurante e um pavilhão do Partido. A feira anual de Grândola decorrerá já nos próximos dias 24, 25 e 26 deste mês e a feira de Santiago a 31 de Agosto e a 1 e 2 de Setembro.

E já agora uma última nota sobre o trabalho dos comunistas setubalenses: um pouco por todo o distrito preparam a sua participação sempre combativa na Festa do Avante! Bom trabalho.

Planeamento do Treino
e preparação do treinador
JOSÉ CURADO
na estrada do futuro editorial CAMINHO

Planear é uma necessidade premente do desporto português

Preparar atletas e treinadores é o tema central deste livro do Professor José Curado, que durante cinco anos estudou no Instituto de Cultura Física de Bucareste com alguns dos melhores mestres de Educação Física e treino.

Distrito de Portalegre

APU em acção!

Aproxima-se já das cinco dezenas o número de freguesias do distrito de **Portalegre**, no Alto Alentejo, contactadas pelos candidatos da APU nesta fase de pré-campanha com vista às eleições legislativas de Outubro.

O esclarecimento das populações, a prestação de contas sobre a actividade do deputado eleito em 1983 e a divulgação da lista de candidatos para as próximas eleições têm sido pontos destacados das numerosas iniciativas já realizadas, e das quais podemos destacar os mini-comícios efectuados em **Alter do Chão, Fronteira, Castelo de Vide, Campo Maior, Terrugem** e **Santa Eulália**, entre outras localidades.

Para **amanhã** (sexta-feira) estão previstas iniciativas tipo porta-a-porta e comícios em **Longomel, Arronches, Vale do Açor, Galveias, Pisão** e **Alcorrego**. Além da apresentação dos candidatos na cidade de **Portalegre**, estão ainda marcadas para amanhã iniciativas nas empresas **Lanifícios** e **Robinson** e nos **bairros** dos **Assentos** e **Atalaião.**

No domingo, dia **25**, decorrerá em **Campo Maior** um cortejo de ofertas para a campanha da APU e porta-a-porta seguido de sessão em **Figueira e Barros**. Ainda para **domingo** estão previstas acções de esclarecimento nas seguintes localidades: **Choça, Cunheira, Cano, Casa Branca, Santo Amaro, Alagoa, e Fortios.**

Na segunda-feira, dia **26**, haverá um encontro de candidatos com reformados em **Fronteira** e sessões em **Cabeço de Vide** e em **Vale de Maceiras.**

Trabalhadores

CTT, CP e Torralta

A luta necessária!

Para largos milhares de trabalhadores Agosto não significa período de repouso e de aproveitamento pleno de férias, bem merecidas após um intenso ano de trabalho. A somar a todo um largo conjunto de problemas sociais que nos entram pela porta, persistem as manobras e as atitudes menos dignas de administrações, gerências, Governo. A tudo isso, os trabalhadores se opõem com a sua luta, a sua unidade e firmeza. Enfrentando com coragem a repressão e as pressões, analisando com seriedade os problemas das empresas, propondo soluções justas, alertando para as injustiças, as organizações representativas dos trabalhadores avançam com a luta necessária. Os exemplos dos **CTT**, **CP** e **Torralta**, que aqui deixamos nesta edição, são apenas uma parcela, embora significativa, das poderosas afirmações de combatividade que se vivem nas empresas, na luta por direitos justos. Direitos fundamentais que significam em primeiro lugar dignidade, trabalho, desenvolvimento da economia nacional, garantia dos postos de trabalho, justiça.

Já desde Março...

Novas formas de luta serão desencadeadas se não se esboçarem hipóteses de negociação séria com a administração. À hora a que fechamos esta edição do «Avante!» era este o ponto da situação nos CTT, onde recentemente se registou uma greve com forte participação.

A paralisação, realizada no dia 16, motivou o encerramento ou o funcionamento com escasso número de trabalhadores de numerosas estações dos Correios. Contratados a prazo e chefias foram, no essencial, os sectores que se apresentaram ao serviço no dia da greve. Significativa é a média de adesões à paralisação nos distritos de **Braga, Bragança, Vila Real, Viana do Castelo, Leiria, Santarém, Coimbra, Aveiro, Setúbal, Évora, Beja** e **Faro** e ainda nas estações centrais de Lisboa e Porto: de facto, a participação de trabalhadores atingiu os cerca de 70 por cento. Também nos Açores o pessoal dos CTT esteve na luta, tendo-se registado no sector das Telecomunicações de S. Miguel uma adesão na ordem dos 70 por cento.

Os números tendenciosos e falsos divulgados pela administração e desde logo aproveitados por alguma Comunicação Social resultam do aproveitamento da fraca adesão dos carteiros de Lisboa.

Recorde-se que já desde Março que se arrastam as tentativas de acordo para a revisão salarial na empresa, urgente para a reposição mínima do poder de compra perdido pelos trabalhadores.

Regulamento de carreiras

Contra a tentativa de imposição por parte do conselho de gerência de um desequilíbrio escalonar no regulamento das carreiras aos trabalhadores ferroviários, decorre até amanhã (sexta-feira) um calendário de paralisações na CP que se iniciou às zero horas do passado dia 12 com a paralisação dos ferroviários da área industrial da zona centro, abrangendo o pessoal das brigadas e sectores eléctricos, armazéns de materiais, brigadas de pontes e obras metálicas. Entre os dias 14 e 16 pararam os trabalhadores dos sectores de trens e revisão, estação, condução de ferrovia e assistentes de estação e viagem.

Depois, e cumprindo o calendário previsto, foi a vez entre os dias 17 e 19, dos trabalhadores da via fluvial: ligações Lisboa-Barreiro. Carreiras rodoviárias programadas pelo conselho de gerência da CP para as horas de ponta (Barreiro-Cacilhas) não conseguiram retirar o impacto da luta dos trabalhadores da CP.

Ao mesmo tempo que os barcos estavam parados, os serviços de autocarros da CP que funcionam nos percursos Viseu-Aveiro, Nelas-Viseu e Pocinho-Miranda do Douro, registaram igualmente idêntica forma de luta dos motoristas.

A greve na CP registou ainda as paralisações dos trabalhadores de renovação da via, via, obras, passagens de nível, exploração florestal, serviços de topografia e motoristas. Caso não tenha sido dada resposta positiva da administração da empresa, a luta prossegue até amanhã, desta vez com as paralisações dos sectores de oficinas do norte e sul e os administrativos a nível nacional, incluindo a informática, armazéns de víveres, infantários, bares e cantinas, formação, laboratórios clínicos e industriais, psicologia e tesouraria.

Para onde vai tanto dinheiro?

Os dirigentes e delegados sindicais e a Comissão de Trabalhadores da Torralta reúnem-se **hoje** para analisar a situação após a recente greve de quatro dias na empresa e para debater futuras acções. O pagamento de três meses de salários em atraso e a defesa dos postos de trabalho estão no centro dos motivos que têm levado os trabalhadores para a luta.

A recente paralisação na empresa teve uma adesão superior aos 80 por cento. Foi sem dúvida uma poderosa greve, que evidenciou a unidade e a firmeza de largas centenas de trabalhadores, nomeadamente nas unidades do Algarve, Tróia e Serra da Estrela. A Torralta possui também um hotel em Bragança.

Durante a greve apenas trabalhou «grande parte dos contratados a prazo que na esmagadora maioria apenas fizeram o seu horário de trabalho, recusando o prolongamento, ao mesmo tempo que alguns directores, administradores e bajuladores procuravam desajeitadamente lavar a loiça, fazer camas e servir à

mesa», assinala uma nota divulgada pelas organizações representativas dos trabalhadores.

Entre as reacções manifestadas pelos utentes (18 mil no Algarve e mais de 4 mil no complexo de Tróia, não falando já da Serra da Estrela), é de salientar esta, sem dúvida legítima: **para onde têm ido as elevadas receitas obtidas pela empresa neste período de Verão, com tudo esgotado em todo o lado?** As organizações dos trabalhadores elucidam: essas verbas estão a ser canalizadas para pagar despedimentos, obras desnecessárias e gastos supérfluos. Ao mesmo tempo que se espezinham os direitos de 2500 trabalhadores.

3.º Encontro das Vindimas

Por iniciativa dos Sindicatos Agrícolas dos Distritos de Vila Real, Viseu e Bragança, vai realizar-se no dia **1 de Setembro** próximo na Régua o 3.º Encontro das Vindimas, iniciativa que tem vindo a ser preparada através de várias acções, das quais destacamos a divulgação de um inquérito da região do Douro. As respostas a esse documento vão proporcionar um melhor conhecimento dos problemas que afectam os trabalhadores, ao mesmo tempo que dará um contributo significativo para o projecto da carta reivindicativa a discutir durante o encontro.

Têxteis: propostas inaceitáveis do patronato

Está previsto para o próximo dia **2 de Setembro** o recomeço das negociações da contratação colectiva dos trabalhadores têxteis. O ponto da situação pode resumir-se assim: o patronato prepara-se para divulgar propostas de aumentos salariais que «não repõem minimamente a perda do poder de compra do último ano», não esconde a vontade de romper logo de início as futuras negociações e reforça a sua ligação aos divisionistas. Graças ao Sindetex/UGT – é bom recordar – «mais de 10 mil trabalhadores não viram os seus salários actualizados em 1984/85».

Curso de Aperfeiçoamento para electricistas

Termina no próximo dia **26** (segunda-feira) o prazo para as inscrições no Curso de Aperfeiçoamento Profissional (Reciclagem) promovido pela Federação dos Sindicatos dos Electricistas. O curso decorrerá nos primeiros meses do próximo ano em datas a determinar e nas localidades onde entretanto se registaram um número mínimo de inscrições. Os finalistas do curso terão acesso à inscrição na Direcção-Geral de Energia, como Técnico Responsável, sem necessidade dos electricistas não habilitados se submeterem às provas de avaliação previstas na Portaria 705/84. O curso, cuja inscrição é gratuita, constitui o arranque para um significativo conjunto de acções a empreender no capítulo da formação profissional.

V Encontro de Jovens Operários Agrícolas

De Évora vem a notícia: é já no próximo **sábado**, dia 24, que decorrerá em Vendas Novas o V Encontro de Jovens Operários Agrícolas. A situação actual e as tarefas de futuro da juventude serão temas em foco nesta iniciativa, marcada para as 10 horas, no salão da Câmara Municipal de Vendas Novas.

Metalomecânica pesada na mira do IPE

«Reestruturação» rima com *destruição*

Uma «reestruturação» apontada ao desmembramento e destruição de postos de trabalho no sector da metalomecânica pesada continua de pé nos planos do Instituto de Participações do Estado (IPE). Empresas de grande envergadura no quadro da economia nacional, como a **Equimetal**, **Sorefame** e **Mompor**, são alvos preferenciais desta «febre» reestruturadora.

Atentas à situação e ao evoluir do plano do IPE estão, naturalmente, as organizações representativas dos trabalhadores, que têm alertado a opinião pública e em particular o pessoal que labuta neste importante sector para as consequências da «reestruturação» prevista nos planos do IPE. Vejamos apenas alguns exemplos elucidativos.

No caso da **Equimetal**, o IPE não nega uma tentativa de despedimento colectivo no núcleo do **Porto** (em perigo estão mais de seis dezenas de postos de trabalho) e o espartilhamento da divisão do Barreiro.

Quanto à **Sorefame**, o desmembramento previsto pelo IPE inclui a tentativa de desanexação da divisão de equipamentos industriais na Amora (Seixal). Para a **Mompor**, o que se anuncia também deixa sérias preocupações.

A resposta do movimento sindical

Tendo como principal objectivo a análise da situação das empresas do sector decorreu recentemente no Barreiro uma reunião em que participaram elementos da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, da União dos Sindicatos de Lisboa (USL), da União dos Sindicatos de Setúbal (USS), dos Sindicatos dos Metalúrgicos de Lisboa e do Sul, e ainda das comissões intersindicais e de trabalhadores da Equimetal, Sorefame e Mompor. O plano de «reestruturação» do IPE foi ponto destacado no debate realizado.

A análise responsável dos problemas possibilitou que as estruturas unitárias do movimento sindical presentes no Barreiro tomassem as seguintes decisões:

1 — Declarar mais uma vez que o plano do Governo PS/PSD, IPE e administrações foi, é e será rejeitado dado que não vem resolver nenhum dos problemas existentes, antes visa a continuação de centenas de despedimentos, pretendendo desmembrar um sector vital para o desenvolvimento do País;

2 — Considerar que tal plano foi concebido e identificado como peça de uma orientação político-económica e social do Governo PS/PSD, reconhecidamente ruinosa e por isso derrotada;

3 — Reafirmar a ilegitimidade do Governo PS/PSD, IPE e administrações das empresas para implementar o seu plano de «reestruturação»/destruição das empresas;

4 — Repudiar a tentativa de imposição da Metalsines e da SGM na Equimetal e Sorefame, continuando a luta pela viabilização das empresas no quadro da Sorefame, Equimetal e Mompor, não permitindo a sua destruição;

5 — Solicitar audiência ao Presidente da República com o objectivo de denunciar a situação actual e exigir a demissão do Governo devido à exorbitação diária dos poderes que lhe estão atribuídos como governo de gestão.

Internacional

Discurso de Pieter Botha

A MONTANHA PARIU UM RATO

Como seria de esperar, do anunciado discurso do Presidente da África do Sul, Pieter Botha, nada de novo surgiu, apesar do clima de ansiedade que certa informação procurou criar a nível mundial. Citavam-se as **fontes geralmente bem informadas** para dizerem que Nelson Mandela iria ser libertado; que negociações entre os representantes do «apartheid» e do Congresso Nacional Africano (ANC) iriam decorrer; que, agora sim, iriam ser estabelecidos direitos iguais entre as diferentes comunidades sul-africanas.

A campanha de propaganda foi tão intensa e bem executada que em todo mundo a expectativa era geral. E quando Pieter Botha começou a falar logo se viu que afinal a montanha parira um rato. A única promessa é de que a repressão e a violência vão continuar e que a minoria branca (uma parte dela, é certo) não está disposta a abdicar dos seus direitos. Tudo o resto se caracterizou por afirmações vagas de modo a não causarem apreensões entre a direita mais reaccionária da minoria branca, que não hesitaria em aparecer de armas na mão (aliás conta com bastantes apoios nas forças armadas e nas forças repressivas), para evitar que os seus privilégios fossem beliscados.

As reacções ao discurso de Botha não se fizeram esperar. No próprio dia, o bispo Desmond Tutu, Prémio Nobel da Paz, comentava a farsa que representara o discurso de Botha, salientando não existir nenhuma proposta concreta para resolver os problemas nem o desejo expresso, sequer, de os encarar.

Por seu turno, Oliver Tambo, presidente do ANC, na capital da Zâmbia, salientou que **o discurso de Botha leva o país aos limites da confrontação racial**, frisando que o povo **não tem agora outra opção a não ser a acção.**

A tarefa do povo, agora — acrescentou ainda Oliver Tambo — **é incrementar a luta armada e esta escalada vai-se intensificar e atingir dimensões nunca vistas.**

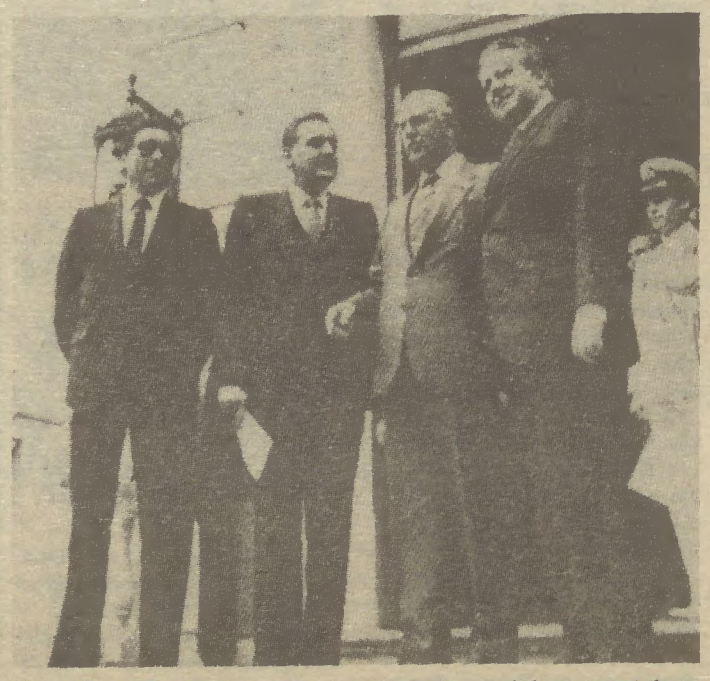
Deturpar as declarações

As agências internacionais empolaram propositadamente certas declarações de Oliver Tambo de molde a que o ANC e o povo africano surgissem aos olhos da opinião pública como os promotores da violência.

Atirando para a cabeça dos noticiários afirmações de Oliver Tambo do género **a luta armada vai ser intensificada e os sul-africanos brancos poderão perder as suas vidas e bens**, ou ainda que a situação no país **poderá assumir dimensões catastróficas, em que pessoas inocentes cairão no fogo cruzado**, sem contrapor outras afirmações que culpabilizam Botha e o regime racista pela situação que pode vir a ser criada, é o mesmo que dizer que os africanos preparam um banho de sangue. Essa a imagem que se quis inculcar na opinião pública.

um sistema pacífico e unitário que possibilite a participação de todos.

Criticou a arrogância de Botha ao rejeitar os esforços pacíficos de paz feitos pela comunidade internacional para a paz na África do Sul.



A política dos últimos Governos em Portugal face ao regime racista de Pretória tem sido marcada por uma certa «compreensão» e cumplicidade

E, contudo, Oliver Tambo defendeu que os países ocidentais devem impor à África do Sul um boicote, nomeadamente petrolífero, **para criar na África do Sul um ambiente que permita**

A última oportunidade

Furtando-se ao diálogo e reafirmando a repressão, o «apartheid» perdeu a sua última oportunidade. A estreiteza de vista dos racistas encaminha-os para um beco. Fontes oficiais reconhecem agora que as restrições impostas e o estado de emergência se revelaram ineficazes perante a reacção da esmagadora maioria da população. Nem sequer o recolher obrigatório decretado pelas autoridades racistas horas antes do discurso de Botha, no Soweto, foi acatado pela população negra que aí reside.

Todos os dias se verificam manifestações e protestos violentamente reprimidos pelas forças repressivas racistas. E um facto novo surge na luta pelo desaparecimento do regime do «apartheid».

Pela primeira vez, parte da população branca junta-se aos negros. Isto tem-se passado principalmente nos meios estudantis. Significando que a juventude (pelo menos uma parte dela) encara como uma aberração a separação das raças. Ou ainda que a juventude não quer desperdiçar a última oportunidade.

Ian Smith, na então Rodésia, pouco tempo antes da independência, dizia ser impossível um governo de maioria negra naquele país. Na África do Sul, hoje, Botha vem dizer o mesmo por outras palavras.

A História regista estas declarações mas não se compadece delas.

Direitos Humanos

Quando o «Avante!» for publicado talvez nesse próprio dia mais umas dezenas de negros sul-africanos tenham sido presos, espancados, mortos, como sucede diariamente. E contudo, numa nota de humor negro, a última edição de «O Jornal» publicava uma lista de países onde os Direitos Humanos eram mais respeitados.

Surpresa das surpresas! Não é que a África do Sul vinha à frente de quase todos os países socialistas? Mas não nos admiremos pois o próprio Governo português (talvez neste caso argumentando com o facto de ser Governo de gestão) não tomou qualquer posição sobre o que se passa na África Austral.

Jaime Gama e os seus pares remeteram-se ao silêncio. Isto quando as reacções a nível internacional por parte dos países da Europa Ocidental ganham um tom nunca visto e os próprios EUA encaram já a hipótese de estabelecerem um boicote económico à África do Sul. O próprio Chester Crocker, secretário de Estado adjunto dos EUA para África considerava que o discurso de Botha não «representa uma alternativa de mudança».

Solidariedade com António Maidana

No próximo dia 27 de Agosto completam-se cinco anos sobre o sequestro e desaparecimento de António Maidana, Primeiro-Secretário do Partido Comunista do Paraguai, grande patriota e revolucionário consequente que se transformou num verdadeiro símbolo da resistência contra a ditadura fascista do general Alfredo Stroessner ao serviço do imperialismo.

Muitos outros patriotas e democratas paraguaios sofreram a mesma sorte do camarada Maidana; entre eles contam-se os dirigentes comunistas Miguel Angel Soler, Derliz Villagra e Emilio Roa; o dirigente do Movimento Popular Colorado, Agustín Goiburú; e Esther Ballestrino, dirigente do Partido Revolucionário Fevreirista. Todos desapareceram após terem sido presos no Paraguai e na Argentina.

Por ocasião da passagem do quinto aniversário da prisão do professor António Maidana, figura política e intelectual internacionalmente respeitada, o Partido Comunista do Paraguai apela a todas as organizações defensoras dos direitos humanos, revolucionárias, democráticas e progressistas para que levem a cabo uma campanha de solidariedade activa que permita libertar e salvar a vida daquelas vítimas da ditadura e do imperialismo.

Para elevar ao mais alto nível a solidariedade pelo esclarecimento da situação dos desaparecidos, a libertação dos presos políticos, o levantamento do estado de sítio que vigora no Paraguai e o regresso dos exilados, o Partido Comunista do Paraguai propõe a todos os defensores da liberdade política que, durante a semana de 20 a 27 de Agosto, se intensifiquem os protestos internacionais contra o regime de Stroessner, através de todas as forma possíveis.

No seu habitual balanço sobre a situação dos direitos do homem no mundo, os EUA referiram este ano o Paraguai como um dos exemplos onde se verificavam substanciais melhorias, embora não explicasse porquê. A situação de António Maidana, como a de tantos outros patriotas paraguaios, desmente cabalmente as afirmações norte-americanas. Mas nunca é tarde para exigir aos EUA que forcem os seus mais próximos aliados na América Latina, os ditadores como Stroessner, a responder pela vida das suas vítimas. Porque tão responsáveis são os carrascos como aqueles que os apoiam!

A luta do povo paraguaio contra a ditadura e o imperialismo sairá certamente reforçada com o apoio da solidariedade internacional.

Na CEE (onde vamos entrar) aumenta o desemprego

Nos últimos 12 meses, o número de desempregados oficialmente registados na CEE subiu 2,8 por cento, ou seja, em 380 mil pessoas. No Verão deste ano, 10,1 por cento dos homens e 11,8 das mulheres aptos para o trabalho viram-se na situação de desempregados.

Só na Grã-Bretanha, 458 mil pessoas, isto é, aproximadamente a população de Manchester ou Edimburgo, procuram trabalho há já mais de três anos. Na Bélgica, o desemprego afecta, segundo dados dos sindicatos, 900 mil pessoas, contra 3 milhões que trabalham.

Se fosse feita uma fila dos 12 milhões de desempregados que existem actualmente na CEE, ela estender-se-ia várias vezes ao longo de toda a Europa, de Atenas a Dublin.

Comentando estes dados, o «Pravda», escreve que **«o mais trágico talvez destas cifras é que o número de desempregados na Europa Ocidental cresceu precisamente nos meses em que, na maioria dos países, a situação económica se estabilizou e, numa série deles, assistiu-se mesmo a uma certa intensificação da actividade económica. Isto só pode significar** — sublinha o jornal — **que os monopólios se orientam cada vez mais para uma tecnologia sem a presença do Homem, para os "robots" em vez dos operários, o que, na falta de uma política adequada, acrescenta novos desempregados aos milhões que já procuram trabalho».**

O jornal coloca ainda a questão: **«Se, hoje, o desemprego cresce mesmo sobre o pano de fundo da relativa estabilidade económica, o que acontecerá quando a redução dos ritmos de produção, já iniciada nos EUA, atingir os outros países?».**

AVANTE! PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES UNI-VOS!

«Com a morte de Salazar, desaparece o tirano que durante mais de 40 anos dirigiu com mão de ferro o regime fascista. Porém, a morte do ditador não pôs fim ao regime. Este prossegue sob a chefia de M. Caetano que foi um dos principais colaboradores de Salazar.

«Durante o longo reinado do ditador, inteiramente consagrado ao serviço dos monopólios aliados ao imperialismo e dos latifundiários, o terrorismo político constituiu o seu principal instrumento de governo (...)

«M. Caetano e a sua camarilha sentem-se na necessidade de fazer o elogio fúnebre do ditador porque se sentem solidariamente responsáveis pelos crimes e misérias do regime em que colaboraram e que herdaram. É um tal regime que procuram continuar no essencial introduzindo-lhe apenas alterações de forma impostas pelas circunstâncias. (...)

«O regime fascista encontra-se a braços com a mais grave crise da sua história. A morte do ditador Salazar vem ainda acentuá-la na medida em que marca o fim de um homem que encarnou uma política de opressão, de terror e de obscurantismo condenada pelo povo português e pela humanidade progressista.

«A morte física de Salazar provocará novas perturbações entre as hostes fascistas. Mas o fascismo não cairá por si. Contra a camarilha de M. Caetano há que intensificar a luta democrática da classe operária e de todo o povo.» (...)

(«Morreu Salazar — Abaixo a Ditadura Fascista!» — extractos de manifesto da Comissão Executiva do CC — «Avante!», VI Série, n.º 419, Agosto de 1970)

AVANTE!

«Após o malogrado golpe de Estado militar de 19 de Julho, os julgamentos sumários, as execuções arbitrárias, as prisões em massa prolongam-se por dias sucessivos, enchendo de indignação e dor toda a opinião pública democrática internacional.

«As forças reaccionárias sudanesas fazem cair sobre as forças progressistas e patrióticas do país, e particularmente sobre o Partido Comunista do Sudão uma repressão sangrenta.

«Para regozijo do imperialismo e de toda a reacção internacional, a impiedosa punição dos chefes e responsáveis do golpe militar foi acompanhada por uma selvática e frenética campanha anticomunista: o secretário-geral do Partido Comunista do Sudão, camarada Abdel Khalek Mahgoub, o secretário-geral da Federação dos Sindicatos, camarada Shafie Ahmed el Sheikh e outros destacados dirigentes comunistas foram assassinados. (...)

«A pretexto de melhor defender desta forma os interesses do povo sudanês, a clique de Nimeiri nada mais faz do que favorecer o imperialismo e o sionismo e, consequentemente, enfraquecer a luta geral dos povos árabes contra os seus inimigos comuns.» (...)

(«O Terror Sangrento no Sudão Serve o Imperialismo» — «Avante!», VI Série, n.º 432, Agosto de 1971).

Em Foco

Avante!

Ano 53 – Série VII
N.º 608
22 de Agosto de 1985
3.º Caderno
Não pode ser vendido separadamente

Vitória da APU para salvar o País

Vai reunir-se no próximo sábado, no Pavilhão do Sacavenense, a Conferência Nacional do PCP sobre as Eleições para a Assembleia da República.

Vindos de todo o país, cerca de 1200 delegados debaterão os principais problemas de orientação fundamental relacionados com a campanha eleitoral e com a intervenção do Partido nessa grande batalha política que se aproxima.

Funcionando a partir das 10 horas da manhã até ao fim da tarde, a Conferência, durante a qual se prevêem intervenções por todos os círculos e diversas outras sobre a temática das eleições, deverá aprovar, no final, uma proclamação eleitoral.

Reunidos sob o lema «Vitória da APU para Salvar o País», os 1200 delegados comunistas e os cerca de dois milhares de convidados participam nesta iniciativa do PCP que visa, no fundamental, não apenas ganhar todos os militantes para a discussão da orientação geral saída da Conferência, como ganhar o seu empenhamento nas grandes tarefas que o momento político coloca ao Partido.

A abrir os trabalhos da Conferência Nacional, intervém o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP.

Ir a Sacavém

Alguns dos delegados e convidados já devem conhecer o caminho.

No Pavilhão do Ginásio Sport Grupo Sacavenense já se realizaram outras iniciativas do PCP, comícios e, também, a Conferência Nacional sobre as Presidenciais de 1980. O pavilhão fica situado junto à estrada de Moscavide para Sacavém, junto à fábrica de tintas Dyrup.

Como acessos, o local dispõe, para quem venha de comboio, a estação de Sacavém. De camioneta: partem carreiras de Entrecampos e do Areeiro (em Lisboa), e de Moscavide (junto aos autocarros).

Tudo a postos

No dia 24 pela manhazinha, tudo estará a postos para receber os participantes na Conferência. Apesar do período de férias e do empenhamento noutras tarefas — como a Festa do «Avante!» —, o pavilhão vai estar preparado e decorado.

Haverá serviço de almoços para os delegados.

Entretanto, a organização de Loures fará funcionar um bar, com sandes e bebidas, para delegados e convidados, no exterior do pavilhão. E funcionará ainda uma cafetaria.

Tudo a postos.

EMIGRAÇÃO

Problemas estudados soluções necessárias

O Encontro do PCP sobre Problemas da Emigração, realizado nos passados dias 10 e 11 de Agosto em Almada, foi ocasião privilegiada não apenas para trazer a público as variadas questões que se colocam aos emigrantes portugueses espalhados pelo mundo, as suas relações com os povos e Estados que os acolhem, os problemas do seu quotidiano de trabalho e a forma como os sucessivos governos em Portugal têm olhado o fenómeno da emigração e os seus protagonistas, como também foi oportunidade para avançar com soluções possíveis e concretas integradas numa política nova que, tanto para Portugal como para os portugueses emigrados, é necessária.

Emigração, problemas. Que não não aqui, passam-se longe. Mas nem por isso a política que temos é menos responsável. Também para os emigrantes é necessária uma nova política

Assim, o Encontro não se limitou — e no entanto seria também aí o seu grande mérito num país onde as questões se costumam abordar pela rama ou sobre elas se derramam muitas vezes as generalidades eleiçoeiras —, o Encontro não se limitou a aprofundar os problemas, a sistematizá-los, a trazê-los à luz perfeitamente identificados e quantificados. Os comunistas sabem fazê-lo. Mas nunca se ficam por aqui. Com efeito, a preocupação do PCP, em numerosas iniciativas do género — muitas delas de carácter único em Portugal —, se é ir ao fundo dos problemas e contestar as políticas seguidas, não é limitar-se à crítica, mas apontar caminhos, soluções viáveis, exemplos mesmo do que a força organizada dos trabalhadores já melhorou, transformou, mercê de estudo, de luta, de vontade de vencer.

De emigração sabem os portugueses. Como afirmou na sua intervenção Marina de Oliveira, «somos um país de emigrantes». E acrescentou que «pode mesmo dizer-se que as raízes da emigração são tão profundas e velhas quanto é velha a nossa História e os limites do nosso espaço territorial».

Mas não é de raízes que trataremos agora. Como aquela intervenção também acrescentou, «o tratamento desta questão está feito, é abordado nos documentos que serviram de base para a preparação deste Encontro».

Interessa, sim, abordar a situação — ou as situações, pois elas são diversas — em que se encontram os emigrantes de hoje, onze anos passados sobre o 25 de Abril. Ainda Marina Oliveira: «Embora timidamente, para uns, de forma excessiva, para outros, o regime democrático nascido com a revolução do 25 de Abril de 1974 e institucionalizado pela Constituição da República Portuguesa de 1976, lançou sementes de generosa discriminação no que respeita aos emigrantes».

Que é feito dessa generosidade?, perguntarão os emigrantes? Que têm feito os sucessivos governos para pôr em prática uma verdadeira defesa dos interesses dos emigrantes? Que informação e apoio jurídico lhes têm dado?

Na base de apenas duas das intervenções produzidas — uma sobre o Ensino, outra sobre a Segurança Social —, veremos que tais interesses e aspirações não têm sido defendidos, nomeadamente nos países da CEE, sistema no qual, com abundância de fanfarras, a direita portuguesa pretende integrar o nosso País.

De um Encontro que foi, além do mais, um repositório extremamente rico de estudos, de ideias novas, de propostas — entre as quais se salienta a Carta do Emigrante —, publicamos hoje excertos de duas intervenções. Sobre problemas que dizem respeito, como tantos outros, ao dia a dia de muitos milhares de trabalhadores portugueses e seus filhos, obrigados a procurar longe um trabalho, a vendê-lo longe. Ensino e Segurança Social.

Poderiam ser outros. Enumerá-los apenas gastaria o espaço de que dispomos. Que a emigração é um conjunto de problemas que não cessam de crescer: que não há, no Governo do País, quem lhes deite a mão para os diminuir ou ajudar a resolver. Isso, porém, é outra história, que os emigrantes conhecem cada vez melhor e que, por isso mesmo, mostra a necessidade de, na emigração, eleger um deputado APU. Como o Encontro, também, concluiu. ■

Ir e voltar. Para quando, voltar e ficar?

Ensino

É ao Governo que compete resolver os problemas

Ensino. Que aprendem os filhos dos emigrantes, da Língua dos Pais, da Cultura Portuguesa? Como trabalham, e em que condições, os professores portugueses no estrangeiro? Questões abordadas na intervenção lida no encontro por Júlia Pedro, e da qual publicamos hoje alguns excertos:

A importância do ensino da Língua e Cultura portuguesas aos filhos dos emigrantes é ponto prévio obrigatório quando se aborda o problema do ensino na emigração. São dois, os tipos de questões de fundo que se levantam.

Para o país de origem, difundir junto dos emigrantes os valores da Língua e Cultura portuguesas e salvaguardar esses mesmos valores, preservando-os, divulgando-os, atribuindo-lhes toda a importância que lhes é devida à sua identidade nacional. É ainda a forma de, criando uma identidade própria cultural, fazê-la respeitar e combater todas as formas de segregação, racismo e xenofobia.

Para os filhos dos emigrantes, não perder o contacto — o elo — de ligação com o seu país de origem e de seus pais, com a família, o meio.

Só assim, em caso de regresso, eles não se sentirão como estranhos no seu próprio país por falta de conhecimentos da Língua materna, que lhes permita uma reinserção adequada.

Tem sido vária e dispersa a legislação entretanto publicada em Portugal, criando a obrigatoriedade e as estruturas de apoio ao estabelecimento do ensino a diversos níveis, básico e secundário. (...)

Fuga às responsabilidades

Este quadro de produção legislativa sem pretender ser exaustivo, levaria a supor que, estariam reunidas as condições para a execução de uma política de ensino adequada. **Não é, porém, essa a realidade**. O que se tem verificado é por parte dos sucessivos Governos, uma violação sistemática dos deveres que lhes são atribuídos neste campo.

Numa primeira análise, basta verificar um corte orçamental da ordem dos 300 000 contos, na verba atribuída aos SEBSPE (Serviço de Ensino Básico e Secundário Português no Estrangeiro), prevista para 1985.

A fuga às responsabilidades é de tal forma, que isso se tem vindo a re-

Segurança Social

Contradições que o emigrante paga

O emigrante paga para a Segurança Social. E paga também as contradições entre os Estados, as suas regras de exploração. Quem o defende?

A questão da Segurança Social, nos aspectos que se prendem com a emigração — com os próprios trabalhadores emigrados e com as suas famílias —, foi um dos temas abordados no Encontro. Da intervenção, lida por Maria João Afonso, publicamos hoje os seguintes extractos:

Os diferentes regimes de segurança social são concebidos, no plano nacional, em função dos interesses de cada país, tendo em vista proteger a respectiva mão-de-obra.

Porque assim é, cada país introduz na respectiva legislação e instituições de segurança social aqueles princípios que, naturalmente, melhor servem os objectivos pretendidos. Esses princípios são o da territorialidade e os de personalidade ou do direito pessoal às prestações. (...)

Com tendência geral, verifica-se que os países susceptíveis de receber emigrantes definem normas restrictivas, na base da concepção territorial do direito às prestações.

Pelo contrário a legislação dos países de emigração ou da origem dos emigrantes procura «furar» o esquema e garantir a protecção dos nacionais que emigram, estabelecendo, por isso, a legislação de segurança social na base de critérios personalistas.

Decorrem consequências práticas importantes para os trabalhadores emigrantes, conforme se encontrem submetidos a um sistema de segurança social assente num ou outro dos princípios definidos.

Os exemplos são vários, sendo, porém, talvez o mais flagrante, a questão das prestações familiares.

Como se sabe, a família do trabalhador emigrante permanece muitas vezes no país de origem. Assim, em muitos casos, as prestações familiares ou não são pagas ou ficam a cargo do país de origem, em virtude de no país de acolhimento vigorar legislação restrictiva, em função do princípio da territorialidade. Noutras situações esta discriminação verifica-se ou pode verificar-se, designadamente, na contagem do tempo para o direito às prestações, etc. (...)

É nesta quadro que convém apreciar as consequências no campo da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia.

Por aquilo que se conhece sobre o tratado de adesão verifica-se que durante um período de sete anos os Estados-membros têm a faculdade de continuar a submeter a autorização prévia a emigração com vista a ocupar um emprego assalariado (o Luxemburgo tem um período transitório de dez anos).

Convém fazer notar que este período transitório para a livre circulação de trabalhadores pode ser aumentado uma vez que «cinco anos após a adesão terá lugar um balanço para... introduzir eventuais adaptações no regime transitório».

Além disso a garantia de acesso ao emprego e o conhecimento da língua do país para onde se quer emigrar continuam como obstáculos que se poderão levantar à livre circulação.

É também ao Governo português que compete resolver os problemas. Não os resolve. Por isso é cada vez maior o número de emigrantes que se dão conta da necessidade de intervirem em defesa dos seus próprios interesses

flectir pesadamente no campo pedagógico.

É cada vez mais elevado o grau de insucesso escolar.

São muitas as queixas, reclamações e denúncias nesta área, vindas das Comunidades Portuguesas no estrangeiro.

É o deficiente apoio a professores que leccionam junto dessas Comunidades. Em 1983/84, um grupo de professores do Ensino Preparatório e Secundário fizeram cursos de formação e reciclagem, sob orientação do sector pedagógico do Instituto de Língua Portuguesa. Desde então nunca mais voltou a suceder, alegando-se **falta** de verba.

O isolamento dos Professores de Português, face às enormes dificuldades sentidas por parte dos professores em realizarem actividades de animação sociocultural em conjunto com os seus colegas dos países de acolhimento; a tendência para a redução do número de professores bem como do número de cursos nalguns países.

Degradação de condições

O reduzido número de horas atribuído ao ensino da Língua materna, e mesmo estas, a maior parte das vezes fora do horário da escola, originando uma sobrecarga para o aluno; a constituição de turmas com alunos de níveis diferentes; a deficiente planificação dos trabalhos escolares dificultando e por vezes impedindo o acesso às escolas onde se aprende o Português. A não inclusão de programas de Português nos currículos escolares, discriminação quanto à distribuição de materiais escolares (gratuita para os alunos do ensino particular oficializado, mas não para os alunos do ensino oficial).

São estes, entre outros, muitos dos problemas que têm sido abordados e sentidos pelos emigrantes portugueses.

A degradação das condições do ensino de Português no estrangeiro é grande e tende a acentuar-se se não forem tomadas, rapidamente, as necessárias providências. É ao Governo Português que compete em 1.º lugar defender e resolver os problemas apontados e chamar à responsabilidade os governos dos países de acolhimento, que não podem de forma alguma ser ilibados de culpas. São eles, muitas vezes, que fomentam e protegem acções de segregação e racismo nas escolas. (...) ■

E as famílias?

De acordo com o tratado de adesão, terão acesso a qualquer actividade no país de emigração em igualdade com os nacionais desse Estado, **apenas** os membros da família que à data da assinatura do tratado se encontrem **legalmente instalados** num Estado-membro com o trabalhador (emigrante) **legalmente ocupado, em desemprego involuntário, ou incapacitado temporariamente**.

Nos restantes casos, a possibilidade dos membros da família dos emigrantes se empregarem, fica dependente de períodos de residência no país de emigração, períodos esses que vão de 3 anos, nos três primeiros anos após a adesão, até ao período de 18 meses, no quarto e quinto anos após a adesão.

Apesar destas fortes limitações ainda «**ficam salvaguardadas as disposições nacionais** mais favoráveis», naturalmente, ao país empregador de mão-de-obra.

Desde a data da adesão, os trabalhadores instalados num Estado-membro, que se encontrem legalmente ocupados num **emprego permanente**, na situação de desemprego involuntário ou incapacidade **temporária**, beneficiam de **igualdade de tratamento**, com os membros da família, **no quadro da livre circulação**. Isto pode querer dizer que para a cláusula de igualdade de tratamento ser aplicável, terão de ser cumpridos os períodos transitórios previstos para a livre circulação de trabalhadores (7 a 10 anos pelo menos) e não abrange trabalhadores temporários nem nada fica previsto quanto a clandestinos.

Desde a data de adesão, aplica-se aos trabalhadores emigrantes e estabelecidos nos países comunitários, **excepto no que respeita às prestações familiares quando estes residam em países nesse caso, as prestações a pagar serão as do país de residência dos familiares e não o pagamento pelo montante do país empregador.** É esta porventura a situação mais generalizada da emigração portuguesa para a Europa. Este regime tem um período transitório de três anos.

CEE não resolve

A ideia da segurança social, enquanto tal, assenta no princípio internacionalista e universal de solidariedade entre trabalhadores.

Existe actualmente cada vez maior preocupação de coordenação internacional dos seus princípios e normas. Esta preocupação na medida em que se processa num quadro de interesses opostos e antagónicos acaba por se chocar com uma ordem internacional injusta e de relações imperialistas entre Estados.

Apesar de tudo, **pelo menos ao nível dos princípios**, desde, sobretudo, após a Segunda Guerra, têm-se verificado alguns progressos, nos instrumentos internacionais de segurança social, quer quanto ao alargamento do seu campo de aplicação, quer quanto à personificação das prestações. A crescente multilateralização das convenções internacionais, esbarra, porém, na realidade objectiva da crise económica dos países capitalistas e nas contradições do próprio sistema capitalista, pelo que, em grande parte, a doutrina das convenções internacionais não tem correspondência concreta na legislação interna dos países subscritores e nos respectivos sistemas de segurança social.

A adesão de Portugal à CEE não vai resolver os problemas da emigração portuguesa para a Europa, nem alterar significativamente as condições de vida e de trabalho dos nossos emigrantes e das suas famílias. ■

HIROSHIMA e o jornalismo da era atómica

O jornalismo da era atómica começou com um comunicado de imprensa. Eram 10 h e 45 m da manhã do dia 6 de Agosto de 1945, quando o secretário de imprensa da Casa Branca leu aos jornalistas um comunicado de imprensa. Dava-se a conhecer que 16 horas antes havia sido lançada «uma bomba» na cidade japonesa de Hiroshima. A bomba era a de urânio, aquela a que chamaram «Little Boy» (Bebé). Disse-se aos jornalistas que nela se havia conseguido submeter «a força fundamental do Universo» e que era 2000 vezes mais potente que o «Grand Slam» inglês, até então a maior bomba usada na história bélica da Humanidade.

A maior mentira propagandística

Aos jornalistas disse-se ainda outra coisa: que Hiroshima era «uma importante base militar japonesa». Esta foi **a primeira grande mentira** do jornalismo da nova era. Também se afirmou que o objectivo dessa bomba havia sido acabar quanto antes com a guerra. E esta foi **a segunda grande mentira,** como obviamente se deduz do facto de só três dias mais tarde os cientistas que trabalhavam para o exército dos EUA, satifeitos com o resultado da sua bomba de urânio, insistirem em que se experimentasse também a de plutónio. Foi assim que Nagasaki se transformou na vítima de «Fat Man» (O Gordo). Tal como escreveria tempos depois Stephen Croall no seu «Nuclear Power for Beginners» (Força Nuclear para Principiantes):

Os dois ataques aéreos assassinaram umas 200 000 pessoas.

Outras 100 000 morreram em consequência das sequelas da radiação ao longo das décadas seguintes. Até à data, as vítimas de «O Bebé» e «O Gordo» continuam a morrer no Japão à razão de 2000 por ano...

Muitos dos jornalistas que assistiram à conferência de imprensa de 6 de Agosto não conseguiram captar o significado do que lhes havia sido dito. O que não é de surpreender. Muitos cientistas daquele período não compreenderam na altura a importância do sucedido. Alguns jornais hindús nem sequer lhe deram relevo na primeira página. Nos EUA, os jornalistas tiveram de convencer os respectivos chefes de que este era um material de primeira classe.

Sobreviventes da tragédia de Hiroshima, fotografados por um sobrevivente. Estas duas imagens foram, durante sete anos, escamoteadas ao conhecimento público. As autoridades dos EUA censuraram as duas fotos durante a ocupação, preocupadas em esconder os horrores de um acto de violência tão gratuito como desumano

Barry Zwicker, crítico canadiano dos meios de comunicação de massas, afirma a propósito:

Podemo-nos identificar com esse comportamento. Não é de estranhar. O que assombra é que 38 anos mais tarde, com mais de 50 000 dessas bombas disseminadas por todo o planeta, ainda haja tanta gente dentro e fora do âmbito do jornalismo, que não se preocupa com o que isso significa.

Porém um jornalista presente naquele histórico encontro com a imprensa não podia ser enganado. Chamava-se William L. Laurence, um jornalista especialista em questões científicas do New York Times. Laurence compreendeu cada uma das palavras daquele comunicado de imprensa, e isso, por uma boa razão. Foi ele quem o escreveu. Na sua qualidade de ex-redactor da Columbian Journalim Review, Robert Manoff, que documentou brilhantemente todo o episódio, explica-o assim:

Laurence, um veterano com três lustres de experiência no Times havia sido recrutado para o Projecto Manhattan (a operação para a segunda bomba atómica), três meses antes... Laurence trabalharia para o governo, porém continuaria sob a capa do Times, o qual se encarregaria de manter em segredo o seu paradeiro.

A colaboração resultou frutuosa (Laurence foi galardoado com o Prémio Pulitzer pelas suas reportagens sobre a bomba quando regressou ao Times, sem contar com a menção especial do Departamento de Guerra).

Como prontamente explicaria o Times, Laurence estava «com o Departamento de Guerra... para explicar a bomba atómica ao público comum».

Laurence assumiu como postura um enaltecimento exaltado da ciência, da engenharia e da indústria que estavam por detrás da bomba, cheio de superlativos que deixavam os problemas... muito para longe.

Ao fazer a reportagem da prova de Alamogordo comparou **a beleza da bomba ao poderoso final de uma pujante sinfonia,** e **a nuvem em forma de cogumelo... à estátua da liberdade.**

O New York Times foi alugado

O facto é que o New York Times esteve metido neste jogo. Laurence fez o que fez para o Departamento de Guerra com o consentimento e até com a cumplicidade do seu jornal. Numa palavra, tanto Laurence como o New York Times foram alugados pelo Departamento de Guerra para fazer o público engolir a bomba. Como a maioria dos jornalistas actuaram em consciência com esse infausto comunicado de imprensa, os seus esforços não foram inúteis. As sondagens levadas a cabo uns dias depois de terem sido lançadas as bombas sobre Hiroshima e Nagasaki confirmam-no.

Uma dessas sondagens, realizada pelo Instituto Americano da Opinião Pública no período imediatamente a seguir ao facto, demonstrou que 85% do público norte-americano aprovava tal actuação, cinco por cento abstinha-se de tomar posição e uns escassos dez por cento pronunciavam-se contra. Em Novembro de 1945, estando ainda vivo o interesse pela bomba, uma nova sondagem mostrou que uma percentagem ainda maior de pessoas estava convencida de que os EUA deveriam ter usado mais bombas.

Esta opinião estava em grande parte baseada e enraizada na convicção de que as bombas haviam sido usadas de verdade para acabar com a guerra quanto antes. Mais de 50% dos inquiridos estavam convencidos de que a guerra teria durado muito mais de seis meses sem «O Bebé» e «O Gordo». Apenas 8% pensavam que as bombas não haviam tido nenhum efeito sobre a duração da guerra. Cerca de 70%, inocentemente, acreditava que a bomba atómica diminuiria a possibilidade de guerras futuras.

Filmes «ultra-secretos»

Voltando ao caso de Hiroshima, há que referir os filmes que mostravam os efeitos imediatos do ataque, os quais foram feitos por uma equipa cinematográfica oficial por ordem do presidente Truman, e em quantidade suficiente para com eles se poder fazer 30 filmes comerciais de duração normal, e que foram deliberadamente escondidos pelo governo dos EUA por um espaço de 36 anos.

Tirada pouco depois da explosão da primeira bomba atómica, a foto mostra o local onde foi a cidade de Hiroshima, arrasada em 6 de Agosto de 1945. A bomba, lançada pelo B-29 «Enola Gay» e detonada sobre o centro da cidade (ao alto na foto) reduziu a cinzas vários quilómetros quadrados

Nada melhor do que aqueles 95 000 pés de película (cerca de 31 600 metros) teria mostrado porque razão as pessoas, e em particular os jornalistas cuja responsabilidade é informar o público, se deveriam preocupar mais com os perigos que envolve a actual corrida às armas nucleares. Porém, estes filmes foram imediatamente classificados como «ultra-secretos» e ocultados ao público. Muita gente não sabia, e ainda hoje continua sem saber sequer da sua existência.

Todavia o director de produção daquela equipa de cineastas que foi enviada para filmar o acontecimento jamais o esqueceu. Num artigo de cinco páginas, sob o título «Porquê a bomba no dia branco», Herbert Sussan, o director, descreveu minuciosamente as suas experiências de Nagasaki. Entre as suas observações pode ler-se:

Ninguém nos avisou de que nos encontraríamos nesta cidade (Nagasaki) **quando lá chegámos. Eu fiquei estupefacto. Não podia acreditar no que uma bomba... podia fazer. Senti que estando aqui, num momento que espero nunca mais se repita, se não filmasse o que estava a acontecer — este holocausto — nunca ninguém o saberia.**

... A polícia militar (nos EUA) **retirou-nos as caixas de película filmada... e levaram-nos para os sótãos do Pentágono.**

Para além de esconder esses filmes o governo norte-americano confiscou todos os outros feitos pelas equipas cinematográficas japonesas em Hiroshima e Nagasaki, declarando-os também «ultra-secretos».

Posto isto, os EUA negaram oficialmente — **a terceira grande mentira** — que a radioactividade provocasse danos!

Quando Sussan requereu ao presidente Truman que lhe devolvesse o seu filme, porque pensava utilizá-lo, a Casa Branca respondeu-lhe que «os estúdios RKO haviam montado partes da sua filmagem em quatro filmes para ensino militar» que «careciam de interesse para o público».

Contudo, Sussan jamais se deu por vencido acabando por recuperar as suas filmagens, ou parte delas, e isso por mero acaso, das mãos dos Arquivos Nacionais, onde tinham ido parar depois de terem sido «desclassificados» sem de tal se informar ninguém, nem sequer o próprio Sussan. Mas não é aqui que assenta a maior ironia da sua campanha, na opinião de Sussan. A maior ironia está noutro facto.

Em 1945, antes de ter sido enviado para a sua missão no ultramar, Sussan estava ligado a um estúdio cinematográfico em Culver City, na Califórnia, onde se produziam filmes para estudo da Força Aérea. O comandante do esquadrão era um tenente que não entendia nada de bombas e que, por isso, não foi a Nagasaki. O tenente respondia pelo nome de Ronald Reagan, e pelos vistos continua a não entender nada de bombas.■

(P. Sainath in Jornalista Democrático)

GUERRA

As consequências psicológicas tão graves como as físicas

A guerra é um meio de extermínio de pessoas, uma «epidemia de traumas», que deixa atrás de si um número incalculável de doentes e deficientes. Mas a guerra tem outras consequências, menos evidentes que as físicas e não menos dolorosas. São as marcas que deixa na psicologia do Homem.

As marcas que a guerra deixa na psique humana são diversas, desde a destruição da saúde mental às psicoses e neuroses.

A «epidemia de traumas» psicológicos atinge os combatentes e a população e nenhuma estatística pode contabilizar os danos que causam à saúde e ao estado psíquico das pessoas. Os dados estatísticos não são tranquilizantes em relação à traumatologia psicológica da guerra.

Na Segunda Guerra Mundial, segundo dados do psiquiatra norte-americano G. Bourne, em cada mil efectivos dos EUA verificaram-se, anualmente, 101 casos de doenças psicológicas. Bourne afirma que as perdas «psíquicas» do exército dos EUA no Vietname foram muito menores — 12 em cada mil militares. Mas isso não significa que a guerra se tenha tornado menos perigosa para o equilíbrio do homem, nem reflecte a situação do exército norte-americano naquela guerra.

Não foram consideradas as perturbações psíquicas que os soldados norte-americanos sofreram em consequência do consumo de droga, que se tornou um «mecanismo de defesa» contra o «stress», o medo e a frustração. Lá para o fim da guerra, 61 por cento dos evaquados por motivos de saúde eram drogados.

Neurose da Guerra

Não é durante a guerra, no período de maior tensão, que as neuroses surgem, mas mais tarde, quando o perigo passou e parecia que o equilíbrio psíquico iria ser recuperado.

Nos EUA, os psiquiatras, examinando veteranos da Segunda Guerra Mundial durante 20 anos, encontraram neles sintomas da «neurose da guerra», como pesadelos, sentimentos de inferioridade, impotência, irritabilidade, solidão, incapacidade de manter relações familiares normais. A situação dos veteranos norte-americanos da guerra do Vietname é pior porque veio juntar-se outro factor psicológico: a guerra que não trouxe glória aos Estados Unidos. Como referiu o psicólogo Herbert Kelman, os veteranos do Vietname voltaram a casa como «heróis de uma guerra que não teve heróis».

Não é de admirar que estes homens não consigam, por isso, libertar-se de sentimentos de culpa e frustração.

Depois da guerra os veteranos suicidavam-se, tomavam doses excessivas de droga, tinham acidentes de viação e recontros com a polícia. O preço de uma guerra injusta.

A maior prova porque o Homem passou nos anos da Segunda Guerra Mundial foram os bombardeamentos atómicos de Hiroshima e Nagasaki. Psiquiatras japoneses e norte-americanos, que fizeram investigações especiais, afirmam que nada se pode comparar a esses sofrimentos e é difícil descrevê-los.

A impressão emocional do encontro com a morte era geral e fazia-se acompanhar pela perda do sentido de orientação. Ao mesmo tempo, era frequente a sensação da «mistura das fases da vida e da morte». As pessoas não conseguiam perceber se estavam vivas ou mortas.

Essas sensações eram tão fortes que se tornaram um síndroma a que o psiquiatra norte-americano R. Lifton chamou «pasmo psicológico». Manifesta-se um estado de total apatia e indiferença, acompanhado de depressão e desespero e as pessoas atingidas jamais conseguirão libertar-se.

O preço da ameaça de guerra

As crianças e adolescentes são quem leva mais a sério a ameaça de guerra. Os psiquiatras norte-americanos vêem-se, cada vez mais frequentemente, a braços com perturbações neuróticas de crianças que vivem sob medo constante, à espera do «fim do mundo» nuclear, com pesadelos e insónias.

Este é o preço da ameaça de guerra. A guerra, essa não tem preço no século nuclear, porque ninguém sobreviverá para a pagar.

Baseando-se nos estudos feitos sobre a terrível experiência de Hiroshima, podem-se distinguir quatro grupos de reacções que têm consequências a vários níveis, dependendo da vivência do indivíduo: 1) estados depressivos agudos — que leva ao sentimento de efectuar um salto súbito da vida para a morte; 2) a «doença da bomba atómica» — associar com a morte as mais pequenas lesões ou doenças banais; 3) reacção à ameaça — caracteriza-se por uma forte inquietude e medo da repetição de um acontecimento análogo; 4) reacção à ameaça persistente da guerra nuclear — todas as pessoas são conscientes de viver numa atmosfera de ameaça de guerra nuclear e sabem que isso é a maior infelicidade da história da Humanidade.

Perante o problema da manutenção da paz os homens engendram decisões e tipos de comportamentos diferentes, activo ou passivo, de participação nos movimentos de protesto contra a guerra, ou desinteresse total.

Estas reacções têm todas um indício comum: a ameaça da guerra nuclear. Há já quarenta anos que as lembranças de pesadelo das explosões nucleares surgem como pesado fardo moral. Estes efeitos são mais persistentes que todos os efeitos somáticos e mais reais para as gerações seguintes que as lesões genéticas. ■

a TV

Entre o cor-de-rosa e a catástrofe

Intitulava-se «Viva a Crise!» e pretendia ser uma meditação activa (criadora de impulsos) sobre a situação crítica da sociedade capitalista europeia, em geral, da sociedade capitalista francesa, em particular. Foi, na realidade, o quê?

Uma visão, entre o cor-de-rosa e a catástrofe, da crise.

Uma tentativa de mostrar que, bem vistas as coisas, a crise não é assim tão má como isso.

Uma deliberada confusão entre progresso social e bem-estar social, entre o consumismo e a comodidade, entre aquilo que o capitalismo foi e aquilo que o capitalismo já não pode ser.

Uma sofisticada manipulação sobre o que é acessório e o que é essencial.

Neste último aspecto, as macaquices fascistas do Montand (nome que qualquer caneta honrada escreve com repugnância) atingiram o cúmulo da infâmia ideológica. O mesmo figurão, um pouco depois, viria a dizer que as «ideologias já não resolvem nada...»

Cheira bem, mas está podre...

Foi assim: tudo se passa como se uma mulher russa escrevesse a uma mulher francesa dizendo-lhe que acha muito estranho falar-se na crise, em França, onde tudo existe com fartura e diversidade — são vestidos, são perfumes, são maquinetas de todas as espécies e feitios. Fosse à União Soviética e não encontraria nada daquilo. E vinha a conclusão cínica do próprio Montand: «O Ocidente está podre — mas cheira bem».

A desmontagem desta peça é fácil de fazer mas a tecla das dificuldades nos países socialistas continua a ser insistentemente batida segundo as regras da lavagem ao cérebro.

De facto, os povos socialistas não vivem numa sociedade organizada para o consumismo selvagem. Mas a verdade também é que, no Ocidente, são cada vez em maior número as vozes que se levantam contra a «sociedade do desperdício».

Por outro lado, está longe de ser verdade que, no mundo capitalista, todos possam aceder aos consumos mais cativantes.

Acontece ainda que os povos do campo socialista sairam dos escombros da guerra sem recorrer à exploração desumana dos emigrantes e dia após dia melhoram o seu nível de vida, enquanto na sociedade capitalista o nível de vida dos trabalhadores desce dia após dia.

Acontece ainda que, na CEE, segundo números apontados por «Viva a Crise!» (e já bastante ultrapassados...) os desempregados são 12 milhões; a segurança social degrada-se; a educação restringe-se mais e mais; o roubo é uma instituição; a fome alastra; a angústia e o desespero crescem...

Ou seja: de forma completamente desavergonhada, o programa que canta as doçuras do «ocidente», é o mesmo que depois aponta as suas misérias!

Tudo como se, viver sem trabalho, sem pão e sem alegria fosse a coisa mais natural do mundo...

Capitalismo na hora do desenrascanço

Saltou, porém, à vista uma realidade que ninguém pode esconder: o capitalismo não tem soluções concretas aptas a resolver os problemas da sociedade. A única coisa que ele tem para dizer às pessoas é «desenrasquem-se!» Para o capitalismo, é a hora suprema do salve-se quem puder!

Safa-se quem tiver «iniciativa»; quem tiver dureza de coração; quem souber explorar o suor alheio; quem contar com auxílios eficazes; safa-se, muito especialmente, quem vender a alma ao diabo...

Mas não se safa quem não tiver padrinhos poderosos; quem apenas tiver para vender a sua força de trabalho; quem não quiser oprimir nem reprimir; quem não quiser explorar as pessoas, mas antes contribuir para a felicidade comum.

O capitalismo lava daí as suas mãos. Ele acha que isso das ideologias é uma treta. «A solução está em ti!», exclama o Montand raivoso, de dedo apontado para o telespectador.

As pessoas são levadas a acreditar que o capitalismo nada tem a ver... com os crimes do capitalismo — e que tudo pode ser bom, alegre e feliz, independentemente da forma como a sociedade estiver organizada!

Só que a História tem as suas leis e prossegue o seu caminho. Inoxeravelmente.

■ **Ulisses**

...Síntese semanal da IMPRENSA

Três temas para reflexão

Pois é, leitor amigo.

Esta semana, são poucos os assuntos repescados para esta resenha semanal.

Ainda assim, se não dão nem panorama aproximado do que se disse, esperamos que ofereçam pelo menos alguma matéria de reflexão útil para o tempo político que vivemos.

Aí ficam, portanto, coisas tão diferentes como o ramalhete de «higt-life» soarista (outra conversa seria sobre os interesses das pessoas), ecos de mais uma negociata da área soarista, um esclarecedor desabafo de Rogério Martins visando obviamente Cavaco Silva e a sua desenfreada demagogia e, finalmente, algumas palavras do Presidente da República sobre a crise nacional, proferidas na cerimónia comemorativa dos 600 anos da Batalha de Aljubarrota.

Uma lista muito edificante (e esclarecedora)

• «Nove dirigentes do PS e nove independentes constituem a Comissão Política da candidatura presidencial de Mário Soares — soube o "Expresso" de fonte do partido.

Os dirigentes são Almeida Santos, António Campos, António Guterres, Helena Torres Marques, Jaime Gama, Jorge Sampaio, Torres Couto, Manuel Tito de Morais e José Apolinário (Juventude Socialista).

Quanto aos independentes, incluem o antigo ministro da Agricultura António Barreto, o industrial António Dias da Cunha, o gestor bancário Carlos Monjardino (que esteve para ser secretário de Estado da Cooperação em vez de Eduardo Âmbar), a professora universitária Clara Junqueiro, mulher do secretário de Estado das Comunicações, o ex-membro do PSD e da ASDI Guilherme d'Oliveira Martins, o antigo ministro de Marcelo Caetano, Joaquim da Silva Pinto, o presidente da TAP, José Gomes Mota, o comentador político e antigo director de "A Capital" Manuel José Homem de Melo, e o historiador Vasco Pulido Valente.»

(«Expresso», de 17-8-85)

Mais um «ex-libris» do soarismo

• O presidente do concelho de gerência (CG) da TAP-Air Portugal, José Gomes Motta, obteve um empréstimo de 4500 contos da Caixa Geral de Depósitos, avalizado por um prédio que adquiriu há três anos pelo mesmo preço à Tranquilidade.

O negócio agora feito pelo principal dinamizador da anunciada campanha presidencial de Mário Soares consistiu num pedido de empréstimo de 4500 contos à Caixa Geral de Depósitos, sob hipoteca de um prédio da Rua do Loreto, com os números de polícia 24 a 34. O prédio foi avaliado em 25 mil contos e a hipoteca feita no passado mês de Junho.

Este mesmo prédio foi adquirido há três anos por José Gomes Motta à Tranquilidade Seguros-EP. E por valor tão baixo que provocou uma crítica inequívoca do secretário de Estado do Tesouro, António Almeida, conforme o **diário** noticiou na sua edição de 15 de Maio do corrente ano.

A venda do prédio da Rua do Loreto, no centro de Lisboa, consumou-se em meados de 1982, um ano depois de José Gomes Motta ter cessado funções como director comercial da seguradora. Mas antes era já inquilino de quatro das 12 frações do prédio.

Além de o ter adquirido por apenas cinco mil contos, a Tranquilidade fizera um ano antes da transacção obras de beneficiação do imóvel, que orçaram em 1600 contos.»

(«o diário», 16-8-85)

Testemunho insuspeito de um PSD que não é candidato

• (...) «o único crivo válido para atingir a verdade dos personagens que tão providos de ofertas se nos apresentam é a análise sistemática do seu passado político recente. Que prometeram e que fizeram? Quais as palavras e quais os feitos? Em concreto, que é aquilo sobre que se pode fechar a mão do pensamento sem que escorra por entre os dedos a areia dos discursos?

Houve um senhor que disse que saía do Governo até certa data se a lei porque se batia não fosse aprovada em certo prazo. Vendo bem, até houve mesmo dois senhores. As leis foram aprovadas? Não. No seu partido, o espírito renovador chamou-os à pedra e relegou-os para o limbo? Não, confirmou-os como cabeças de listas eleitorais. Pode-se fazer fé na palavra política destes senhores todos? (...)

Antes da sanção do eleitor, como sancionaram os respectivos partidos os actores destas óperas tragicómicas? Fizeram-nos desaparecer por um tempo da primeira fila para que se "refizessem uma virgindade", para usar o galicismo, ou fecharam os olhos e continuam a apresentá-los como lídimos heróis no combate pelas reformas e pelo progresso?

Ora bem; é isto que deve interessar ao cidadão eleitor, e é sobre isto que se deve debruçar e reflectir.

O grande exterminador das poucas-vergonhas que aparece rodeado para o grande combate pelas mesmas caras de sempre suscitará o comentário: "Afinal, estão lá todos na mesma." (...)

Atenção, pois, e olho vivo!

Não confundas, cidadão, as vozes com as nozes!

O país, afinal, és tu. Diverte-te, se quiseres, com o espectáculo mas na hora crítica lembra-te da obrigação que tens de escolher com cabeça fria.

Isso é que é moral em política.»

Rogério Martins (dirigente do PSD) em artigo no «Expresso» de 17-8-85

Palavras do Presidente sobre a crise

• (...)

«Comparando a crise de há 600 anos com a que hoje afecta a sociedade portuguesa, o Presidente da República afirmou que o nosso povo continua a ser o capital mais valioso e produtivo de que Portugal dispõe, sendo apenas necessário implementar a "sensatização" que viabilizará a nossa saída da crise:

"Hoje, seis séculos volvidos, vivemos uma outra crise e não apenas sociopolítica e administrativa como a de então.

A crise é hoje também económica e moral.

Para ser vencida necessita, mais uma vez, do concurso de todos.

O povo português é ainda hoje o capital mais valioso e produtivo de que o País dispõe. E como quase todos os problemas se podem resolver, se a sua vontade se mobilizar ajustadamente no uso adequado dos meios existentes.

(...)

A crise actual, complexa, exigente e ameaçadora, será então superável com o nosso povo e no nosso país.

Poderemos então vencer as dificuldades que se nos deparam, nomeadamente as mais imediatas e importantes, que se localizam no sistema económico, onde urge inverter definitivamente tendências seculares de natureza estrutural.

Na verdade, é sabido que, tanto no passado distante como no próximo, incluindo a última década, as políticas económicas têm mantido, de uma maneira geral, uma grave dependência do exterior, sem que, em contrapartida, tivessem sido lançados investimentos que permitissem alterações auto-sustentadas.

(...)

A resposta adequada aos problemas estruturais de economia portuguesa exige a programação da estratégia económica, a estabilização das regras do cálculo económico e a modernização das nossas organizações com vocação económica.

Não é simples, contrariamente ao que muitos prometem, ter resposta fácil e imediata para todos estes problemas.

Mas não é impossível, contrariamente ao que alguns afirmam, viabilizar a economia e promover a libertação das futuras gerações da 'hipoteca' actual.

É possível, desde que se acredite nos Portugueses e lhes sejam dadas as condições justas e necessárias, dentro do quadro democrático, para empenhadamente responderem aos desafios que a crise perfila."

(...)

Só uma informação democraticamente digna e preocupada, verdadeiramente ao serviço do bem público e não alienada ao serviço deste ou daquele segmento do Poder, pode confrontar pedagógica e também responsavelmente a colectividade com questões importantes que o seu dia-a-dia suscita e a sua inserção internacional levantam.

(...)

A resolução da crise e o futuro cabem nas possibilidades dos Portugueses.

Projectos nacionais, devidamente planeados, capazmente executados, e que a todos possam verdadeiramente interessar, sempre mereceram o empenho e a mobilização dos Portugueses.»

(«Diário de Notícias», 15-8-85)

Pontos Cardeais

Desodorizado?

O PS parece querer apresentar-se nesta campanha eleitoral que se aproxima sem qualquer cheiro. Sobretudo não quer cheirar a governo, no que entra em concorrência com o seu parceiro PSD — ambos juram a pés juntos que não foram eles quem desgovernou o País nestes últimos anos e garantem que também este Governo demitido não é com eles.

A concorrência do PS, porém, não acaba aqui. Lavando as mãos, como Pilatos, já se sabia. Mas não é só as mãos, é o corpo todo que desejam desodorizar. Para isso foi buscar uma marca de sabonete — cujas características mais divulgadas são as qualidades desodorizantes. O anúncio, a cores, desse sabonete, diz: «Viva o espectáculo ao vivo.»

O espectáculo PS — aleluia, aleluia — com laser riscando o céu, também dizia: «Viva o PS ao vivo»...

Coincidências. Sem cheiro? O que pensamos é que nem uma boa ensaboadela faria perder ao soarismo o seu pivete. Um cheiro que um número cada vez maior de portugueses identificam à légua.

As iniciativas em antena

Em recente tempo de antena — a antena está quase gasta de tanto tempo — o PS, segundo Almeida Santos, veio tentar convencer o ouvinte de que, entre outras magnas qualidades, o governo liderado por Soares foi o primeiro e o único a tomar a iniciativa contra a corrupção.

Os ouvintes que estão lembrados de tais inciativas, devem ter-se recordado logo de Sousa Tavares, envolvido num processo de tráfico de divisas e demitido após retumbantes declarações. Também se recordaram, decerto, da carta de Almeida Santos a Rui Amaral.

Seria a estas «iniciativas» que Almeida Santos se referia?

Inconveniências

O PSD foi dizer há dias ao Presidente da República que acha mal o comportamento do PS quanto à comunicação social. E aproveitou para expressar a sua opinião sobre o executivo, sublinhando achar «inconveniente» a permanência deste Governo no poder.

Se eles, que lá estão, acham inconveniente lá estarem que acharão quando lá não estiverem?

Pondo as coisas de outro modo: Cavaco Silva pretende subir ao poleiro... atirando com o poleiro abaixo?

De qualquer modo ficamos a saber a pequena opinião que o PSD — que lá está! — tem de si próprio. Acha-se... inconveniente!

Os «direitos» do «Jornal»

Em artigo assinado, ou melhor, em entrevista assinada por uma tal Nina que conversa com um tal Boven, este ex-director do Departamento dos Direitos Humanos da ONU, pasmamos. Não pelo descaramento daquele semanário e pela sua falta de pudor. Mas pelo facto de ainda haver gente que, entrevistando outra gente a ouve dizer baboseiras e as escreve.

Logo a abrir o segundo caderno daquele semanário deparamos com o «mapa dos direitos humanos». Duas páginas sacrificadas aos direitos. Mas isso é apenas administração de espaço. Quanto à administração dos direitos, fiquem a saber que os países socialistas ficam ao fundo da lista. A União Soviética vem, nada mais nada menos, que em antepenúltimo lugar. Deve ter tido muita sorte na distribuição das percentagens. A Etiópia vem em último. Foi azar. Se o Négus ainda vivesse e o feudalismo florescesse, vinha certamente ao lado dos Estados Unidos que ficam com boa fatia — lá há 92 por cento de direitos humanos, contra 26 por cento para a URSS. O Chile de Pinochet está acima de toda a suspeita, com 37 por cento...

Só faltou o pau de canela

No fim-de-semana, em Viana do Castelo, em plena festa da Senhora da Agonia, Cavaco Silva jantava com militantes do seu partido. Quando cheira a repasto «social-democrata» ou «socialista» não falta a RTP. E a RTP lá estava filmando o chefe do PSD que adoçava a imagem comendo arroz-doce.

As câmaras precipitaram-se sobre o «líder», sobre os bagos de arroz colados ainda ao canto da boca do «líder», sobre os pires alinhados na mesa em frente do «líder». Arroz-doce não faltou.

Houve mesmo quem pensasse que o Isidro, «militante socialista», também faz uma perninha ao PSD.

É que só faltou o pau-de-canela...

Maria com subsídio

Subsídio de sobrevivência? Pensão de reforma? Nada disso. A figura é completamente nova e a primeira beneficiada do país é nada mais nada menos do que Maria Barroso. Que recebeu, segundo a imprensa bem informada destas coisas, um subsídio de... mobília.

Com efeito, o escândalo rebentou há dias. Havendo recebido um subsídio do Orçamento da Assembleia da República pela sua actividade como... deputada! Embora não houvesse exercido o mandato, Maria Barroso recebeu o cacau. E, magnânima, pegou nele e mobilou a sede do PS em Faro...

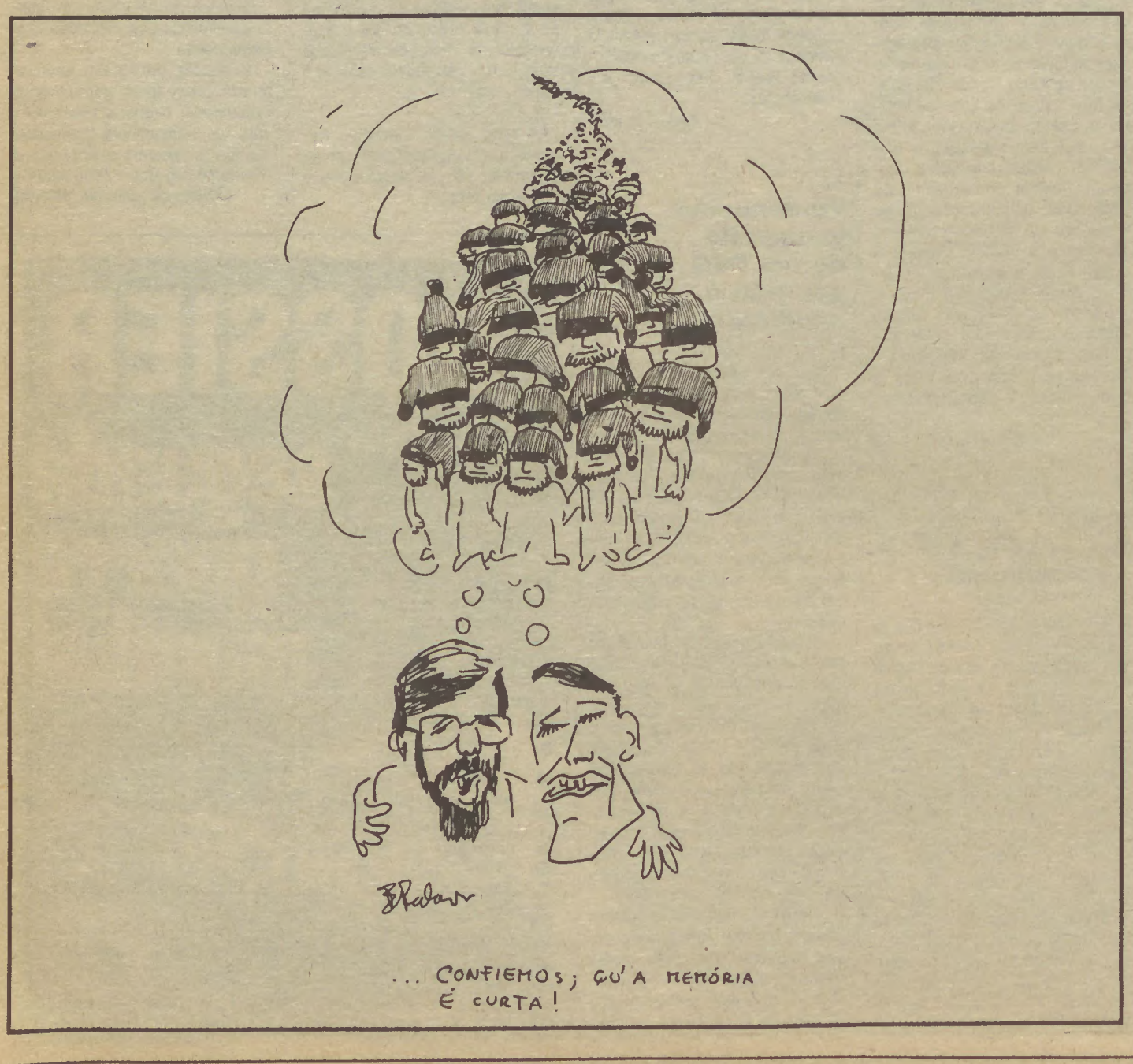
O Lucas quer pastas

Disse — escreveu — um semanário da capital, que Lucas Pires quer nada mais nada menos do que 6-pastas-6 no Governo PSD/CDS.

Não se trata de pastas quaisquer. O CDS «exigirá» seis pastas «consideradas importantes».

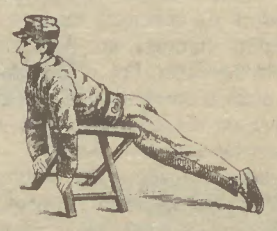
Previa-se mesmo que Lucas Pires fosse revelar tal pretensão num almoço com empresários, em Paredes.

Isto, quando se fala em pastas e mete almoços com empresários, sugere logo que o que o CDS pretende não são pastas. São tachos. Cheios, de preferência.



Gazetilha

por Ignotus Sum



I

Passam ministros — que graça! —
os governos vão passando
tudo passa, tudo passa
e só ele vai ficando.
Dá uma boca, outra boca
sempre que a mudança espreita
— e na vertigem mais louca
dá um jeito e logo se ajeita.
Lá vai gozando os encantos
do poder e do chinfrim
o delfim Almeida Santos:
Pra tal senhor, tal delfim...

II

Soares é um sinfónico gozado.
No sangue tem a música, e na pele.
Sempre, sempre que vai a qualquer lado
há uma grande orquestra à espera dele:
O povo espera-o, forma largos rios,
rompe uma grande orquestra — de assobios...

III

O embaixador americano
mesmo antes de partir
abriu a boca, abriu o cano,
começou a mandar vir.

Diante de tal ofensa
governo ficou calado
e não nos diz o que pensa
o mais certo é ter gostado

E se calhar, digo eu,
ainda lhe agradeceu...

IV

Num cartaz comercial
anda por aí — nós vimos! —
com um sorriso triunfar
a dizer-nos: «Conseguimos!»

Conseguiu o quê de novo
pra que tal acto se tome?
Que deu ele ao nosso povo?
Deu mais desemprego e fome
mais polícia e repressão,
falta de consideração
e deu maior sujeição
à mentira e ao dinheiro
do capital estrangeiro.

O nosso povo já viu
o que ele conseguiu
e ainda mais conseguiria
e ainda mais roía alface
se o povo o não mandasse
para a casa da tia...

Agenda

Avante!
Ano 53 – Série VII
N.º 608
22 de Agosto de 1985
4.º Caderno
Não pode ser vendido separadamente

Sexta 23

• **LISBOA**
Plenário de toda a organização da Freguesia da Ajuda para discussão da situação política e social, batalha eleitoral e preparação da Festa do «Avante!». No Centro de Trabalho da Ajuda, às 21 horas.

No CT Vitória, a partir das 21.30, reunião de naturais de Ferreira do Zêzere residentes em Lisboa e na Margem Sul, para preparação das eleições autárquicas.

• **PORTO**
Grande festa popular das zonas ribeirinhas promovida pela APU na Praça da Ribeira. A partir das 21.30. Canções por Samuel e intervenção sobre a situação política pela camarada Ilda Figueiredo, economista e deputada do PCP.

Comício
com *Octávio Pato*
Segunda-feira, 21.30
Sport Algés e Dafundo
Algés

• **VIANA DO CASTELO**
Encerramento do Acampamento da JCP no Monte de Santo António em Afife: às 21.30, com uma intervenção política, projecção de vídeo e actuação do grupo «1.º de Maio».

Sábado 24

• **SACAVÉM**
Conferência Nacional do PCP sobre as Eleições para a Assembleia da República. No Pavilhão do Sacavenense. Início às 10 horas com uma intervenção do secretário-geral do Partido, camarada Álvaro Cunhal.

• **VENDAS NOVAS**
V Encontro dos Jovens Operários Agrícolas, organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Évora. No Salão da Câmara Municipal de Vendas Novas a partir das 10 horas.

• **VIANA DO CASTELO**
Apresentação dos candidatos da APU por Viana do Castelo numa sessão a realizar em **Caminha** a partir das 21.30 e que incluirá também a projecção de um vídeo: «Nadir, o rei do Cavaquinho».

Domingo 25

• **VIANA DO CASTELO**
Passeio fluvial de Viana até ao Porto, com largada às 8 horas. Piquenique, projecção de vídeo, jogos populares e actuação do grupo «Cantares da Terra». Intervenção política.

Segunda 26

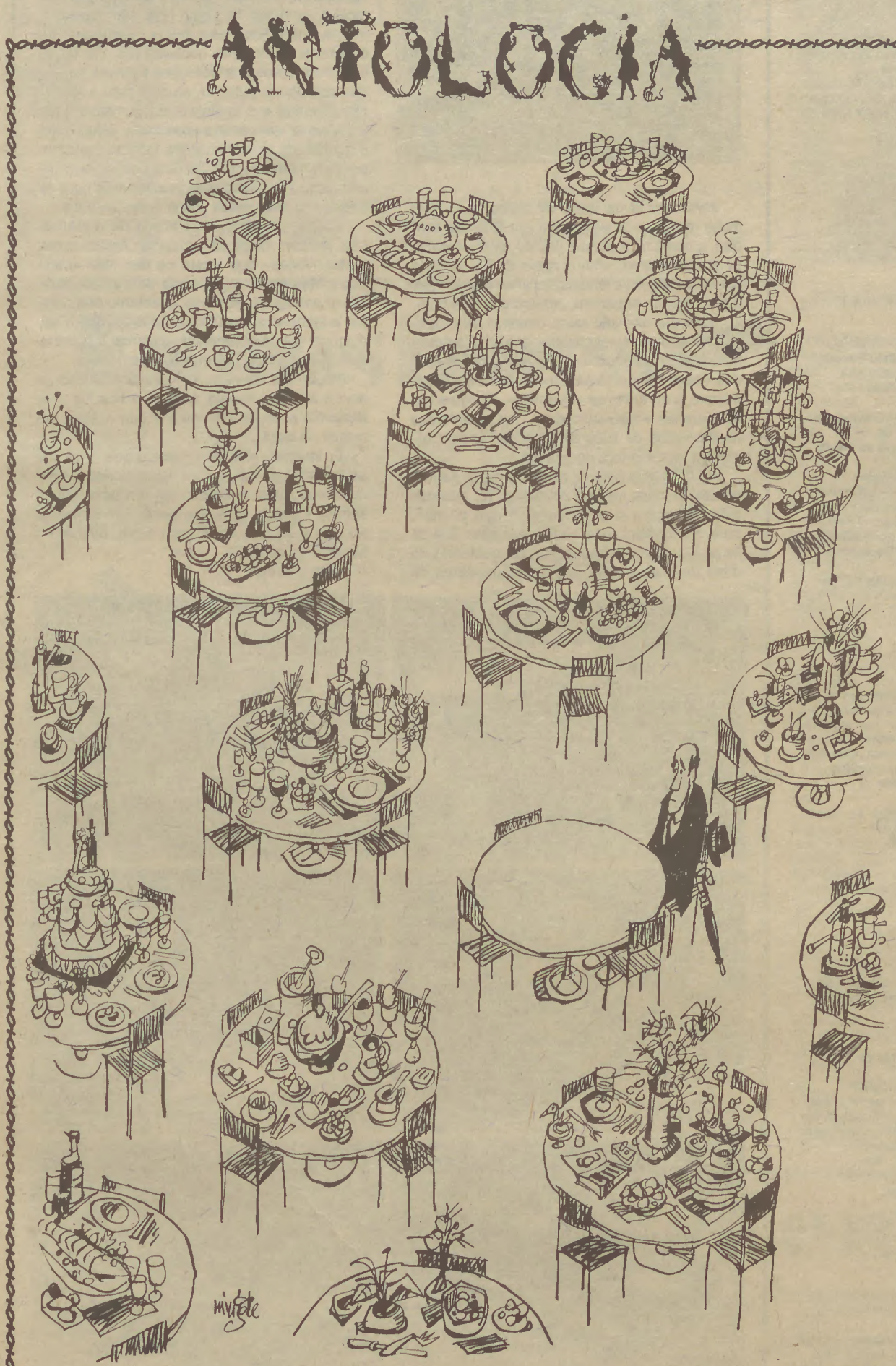
• **LISBOA**
Comício com Octávio Pato no Sport Algés e Dafundo, em **Algés**. É uma iniciativa da APU de Carnaxide, com início às 21.30. No final, espectáculo com Maria Guinot.

Sábado

Conferência Nacional do PCP
sobre as Eleições para a Assembleia da República

Sacavém
Pavilhão do Sacavenense
A partir das 10 horas

ANTOLOGIA



Mingote (1919-) desenho publicado em «Hombre Solo», editado por «MYR Ediciones» em 1970

Todos os dias

Jornadas de trabalho no Alto da Ajuda

TV O Programa

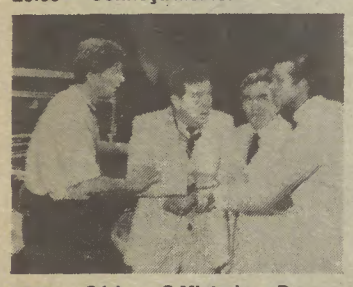
Quinta 22

RTP1

12.00 — **Notícias**
12.05 — **12/13**
12.45 — **Notícias**
13.00 — **Telenovela**: «Vila Faia», 77.º Ep.
18.00 — **Tempo dos Mais Novos**: «As Aventuras de Marco Polo»
18.35 — **Notícias**
18.50 — **Programa da Direcção de Informação** (Filmes sobre a CEE)
19.20 — **A Mulher no Mundo**: 1.º programa — Brasil
19.50 — **Bol. Meteorológico para a Agricultura**
19.55 — **O Livro Grande de Petete**
20.00 — **Telejornal**
20.27 — **Bol. Meteorológico**
20.35 — **Telenovela**: «Louco Amor», 35.º Ep.
21.15 — **A CEE e as Ilhas Atlânticas**, entrevistas com João Jardim e Mota Amaral
22.15 — **A Bela Otero**, 2.º Ep.
23.00 — **Último Jornal**

RTP2

19.30 — **Desenhos Animados**: «Recruta Bailey»
20.00 — **Conheça Melhor**

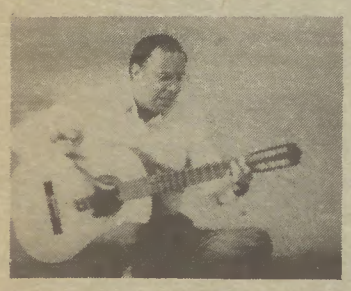


20.30 — **Série – «O Misterioso Dr. Cornelius»**, 3.º Ep.
21.40 — **Encontros com** — o cantor Carlos Guilherme, entrevistado por Eunice Muñoz
22.20 — **Jornal da Noite**

Sexta 23

RTP1

12.00 — **Notícias**
12.05 — **12/13**
12.45 — **Notícias**
13.00 — **Telenovela**: «Vila Faia»
18.00 — **Tempo dos Mais Novos**: Animação
18.30 — **Notícias**
18.45 — **João de Sousa Araújo**, «Arquitecto e Pintor»
19.55 — **O Livro Grande de Petete**
20.00 — **Telejornal**
20.27 — **Bol. Meteorológico**
20.30 — **Telenovela**: «Louco Amor»



21.15 — **João Gilberto em Portugal**: Programa gravado em Portugal no Verão de 1984
22.00 — **Reportagem do Exterior**
00.00 — **Último Jornal**

RTP2

19.30 — **Desenhos Animados**
20.00 — **Recordações**, 11.º Ep.
21.00 — **Directo/2**: Debate sobre «Alimentação Racional»
22.30 — **Jornal da Noite**

Sábado 24

RTP1

13.00 — **Tempo dos Mais Novos**: «Os Conquistadores do Ar», «Circoflé», «Vamos à Pesca»
14.00 — **O Pai Murphy**, 32.º Ep.
15.00 — **Revista de Touros**
15.30 — **História dos Metais e do Homem**, 5.º Programa – A Revolução Americana
16.30 — **Festival da Canção Migrante**, em Boticas
17.30 — **Panorama**: «Ajuda aos Camponeses» e «A Oliveira», mais dois filmes para explicar as «vantagens» da CEE...

18.30 — **Série «Separados pela Espada»**, 8.º Ep.
19.45 — **Totoloto**
20.00 — **Telejornal**
20.27 — **Bol. Meteorológico**
20.30 — **Indiana Jones e os «Parceiros da Aventura»**, evocação de personagens famosas do cinema e da TV
21.30 — **Série «O Bem Amado»**, 7.º Ep.
22.30 — **Aplauso**: «Joe Cocker em Cascais»
23.30 — **Último Jornal**
23.45 — **Sábado Especial**: «Inimigo de Classe», segundo a peça de Nigel Williams, Real. Peter Stein

RTP2

18.30 — **Troféu**
20.00 — **Animação**: «A Magia de Karel Zeman»
20.30 — **Filmoteca TV**
21.30 — **A História do Vietnam**, 4.º Ep.

Domingo 25

RTP1

10.30 — **70 Vezes 7**
11.00 — **Missa**
12.00 — **Tempo dos Mais Novos**: «Era uma Vez o Espaço» e «O Cão Vagabundo»
13.00 — **TV Rural**
13.30 — **Automobilismo**: Grande Prémio Fórmula 1 da Holanda
15.30 — **Sessão da Tarde**: «Brincadeiras Proibidas», Real. René Clément (França/1952)
17.20 — **Fórmula J**
18.30 — **No Mundo dos Fraggles**
19.00 — **Top Disco**
20.00 — **Telejornal**
20.27 — **Bol. Meteorológico**
20.30 — **Coimbra Sem Tempo**, 6.º Programa

21.00 — **Série**: «O Grande Senhor», 2.º Ep.
22.00 — **Domingo Desportivo**
23.00 — **Último Jornal**

RTP2

18.47 — **Novos Horizontes**: «Marek», 2.ª Parte
19.15 — **Nós Por Cá**: «O Peso do Cobre na comunidade de Oliveira de Azeméis»
20.00 — **Adágio**: Recital de violino e piano com a participação de Gerardo Ribeiro e de Fernando Jorge Azevedo
20.30 — **Canal Livre**: «Juventude, o rosto da nova geração»
21.30 — **Cine-Clube**: «Os Ídolos da Geral», 1.ª Parte, Real. Marcel Carné (França/1939)

Segunda 26

RTP1

12.00 — **Notícias**
12.05 — **12/13**
12.45 — **Notícias**
13.00 — **Telenovela** — «Vila Faia», 79.º episódio
18.00 — **Tempo dos Mais Novos**: «A Volta ao Mundo com Willy Fog» e «Um Presente para Parsi»
18.35 — **Notícias**
18.50 — **Programa da Direcção de Informação**
19.20 — **O Mundo da Ciência**, 5.º ep.
19.55 — **O Livro Grande de Petete**
20.00 — **Telejornal**
20.27 — **Bol. Meteorológico**
20.35 — **Telenovela** — «Louco Amor», 37.º ep.
21.15 — **Gala Real do Circo Sueco**
23.00 — **Último Jornal.**

RTP2

19.30 — **Desenhos Animados**: «Serafim agente secreto»
20.00 — **Noite de Ópera** — «Nabucco», ópera em quatro actos de Verdi. Gravado em Verona, dir. maestro Maurizio Arena
22.30 — **Jornal da Noite.**

Terça 27

RTP1

12.00 — **Notícias**
12.05 — **12/13**
12.45 — **Notícias**
13.00 — **Telenovela** — «Vila Faia»
18.00 — **Tempo dos Mais Novos**: «Bell e Sebastião»; «A Travessia do Rio»
18.35 — **Notícias**
18.50 — **Século XX**— «O Mundo em Guerra», 17.º ep.
19.55 — **O Grande Livro de Petete**
20.00 — **Telejornal**
20.27 — **Bol. Meteorológico**
20.35 — **Telenovela** — «Louco Amor»
21.15 — **O Corpo Humano**: «Viver Sobre Pressão», 17.º ep.
21.45 — **Os Malucos do Futebol**, programa do Departamento de Desporto
23.15 — **Tudo em Família**, 67.º ep.
23.40 — **Último Jornal.**

RTP2

19.30 — **Desenhos Animados** — «As Novas Aventuras de Zorro»
20.00 — **Videopólis**
21.00 — **Sessão das Nove** — «A Noite Inteira», real. Chantal Akerman (França/1982)
22.45 — **Jornal da Noite.**

Quarta 28

RTP1

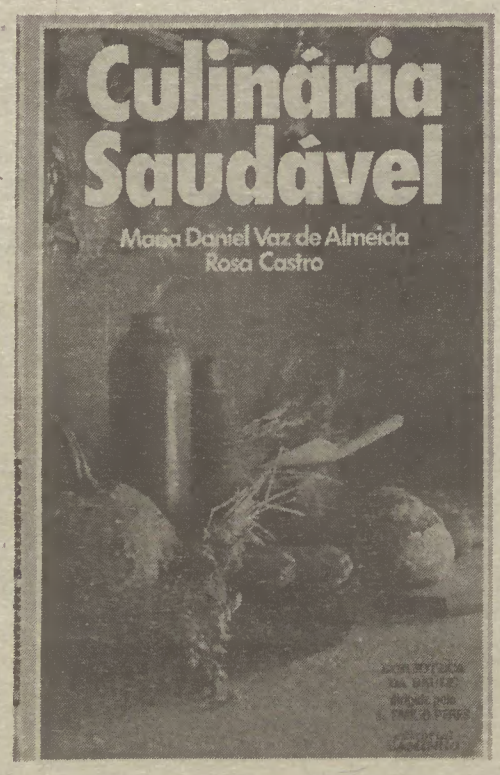
12.00 — **Notícias**
12.05 — **12/13**
12.45 — **Notícias**
13.00 — **Telenovela** — «Vila Faia»
18.00 — **Tempo dos Mais Novos**
18.35 — **Notícias**
18.50 — **Trânsito**
19.20 — **Telemundo**
19.55 — **O Livro Grande de Petete**
20.00 — **Telejornal**
20.27 — **Bol. Meteorológico**
20.30 — **Vamos Jogar no Totobola**
20.40 — **Telenovela** — «Louco Amor»
21.25 — **Noite de Cinema**: «O Preço de Cinco Jogadores». Western, real. Henry Hathaway (EUA/1968)
23.05 — **Último Jornal.**

RTP2

19.00 — **Desenhos Animados**: «As Misteriosas Cidades do Ouro»
19.50 — **A Arte e as Coisas** — «Lugar do Fazer e do Ser», 4.º ep.
20.30 — **O Mundo em Extinção**, 19.º ep.
21.30 — **Itinerários Artísticos** — «A Provença 3.º programa
22.30 — **Jornal da Noite.**

Livros

Culinária Saudável, Maria Daniel Vaz de Almeida e Rosa Castro, colecção «Biblioteca da Saúde», editorial «Caminho», Lisboa, Janeiro de 1984, Preço 500$00.



Abundam já os livros de culinária — com muito molho ou a seco, com gravuras ou sem elas, a cores ou a preto e branco, em fascículos ou encadernados, com o apoio da TV ou pelo canal secreto e no entanto infalível dos leitores que compram, cozinham, provam e acham bom.

Também não são raros os livros que apresentam culinárias «especiais», dirigidos a determinadas preocupações e a públicos determinados. Neste campo há para todos os paladares e, mesmo, para todas as «filosofias». Chega a haver livrarias «especializadas», acompanhadas muitas vezes de lojas em que se vendem alimentos também fora do comum.

Se as modas pegam, algum fundo de necessidade há para que tal aconteça. As pessoas querem cada vez mais saber o que comem, para que comem, que qualidade usam. Daí os livros — uns mais virados para os problemas da dieta racional, outros usando os princípios da alimentação equilibrada para estabelecer alguns princípios culinários.

Para quê, pois, ou porquê, um livro de receitas culinárias na Biblioteca da Saúde da editorial «Caminho»? Esta a pergunta que poderá fazer o leitor, já habituado à colecção. A mesma pergunta faz quem prefacia o livro e dirige a colecção, o Dr. Emílio Peres. Ele próprio afirma, desde logo, que a resposta é fácil e que grande é a necessidade do livro que hoje apresentamos, da autoria de uma dona de casa e de uma nutricionista — Rosa de Castro e Maria Daniel Vaz de Almeida.

Salienta Emílio Peres o facto de a constituição de ementas, o modo de cozinhar, a combinação dos alimentos assumir «grande importância para o equilíbrio, riqueza nutricional e aceitabilidade digestiva das refeições».

«Daí que», conclui, «um livro de culinária atento aos princípios gerais da alimentação correcta e saudável, tal como hoje são universalmente entendidos nos meios científicos, se apresente como uma necessidade. De facto, este livro apresenta soluções práticas para o interessado em nutrição, ao qual falte a formação culinária e a inventiva indispensável para transformar em comida apaladada, prazenteira e equilibrada as explanações teóricas, suficientes para compreender as relações entre a alimentação e a saúde mas insuficientes para as adoptar na sua prática culinária do dia-a-dia».

Longe, portanto, do tratado de dietética. Mas também longe da «cozinha» festiva e dos pratos «fortes» que fazem ou têm feito «tradição». Mas perto, muito perto do paladar tradicional português, sem cair entretanto nos hábitos vulgarizados nos últimos anos em que o sal, o açúcar e a gordura tentam disfarçar a pobreza ou o desequilíbrio da refeição dita normal.

Pegue o leitor no livro. Folheie. Detenha-se aqui e ali numa receita. Mire — a boa luz — a fotografia a cores. Garantimos que a água lhe cresce na boca.

E, imagine, não lhe é pedido que fique por aqui. Com este livro e com estas receitas, pode fazer muito mais, imaginar, seguir a pista que os autores indicam, variar temperos. Um livro destes não é só para ler. É para servir, quente ou frio. E para comer.

Bom proveito.

Cinema — A selecção

		António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A	A Caixinha de Surpresas	—	—	★★★★	★★★★	—
B	Diner-Adeus Amigos	★★★	—	—	—	—
C	O Eclipse	—	—	★★★★★	★★★★	★★★
D	A Flauta Mágica	—	—	★★★★	★★★★	—
E	A Laranja Mecânica	—	★★★★	★★★★	★★★★	—
F	Lawrence da Arábia	—	—	★★★★	★★★	★★★★★
G	A Ocasião da Rosa	—	—	★★	—	—
H	Reacção em Cadeia	★★	—	★★★	—	★★★
I	Rocco e Seus Irmãos	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
J	Starman-O Homem das Estrelas	★★★★	—	★★★	★★★	★★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

A — Real. Walt Disney – **Caleidoscópio** (14, 16.30, 19, 21.30) — **Lisboa; Águia d'Ouro** (18.45, 21.45) — **Porto.**
B — Real. Barry Levinson – **Quinteto** (14, 17.30, 21) – **Lisboa.**
C — Real. Michelangelo Antonioni – **Quarteto/1** (14.30, 16.45, 19.00, 21.15) – **Lisboa.**
D — Real. Ingmar Bergman – **S. Jorge/3** (15.15, 18.15, 21.15) – **Lisboa.**
E — Real. Stanley Kubrick – **Quarteto/2** (14, 16.30, 19, 21.30, 23.30) – **Lisboa.**
F — Real. David Lean – **Império** (14.45, 18.15, 21.30) – **Lisboa.**
G — Real. Salvatore Picicelli – **Apolo 70** (14, 16.30, 19, 21.30, 24) – **Lisboa.**
H — Real. Mike Nichols – **Alfa/1** (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), **Berna** (14, 16.30, 19, 21.30), **S. Jorge/1** (15.30, 18.30, 21.30) – **Lisboa; Foco** (19, 21.45), **Passos Manuel** (19, 21.45) – **Porto.**
I — Real. Luchino Visconti – **Quinteto** (14, 17.30, 21) – **Lisboa.**
J — Real. John Carpenter – **Nimas** (14, 16.30, 19, 21.30), **S. Jorge/2** (14.15, 16.30, 18.45, 21.15) — **Lisboa.**

Teatro — O Cartaz

• LISBOA

ABC, Parque Mayer. Ás 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fininho mas Jeitosinho**, de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.

Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a sáb/21.45; dom./18.00. **Savannah Bay**, de Marguerite Duras, enc. Filipe La Feria.

Maria Vitória, Pq. Mayer. **Não Batam Mais no Zezinho**, de H. Santana, Nichonson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.ª a Dom./20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.00.

Teatro da Graça, Trav. S. Vicente, 11. Terça a Sáb/22.00; Sáb/e Dom/17.00. **A Noite e o Momento**, de Crébillon Fils, enc. Carlos Fernando – Grupo Teatro Hoje.

Teatro Vasco Santana, Entrecampos (Feira Popular). 3.ª a Sáb./21.30, Dom./16.00. **Jardim de Outono**, de Lillian Hellman, enc. Luzia Maria Martins – Teatro Estúdio de Lisboa.

• CASCAIS

Teatro Experimental de Cascais, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3.ª a Sáb/21.45, Dom/17.00. **Duas Anedotas Provincianas**, de Alexander Valentinovitch, enc. Artur Ramos.

• FARO

Teatro de Bolso, R. do Rasquinho, 16. De 3.ª a Sáb/21.45. **Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim**, de Garcia Lorca, enc. Luís Aguilar – Teatro Laboratório de Faro.

• SETÚBAL

Teatro de Bolso do TAS, Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9. **Luísa Todi**, texto de Fernando Gomes e Rui Mesquita, enc. Fernando Gomes.

...e ainda — Música, debates, etc.

Música

Do 5.º **Festival de Música dos Capuchos** o concerto de encerramento esta semana: **Jorge Moyano** executa ao piano obras de Mozart, Schumann, Schubert e Chopin. Às 21.30 de sábado no Convento dos Capuchos CAPARICA.

Na Batalha o último **«Mosteiro à Noite»** deste ano no próximo domingo, das 21 às 00.30, com manifestações culturais diversas. Mosteiro de Santa Maria da Vitória BATALHA.

Músicos e cantores portugueses continuam a sua ronda por Portugal em espectáculos ao vivo, sobretudo em localidades do litoral ou naquelas aonde os emigrantes regressam para curtas férias:

Som da Malta – Antena 1 ao Vivo com a banda **Jovem Guarda, Dina** e **Pedro Barroso** e a **Orquestra Ligeira da RDP** dirigida por **Pedro Osório**: hoje, às 22.00 na Praça de Touros ALBUFEIRA.

Carlos do Carmo no domingo em GLÓRIA DO RIBATEJO.

Carlos Mendes na segunda e na terça em PEDRAS D'EL REI.

Fernando Pereira no sábado em TAVIRA.

Rui Veloso em mais um espectáculo integrado no 1.º Festival de Música Primavera-Verão de Peniche: no sábado à noite na Fortaleza PENICHE.

Carlos Paredes no sábado à noite no Clube Sesimbrense SESIMBRA.

Ainda em Sesimbra mas na sexta à noite e na Fortaleza concerto pela **Banda da Sociedade Musical Sesimbrense.**

Ópera

Ao alcance de todos os que têm um televisor um espectáculo de qualidade, em especial se o aparelho for a cores e com boa captação de imagem e som: **Nabucco**, ópera em 4 actos de **Giuseppe Verdi**, com os cantores solistas Renato Bruson, Ghena Dimitrova, Dimiter Petkov, Bruna Baglioni e Ottavio Garaventa e direcção do maestro Maurizio Arena. Gravação de um espectáculo realizado em Verona no Verão de 1981 que o segundo canal da RTP transmitirá a partir das 20 horas na próxima segunda-feira.

Pioneiros

A Exposição Nacional Itinerante dos Pioneiros de Portugal, que desde o início de Julho esteve patente numa boa dezena de localidades, percorre nesta semana as últimas etapas. Assim: desde ontem e até amanhã estará na MARINHA GRANDE; de sábado a segunda nas CALDAS DA RAINHA e de terça a quinta, dia 29 em ALPIARÇA.

Feira de Grândola

Tradicional, a Feira de Grândola está aberta ao público da próxima sexta e até segunda, inclusive. Contudo, este ano a Feira insere-se num processo de mudança que se pretendeu introduzir no certame.

A implantação sofreu alterações sensíveis, a mais importante das quais foi a construção de pavilhões definitivos, onde este ano irão decorrer várias exposições sobre o concelho, a actividade autárquica e a vida económica.

De assinalar, também, as exposições etnográfica de instrumentos tradicionais de trabalho e de instrumentos musicais populares inseridas no Festival de Arte e Cultura do Distrito de Setúbal.

Inovação, ainda, é a exposição pecuária, tendo em vista a dinamização do sector.

Quanto a espectáculos: «Os Trovante» actuam no sábado, dia 24, às 21.30; no dia seguinte, domingo, realiza-se o **I Festival Nacional de Folclore de Grândola**, antecedido de um desfile de todos os ranchos folclóricos desde a Praça da República até ao Parque Desportivo Municipal.

Livros em Moura

Termina no domingo, dia 25, a V Feira do Livro, organizada pela Câmara Municipal de Moura. O objectivo principal deste certame, cuja repetição é prova da aceitação encontrada entre a população, é o de levar o livro ao encontro do leitor, tornando-o mais acessível e ainda apresentar algumas obras que dificilmente se encontram no mercado local.

A Feira do Livro tem funcionado nos anos anteriores contando com a colaboração das livrarias locais e este ano foi reforçada com a participação da Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

E para que não seja apenas dedicada aos livros, a iniciativa costuma ser – e de novo o será – acompanhada de um programa recreativo e cultural, nomeadamente espectáculos musicais, colóquios e sessões de cinema.

Este ano foram criados dois novos espaços – um dedicado ao vídeo, dando conta de algumas iniciativas realizadas a nível distrital, o outro à informática, que para além dos jogos divulga alguns conhecimentos do funcionamento dos minicomputadores.

Vídeo em Tróia

Integrado no Festival Internacional de Cinema de Tróia realiza-se pela primeira vez um Concurso de Vídeo sobre a Terra Portuguesa.

Podem concorrer pessoas de qualquer nacionalidade, amadores ou profissionais, utilizando qualquer sistema (Umatic, Beta, VHS ou Video 2000). Os trabalhos terão a duração mínima de 15 minutos e a máxima de duas horas. Os concorrentes poderão abordar qualquer assunto, parcial ou global, da terra portuguesa, mas tendo em conta a dominante «defesa do ambiente e do património».

Exposições...

Arqueologia Industrial, «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ªs, 4ªs, 5.ªs e dom./10 às 17; 6.ªs e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias. De 3.ª a dom/10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

Barata Moura, pintura. De 2.ª a 6.ª, das 13 às 19.30, na Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41, 2.º. Até 30/8.

Colecção Calouste Gulbenkian. Expostas no Museu e nas Galerias da Fundação, peças — dos tapetes orientais aos livros preciosos — organizadas sob a designação «Reservas da Colecção».

Colectiva de Verão, Galeria Fonte Nova, Estrada de Benfica, 503. Até 6/9.

Colectiva de pintura e escultura. 3.ª a Dom./12.30 às 15.30 na galeria Gemini, Rua das Freiras.

Desenho e Serigrafia, 46 trabalhos de 16 artistas. De 2.ª a 6.ª, das 14.30 às 19.30. Ditec-Espaço Arte, Av. da Igreja, 46-A. Até 30/8.

Fotografias de Alberto Peixoto, António Aguiar, Beatriz Ferreira, Eduardo Tomé e Luís Manuel Vasconcelos. De 2.ª a 6.ª, das 10 às 20, na Casa da Imprensa.

Francisco Cogumbreiro («Portas e Janelas»). De 4.ª a 2.ª, das 14 às 24.00, na Varandinha de Alfama, Beco da Corvinha, 1. Até 28/8.

Jaime Batalha e Luís Magalhães, exposição bibliográfica e iconográfica, por ocasião do 50.º aniversário da sua morte. De 2.ª a 6.ª/10 às 17, até 31/8 na Biblioteca Nacional.

Nova Ourivesaria portuguesa, um espaço em que também estão expostas peças da colecção do Museu. Trabalhos de professores e alunos do Ar.Co, com a utilização de novos materiais. Museu Nacional de Arte Antiga. Até 29/9.

Pintura – Helena Mata, Maria José Ferreira e Teotónio. De 2.ª a 6.ª das 10 às 19, Galeria Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A. Até 30/8.

«Um Rosto para Fernando Pessoa» – o poeta retratado por 33 pintores nossos contemporâneos. Na nave superior do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.

Salão de Colagem, Tapeçaria, Gravura e Objectos. Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, 36, todos os dias das 14.00 às 20.00.

Vestir 1955-85. A moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteiro-Mor, Lumiar.

Victor Reis, pintura. De 2.ª a 6.ª/8 às 20, até 31/8. Garagem Auto-Palace, R. Alexandre Herculano.

Arte para as Férias. 3.ª a sáb. das 16 às 19.30. Galeria EG, Rua do Crato, 210. PORTO

João Cutileiro, esculturas em mármore. Centro Cultural de S. Lourenço. ALMANSIL

Arquitectura e Escultura Góticas. Até 3/11. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALHA

1.ª Bienal Nacional de Escultura ao Ar Livre. Até 29/9 nos jardins do Museu Municipal António Duarte. CALDAS DA RAINHA

José de Azevedo, aguarelas: «Olhar o Mar» de 4.ª a dom./15 às 18.00, de 13/7 a 24/8. Por ocasião do 5.º Festival de Música dos Capuchos, no Convento dos Capuchos. CAPARICA

Colectiva de pintura. De 3.ª a Dom./15 às 19, em A Galeria — R. Nova de Alfarrobeira. CASCAIS

Manuela Soares, «Meditações sobre o corpo e o espaço». Galeria Albatroz, Hotel Albatroz, Rua Frederico Arouca, 100. Todos os dias, das 18 às 23. Até 29/8. CASCAIS

Exposição Nacional de Artes Plásticas de Pequeno Formato. Galeria da Junta do Turismo da Costa do Estoril nas Arcadas do Parque. ESTORIL

Obras Oferecidas por Autores Portugueses aos Artistas de Moçambique (pintura, escultura, gravura, cerâmica, e desenho). Galeria de Arte do Casino do Estoril, diariamente das 18 às 24. Até 27/8. ESTORIL

Pamela Anderson, pintura. Junta de Turismo da Costa do Estoril, todos os dias das 9 às 19. Até 15/9. ESTORIL

Homenagem a Gil do Monte (Felício José Pássaro) — exposição bibliográfica no Museu. ÉVORA

Colectiva de pintura (Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Guima, Jorge Martins, Nadir Afonso e outros). De 3.ª a domingo, das 15 às 19.30. Galeria Gilde, S. Torcato. GUIMARÃES

Edith Ambuhl, desenhos: «Mãos de Mulheres». Museu Municipal. PENICHE

Miguel Yeco, trabalhos recentes. Galeria da Pousada de Palmela. Até 12/9. PALMELA

Feira de Arte — tapeçaria, desenho, escultura, gravura, pintura e cerâmica. Todos os dias das 17.00 às 24.00, até 31/8, Galeria de Arte do Casino. PÓVOA DE VARZIM

Vida e Cultura Popular no Concelho de Santiago do Cacém, exposição organizada pela Câmara e patente no Museu Municipal até 21/9. SANTIAGO DO CACÉM

Arqueologia Naval. Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito. SETÚBAL

Cidália de Brito, pintura. Restaurante Encoberto, Trav. de Santa Catarina, n.º 11. Todos os dias das 12 às 23.00. Até 13/8. SETÚBAL

Laurinda Silvério, pintura. De 3.ª a 6.ª/9 às 12 e 14 às 17; Sáb. e Dom./15 às 15. Até 8/9 na Casa de Bocage — Galeria Municipal de Artes Visuais. SETÚBAL

Kira. Todos os Dias, das 12 às 13, até 31/8. Galeria de Arte do Castelo de S. Felipe. SETÚBAL

Pintura — Eduardo Santos Neves, Fátima Neves, Helena Subtil. De 3.ª a Dom./9 às 12 e 14 às 17, até 8/9. Galeria de Exposições Temporárias — Convento de Jesus/Museu de Setúbal. SETÚBAL

Ribeiro Farinha. Pintura e Cerâmica. Pousada de S. Filipe, Castelo de S. Filipe, das 10 às 23.00. Até 30/8. SETÚBAL

José Ribeiro, pintura, aguarela e desenho. Palácio do Turismo. SINTRA

Maria Gabriel, pintura e desenho. Casa das Artes. TAVIRA

Tempo — Fim de Semana

No Sul, tudo azul... Nas regiões Norte, porém, no sábado e no domingo a tendência será para um agravamento do estado do tempo, com céu muito nublado e possibilidades de aguaceiros.

Mal de pouca dura, uma vez que logo na segunda-feira, acrescenta o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, nas regiões afectadas registar-se-á uma melhoria gradual das condições meteorológicas.

Utilidades & variedades

Hélio: um gás raro de múltiplas aplicações

O elemento n.º 2 da Tabela de Classificação Periódica de Mendeleiev não foi descoberto por químicos. Os astrónomos detectaram-no em 1868, nas imediações do Sol, quando estudavam um eclipse. E chamaram-lhe hélio que, em grego, significa Sol.

No fim do século passado, o jornal britânico «Punch» publicou uma caricatura que representava um «homunculus», oriundo do Sol, dizendo com ar malicioso: «Capturaram-me na Terra! Mas quanto tempo demorarão a saber o que fazer de mim?».

Quem assim falava era o hélio, detectado na Terra em 1881 e considerado «sem interesse particular». Além de existir em quantidades ínfimas no ar, era muito volátil e, sendo um gás inerte, não intervinha nas reacções químicas.

Passaram 34 anos, após a descoberta do hélio terrestre, antes que fossem encontradas aplicações para aquele gás raro. Foram os alemães que o utilizaram, pela primeira vez, na Primeira Guerra Mundial, para encher os dirigíveis que bombardeavam Londres.

Foi um mau princípio, que o «homunculus» do «Punch» não imaginava. Mas os anos seguintes encarregaram-se de desfazer a imagem negativa, encontrando para o hélio usos importantes ao serviço do Homem e dando-lhe perspectivas que o tornam indispensável no século XXI.

Da energia à conservação dos alimentos

O hélio serve, actualmente, para detectar fugas, por mais pequenas que sejam, nos reactores atómicos e outros sistemas herméticos e os principais monocristais de silício e germânio, elementos semicondutores indispensáveis à técnica actual, são frequentemente obtidos numa atmosfera de hélio.

À temperatura do hélio líquido, muitos metais e ligas tornam-se supercondutores com aplicações nos relés usados, cada vez mais, nos computadores.

O ar em que o azoto é substituído por hélio usa-se nalguns nascimentos prematuros para facilitar a respiração ou em casos de afecções brônquicas. Evita, também, certas doenças nos mergulhadores de grandes profundidades e cria uma atmosfera óptima para os cosmonautas dos voos de longa duração. Sabe-se, por outro lado, que os alimentos conservados numa atmosfera de hélio mantêm todo o sabor e aroma originais.

No futuro espera-se que o hélio seja de grande utilidade na produção de energia. Os soviéticos, por exemplo, pensam aplicá-lo no turbo-alternador criogénico e nas bobinas supracondutoras da instalação termonuclear «Tokamak».

Entretanto, e por agora, o hélio é bastante raro, apenas existem 0,003 mg em cada quilo de matéria terrestre, e de obtenção difícil, o que limita o seu uso sempre que não indispensável, como é o caso de conservar alimentos. Isto, apesar de no Universo ser o segundo elemento mais abundante.

Guardar todo o hélio

Não existem, no nosso planeta, jazigos de hélio puro, que aparece em proporções muito pequenas no gás natural. Calcula-se que as reservas planetárias do elemento n.º 2 não ultrapassam os $5X10^{14}$ metros cúbicos embora ao longo de toda a sua existência a Terra tenha produzido algumas dezenas de vezes mais. Infelizmente, uma grande parte já abandonou a nossa atmosfera.

Foram estas razões que levaram os cientistas soviéticos a aproveitar o melhor possível o hélio contido no gás natural que, naquele país, não é rico neste elemento.

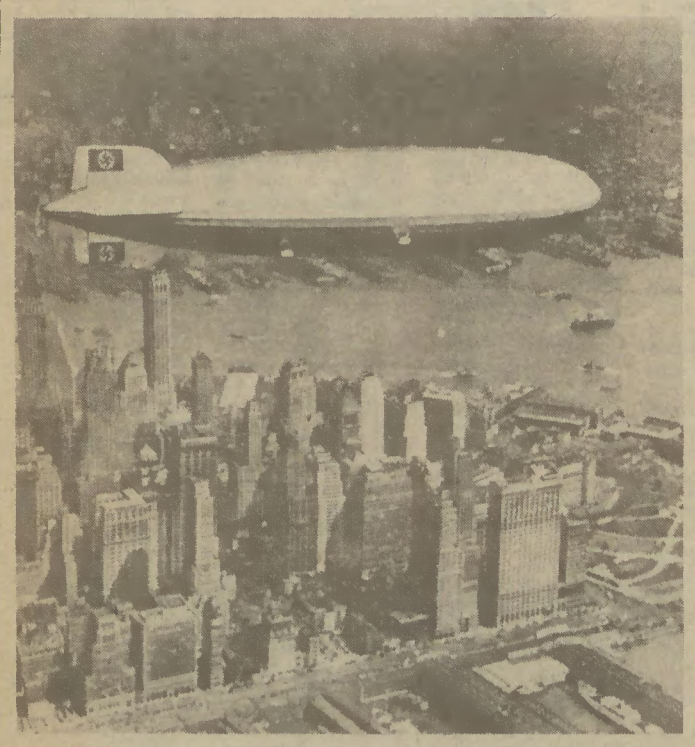
O processo de extracção que está a ser aplicado nos jazigos de Oremburgo assenta na técnica clássica de separação do gás por liquefacção, a baixas temperaturas, da ordem dos 200 graus centígrados negativos. Foi construído, para esse fim, um equipamento especial que permite recolher 98 por cento do hélio existente no gás natural.

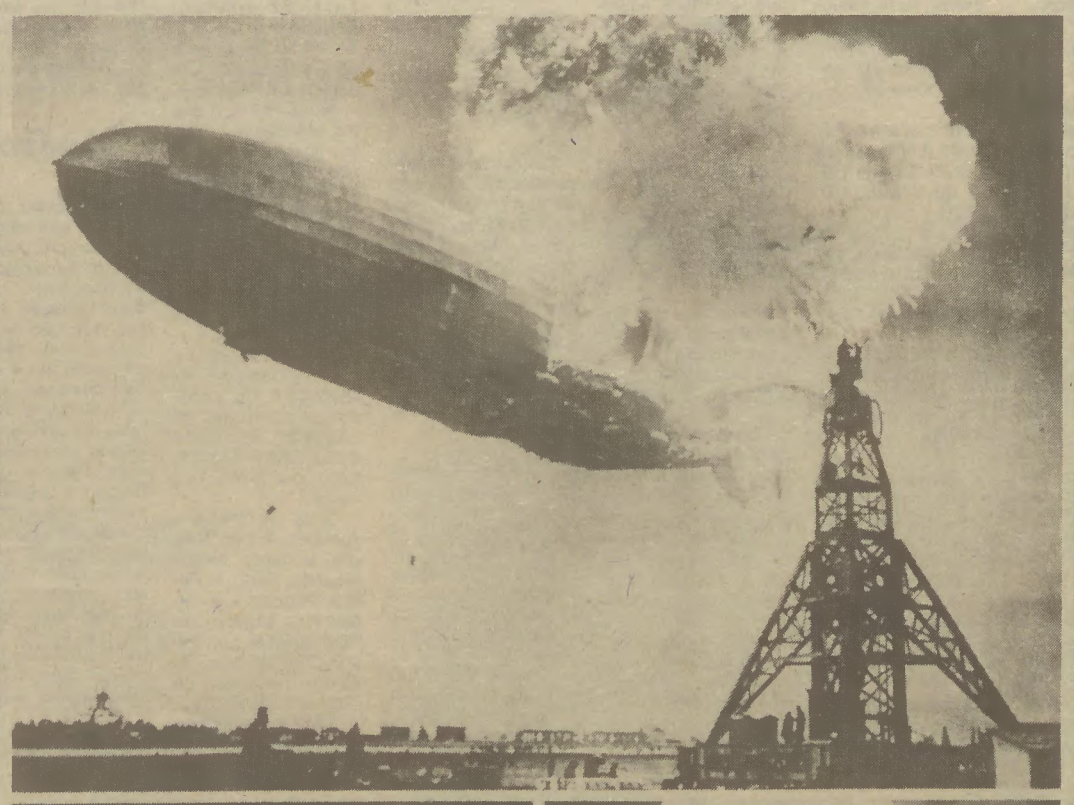
Os cientistas empenhados no projecto sublinham as dificuldades de retenção do hélio que tende a «fugir» nas condições em que todos os outros gases são «capturados».

Segundo as suas estimativas, a nível mundial apenas se consegue reter um metro cúbico de hélio em cada 20 e, o que é pior, o gás «fugido» não fica na atmosfera, dado que, pela sua passividade química, não se combina com outros elementos. Muito leve, perde-se no espaço cósmico.

Nas entranhas da Terra produz-se permanentemente hélio, como resultado da desintegração de elementos radioactivos. Mas este processo é muito lento e o novo gás vai-se dissipando através das rochas envolventes.

Por isso os cientistas, prevendo as necessidades futuras, afirmam que, actualmente, só existe uma solução aceitável para este problema: extrair todo o hélio do gás natural e armazená-lo como reserva.





Hélio. Um gás raro, cuja «moda» atingiu alturas verdadeiras, como nos dirigíveis que serviram na Primeira Grande Guerra Mundial para bombardear Londres, usados pela Alemanha. Os nazis utilizaram dirigíveis, mais tarde, para a sua propaganda, e aqui vemos um deles, o luxuoso Hindenburg, sobrevoar Nova Iorque, em 6 de Maio de 1937. Nesse mesmo dia, esse colosso — insuflado de hidrogénio e não do hélio de que falamos, incendiava-se dramaticamente. Hoje, o hélio serve em missões de paz. E ajuda a criar uma atmosfera adequada aos cosmonautas, nas suas viagens científicas.

Xadrez

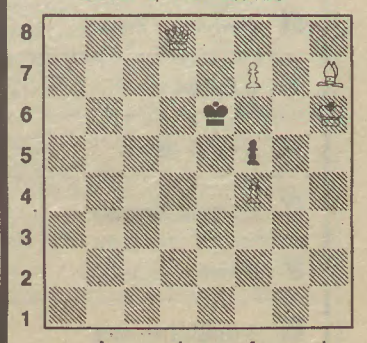
XIV — 22 de Agosto de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 14

Por E. Szentgyörgyi
Kecskeméti Tornakönyv, 1927

Pr. (2): Pf5-Re6

Br. Ps. f4, f7-Bh7-Dd8-Rh6



MATE EM 2 LANCES
JOGO N.º 14

Interzonal de Bienne, 1985

Br. L. Polugaievsky **Pr.** Y. Seirawan

1. Cf3, Cf6; **2.** ç4, e6; **3.** Cç3, d5; **4.** d4, Cbd7; **5.** Bg5, ç6; **6.** e3, Da5; **7.** çxd5, Cxd5; **8.** Dd2, C7b6; **9.** Bd3, Cxç3; **10.** bxç3, Cd5; **11.** 0-0, Dxç3; **12.** De2, Be7; **13.** Bxe7, Cxe7; **14.** Ce5, Cg6; **15.** Bxg6, hxg6; **16.** Df3, 0-0; **17.** h4, Da5; **18.** h5, gxh5; **19.** Taç1, g6; **20.** g4, hxg4; **21.** Dxg4, Rg7; **22.** Rg2, Dd5+; **23.** f3, Bd7; **24.** Th1, Th8; **25.** Df4, f6; **26.** Cg4, Taf8; **27.** Txh8, g5; **28.** Th7+ !, Rxh7; **29.** Dh2+, Rg8; **30.** Dh6, Rf7; **31.** Cxf6, Dd6; **32.** Th1, Re7; **33.** Dxg5, Rd8; **34.** Cxd7+, Rxd7; **35.** Th7+, Rç8; **36.** Dg7, Rd8; **37.** Dxb7, Tg8+; **38.** Rfl, Tg1+; **39.** Re2! (Se: Rxg1, Dg3+ e nulo por xeque perpétuo!), **39.** ..., Tg2+; **40.** Rd1, Tg1+; **41.** Rç2, Tg2+; **42.**. Rd3 **e as Pretas abandonam.**

SOLUÇÕES

XIII (15.VIII.85):
Chave: 1. De4! bloqueio!
1...., f1 = D +; **2.** Cd1 mate
1...., f1 = C; **2.** Dg2 mate
1...., Bxg4; **2.** Dxg4 mate

XIV (22.VIII.85):
Chave: 1. f8 = B! (ameaça: Bg8 =)
1...., Rf7; **2.** De7 mate

■ **A. de M.M.**

Damas

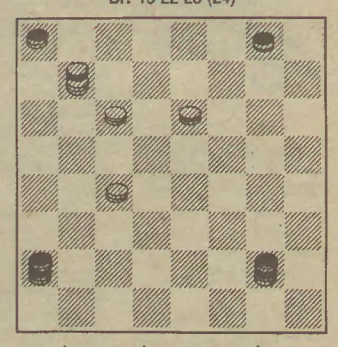
XIV – 22 de Agosto de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 14

Por Joaquim E. dos Santos Restivo (Gondomar)
«Flama» N.º 145, 15.XII.1950

Pr. (5)-(8)-29-32

Br. 15-22-23-(24)



Jogam as brancas e ganham

Taça do Mundo em Damas Internacionais: 1.º URSS 18 pts.; 2.º, Holanda 17; 3.º África 11; 4.º América 7; 5.º Europa «A» 5; 6.º, Europa «B» 2 pontos.

JOGO N.º 14

Campeonato Nacional, Odivelas 7.VI.1984
Br. Veríssimo Dias – **Pr.** Medalha da Silva

1. 11-15, 23-20; **2.** 6-11, 20-16; **3.** 10-14, 22-18; **4.** 5-10, 28-23; **5.** 1-5, 32-28; **6.** 3-6, 21-17; **7.** 14-21, 25-18; **8.** 10-14, 26-21; **9.** 15-20, 24-15; **10.** 12-19, 23-20; **11.** 19-22, 28-24; **12.** 8-12, 27-23; **13.** 22-26, 29-22; **14.** 5-10, 22-19; **15.** 9-13, 18-9; **16.** 11-15, 20-11; **17.** 6-22, 24-20; **18.** 22-26, 31-28; **19.** 7-11, 16-7; **20.** 2-5, 9-2; **21.** 26-29, 2-15; **22.** 29-3, 20-16; **23.** 4-7 e G. Br.

GOLPE N.º 14
Dr. O.A.L. (III)

1. 10-14, 22-18; **2.** 5-10, 23-20; **3.** 1-5, 27-22; **4.** 14-19, 22-15; **5.** 12-19, 20-15; **6.** 11-20, 24-15; **7.** 10-13, 18-14; **8.** 13-18, 21-17; **9.** 6-10, 28-24; **10.** 19-23!?... **e as Pr. ganham de Golpe!**

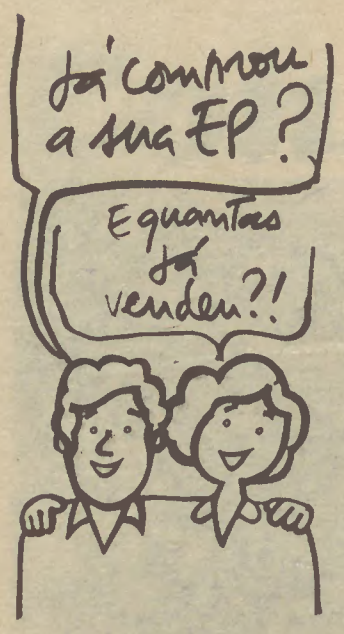
SOLUÇÕES

IX (18.VII.85): N.º 9 – 31, 19-32 (se 19-28; 31-25 G.); 10-13 e 13-18 e 6-10 e 2-6 e 31-24 (Prisão)! G. Br.
Golpe 9: 7. 14-18 e 13-18! e 12-15 e 10-28 G. Br.
X (25.VII.85) N.º 10 – 20-23, 27-20; 10-13!!, 28-16 (Lei da Quantidade); 13-29 **G. Br.**
Golpe 10: 9. 9-13, 26-19; **10.** 11-15, 20-11; **11.** 5-10, 14-5; **12.** 7-30 **G. Br.**

■ **A. de M.M.**

Jazz português

- **Quinteto de Maria João**
- **Sexteto Shis**
- **Sexteto de Jazz de Lisboa**



A festa!

...ETO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

Avante!
Director
António Dias Lourenço
SUPLEMENTO **N.º 6**
22 de Agosto de 1985
Não pode ser vendido separadamente

The Band

Sábado 7

- **vender a EP**
- **intensificar as jornadas de trabalho**
- **último esforço de propaganda**

Composição e Impressão – Heska Portuguesa • Distribuição – CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º – 1000 Lisboa Propriedade do Partido Comunista Português • Dir./Red. – R. Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX • Tels. 76 97 22 - 76 97 25 •

EP já!

Estamos a entrar na contagem decrescente para que as portas da Festa se abram aos muitos milhares de visitantes, a maioria deles com a EP na mão.
Quantos, porém, desses muitos milhares, ainda a não possuem? Quantos deles já pensaram em adquiri-la e não acharam tempo ou ocasião para se deslocarem a um Centro de Trabalho comprar a sua EP?
Convém não esquecer — e todos sabem disso — que a grande massa de gente que visita e participa na nossa Festa não está ligada ao PCP por laços de militância. Muitas pessoas, mesmo, não mantêm com os comunistas laços políticos organizados ou mesmo laços. Mas vão à Festa.
Muitos deles, a maioria, espera aquele fim-de-semana de Setembro em que acontece a mais grandiosa manifestação cultural e política do país — a mais aberta e fraterna festa — precisamente porque sabe que nela tem lugar de convívio, que lá se encontra todo o Portugal a rever de fresco, transformado por um ano que passou e deixou marcas na vida social e política, porque sabe que na Festa do «Avante!» acontecem os esperados milagres do espectáculo e da vida cultural. E vão à Festa. E compram a EP. E já a teriam mesmo adquirido se alguma lhe houvesse sido oferecida, proposta por mão militante.
A questão, pois, para muitos dos que vão à Festa, não será a de comprar hoje ou amanhã a Entrada Permanente, mas sim a de a encontrar no seu caminho e é assim que grande parte dos visitantes acabam por encontrá-la «no caminho» da própria Festa...
Já falámos aqui, também, de outros casos. Dos que, não programando ir à Ajuda, vão lá dar infalivelmente porque alguém — companheiro de trabalho, amigo, vizinho — se lembrou de lho propor e, ao mesmo tempo, de lhe vender uma EP.
Trata-se, pois, de vender a EP, de vender muitas EP's. De ir ter com as pessoas. De muitos modos. De nos não limitarmos àqueles conhecidos que sempre compraram e comprarão uma entrada na Festa. Sem esquecer esses, alargar o nosso trabalho. A toda a gente. Porque toda a gente lá cabe — trabalhadores, democratas, gente das nossas ideias e de outras diversas, que a nós se juntam num recinto onde vive o país de Abril.
Ao mesmo tempo que a Festa ganha a forma da grande cidade construída no Alto da Ajuda, se erguem pavilhões e palcos, se constroem pavilhões e espaços abertos, vamos vender mais, muitas mais EP's. É tempo disso.

Grande festa da cultura

Para além do mais (do muito mais, por exemplo, no plano socio-político), a Festa do Avante é uma manifestação cultural de massas, sem igual no nosso país e, a nível internacional, sendo raras as que se lhe possam comparar.
Centenas de milhares de pessoas, vindas de todas as regiões de Portugal e pertencendo aos vários estratos sociais, tomam nela contacto [illegible] com diferentes formas de directo [illegible] artística, expressão cultural [illegible] com interesse, proveito e, por vezes, alguma surpresa diante da novidade, como é absolutamente desejável.
Em múltiplos pavilhões, alinhados em ruas, praças e avenidas, encontra-se gente de províncias diversas, com hábitos, gostos e aptidões distintos, e diferenciados modos de trabalho. Os cantares e as danças populares — os viras, as chulas, as saias, os fandangos, os corridinhos e outras **modas**, vozes acompanhadas por cavaquinhos, violas, adufes, gaitas, flautas, matracas e guitarras — dão-nos os ritmos diferentes da vida nas várias regiões do país. As cangas, de rica talha, pintadas, os cabrestos empenachados, soantes de guizos, os entalhes feitos à navalha por pastores e boieiros nos objectos alentejanos de uso corrente, os lenços garridos, as cerâmicas de tão ricas variedades, reúnem-se numa mostra de artesanato na verdade excepcional. De igual riqueza só talvez a lista dos petiscos vindos de toda a parte: os paladares dos bons garfos afiam-se nos sarrabulhos minhotos, nas caldeiradas da beira-mar, nas morcelas da Beira, num ensopado de ovelha lá da minha terra, e, já que não é tempo de açordas de sável e arrozes de lampreia, nestes dias de calorina, um frio gaspacho alentejano para arrefecer os humores. O papel não me chega para falar dos vinhos, desde os frescos verdascos lá de cima até aos densos tintos de Borba, de Reguengos, e outros sítios de boa cepa. Uma festa nesta Festa é ter acordados os cinco sentidos para tudo o que, na nossa terra, o nosso povo criou.
Os livros e os discos, nos escaparates de enormes pavilhões, são uma tentação para a sede cultural de uma multidão ávida de saber — pena é que as bolsas sejam demasiado pequenas para a satisfazer. Mas ver os escritores (em carne e osso, pois então!) assinar os seus livros em intermináveis sessões de autógrafos, ouvir os intérpretes, os consagrados e as revelações, nos múltiplos palcos do recinto, é um prazer que a toda a gente é concedido.
As exposições de artes plásticas, quer sejam as dedicadas a grandes figuras, como, por exemplo, as referentes a Ribeiro de Pavia ou a Cipriano Dourado, ou as colectivas, as «Bienais», em que a pintura, a escultura, o desenho, a gravura, assinados por mestres e aprendizes, são extremamente importantes na expressão cultural da Festa. Aí muitos milhares de pessoas têm contacto directo com o objecto de arte original, de que a reprodução mais fiel nunca repete o sabor.
Assim, no que acabam de ler, se pretende pôr em evidência como nesta festa o popular e o culto se abraçam na revelação do carácter português, tão singular nas suas peculiaridades, como universal no seu mais largo sentido.
Mas a «Festa do Avante» tem sido ainda um terreno de convívio com outros povos, outras culturas e outros países; a «cidade internacional» é manifestação clara de profunda amizade, efectiva solidariedade, e interessado contacto. Aí, se mostra como a defesa da Paz e a Cooperação internacional são uma constante preocupação dos governos socialistas e das organizações mundiais que lutam por um futuro melhor, liberto do terror atómico e da fome que os imperialistas fazem pesar sobre os homens. Isto sem que deixem de mostrar o que, nos palcos da vida social, da arte e da ciência, são as mais importantes conquistas realizadas nos países expositores.
Talvez devesse ter começado por dizer que quase tudo o que se vê na festa do «Avante» foi conseguido pelo trabalho, inteligência, imaginação e vontade, dos militantes do Partido Comunista Português; mas não deixarei de terminar afirmando que, com a mesma determinação e saber, na hora devida, faremos a Festa Maior que tornará a nossa Pátria próspera e feliz, livre.

■ **Joaquim Namorado**

Pavilhão da Mulher

A zona dedicada na Festa do «Avante!» à mulher é já tradicional. Por lá, passa a luta das mulheres no seu dia-a-dia e as grandes batalhas que se vão travando. Como não podia deixar de ser, tudo isto será realidade uma vez mais.
Assim, das exposições aos comes-e-bebes, de tudo um pouco se poderá encontrar neste pavilhão que tem um pequeno palco, um espaço para mostras e zonas de venda. Como sempre, situado numa zona arborizada.
No que respeita às exposições, é evidente que nelas será destacado o importante papel assumido pelo PCP e pela APU na defesa dos direitos das mulheres.
Por isso, lá teremos exposições em que se foca o papel do grupo parlamentar do PCP e a actuação das autarquias APU em prol das mulheres. Lá estará também o papel das mulheres comunistas e as propostas do PCP para a melhoria das condições de vida das mulheres.
Como é lógico, uma zona dedicada a um grupo com tantos problemas, os debates, os colóquios não faltarão. Sejam eles sobre a mulher e o trabalho, a legislação do PCP para as mulheres, o 25 de Abril e uma geração em mudança, a violência e as mulheres ou ainda sobre a paz, tem-se à partida que serão animados e participados, não fossem os assuntos em discussão da importância que se revestem.
Mas a zona da mulher tem também, como não poderia deixar de ser, um espaço reservado aos bons bolos, às *sandwiches* e às bebidas para refrescar.
E depois, entre dois espectáculos onde participarão dezenas de artistas, há sempre tempo para se dar uma saltada à zona onde se vende, para além de bijouteria, das loiças e das vergas, bonecos de trapo feitos especialmente para esta edição da Festa do «Avante!».

Faltam 14 dias

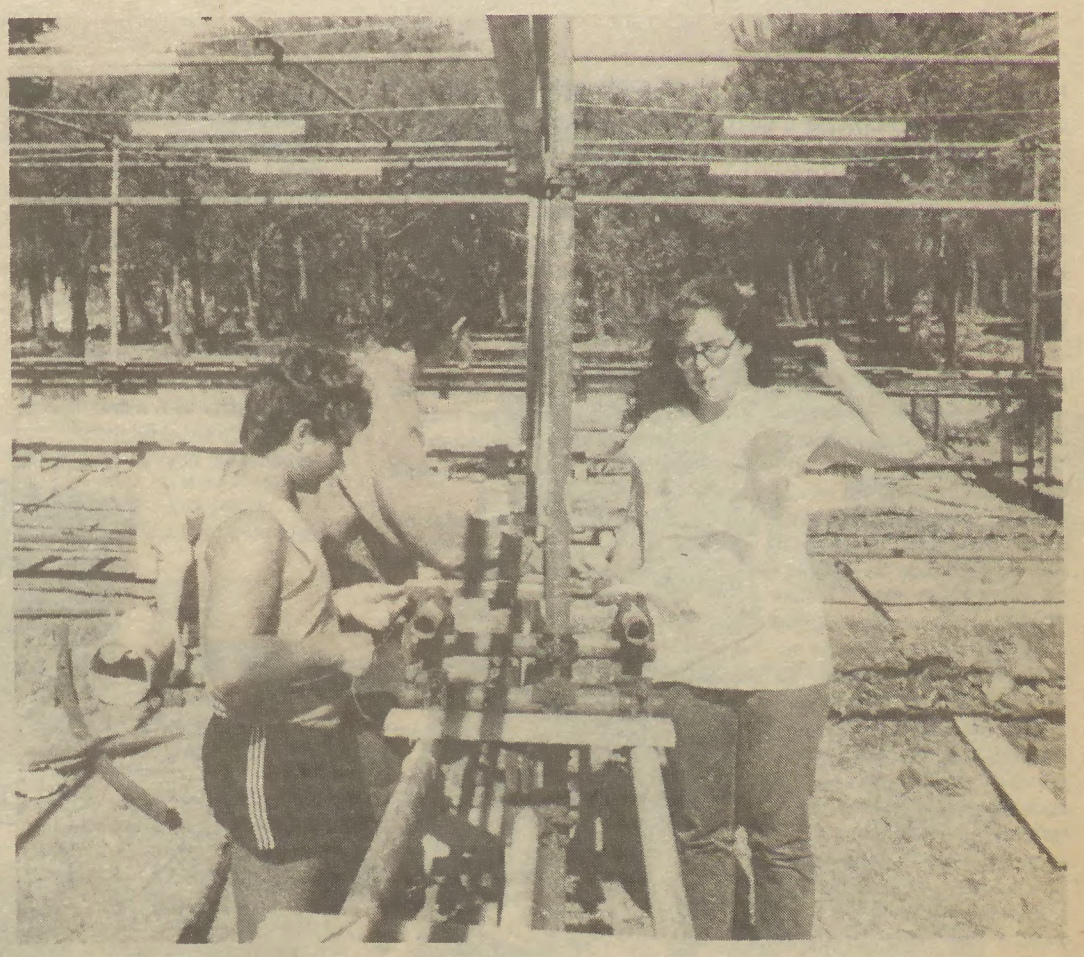
Construir a Festa

Neste fim-de-semana, foram 996 as pessoas que resolveram ir até ao Alto da Ajuda construir a nossa Festa. Em números redondos, ficámos mesmo, mesmo à beira dos 1000. Se a este número juntarmos os 356 que lá estiveram a trabalhar no feriado de quinta-feira, temos a bonita soma de 1352 pessoas.

O seu contributo foi indispensável para que a Festa siga avante, o seu trabalho constituiu um forte impulso para que a Festa continue a crescer. E quando falamos em mais de mil pessoas, que se não pense que eram única e exclusivamente operários especializados, **montadores, electricistas e pedreiros**. Não senhor. Se bem que a presença de camaradas especializados seja importante para a implantação da Festa, a grande maioria das pessoas que apareceram não tinham uma profissão que correspondesse àquilo que fizeram. No entanto, o seu contributo mostrou-se valioso, como aliás acontece todos os anos.

Para tal — para se trabalhar na Festa — não é necessária qualquer especialização; basta vontade!

E é com essa vontade de ver a Festa crescer, que ela avança. Por ser de todos, todos a



constroem. Com alegria.
Agora — que apenas dois fins-de-semana de trabalho nos separam da Festa — é preciso dar um novo impulso às jornadas de trabalho voluntário. Aos sábados e domingos ou aos dias de semana, todos aqueles que se deslocarem ao Alto da Ajuda para trabalhar serão bem recebidos. É só mais um empurrão.

Beira Interior

Este domingo vai ser especial para muitos camaradas e amigos que vivam na Beira Interior, uma vez que se vai realizar uma grande jornada de trabalho na Festa. A iniciativa, claro está, pertence à Organização Regional da Beira Interior do PCP. Para ela, estão convidados todos os camaradas e amigos que se queiram juntar nesta jornada de convívio e trabalho. O ponto de encontro, como não podia deixar de ser, é no Alto da Ajuda logo pela manhãzinha.

A Festa também se pode levar para casa

Também a Festa do «Avante!», em toda a sua dimensão e alegria, pode ser levada para casa. Para tal, basta que nos desloquemos ao posto de venda n.º 1 — numa das abas do Palco 25 de Abril — e vejamos o que de melhor há para adquirir.

E a escolha é difícil dada a variedade de materiais da Festa que aí estarão à venda. Para os coleccionadores, obviamente, a escolha torna-se mais fácil. Para esses, lá estão os copos com o emblema da Festa e as já tradicionais jarras da Marinha Grande, este ano acompanhadas com um conjunto de seis jarrinhas de loiça de Alcobaça. Depois... são as esferográficas, o isqueiro, o autocolante, o emblema e os porta-chaves. Mas não só os objectos essencialmente decorativos se podem comprar neste posto de vendas n.º 1. Por lá, também haverá um dossier em folhas A-5, um chapéu para proteger do sol, um copo estanque para guardar tudo o que se quiser e ainda uma carteira para dinheiro e documentos.

Além do mais, estará também à disposição de quem a quiser uma medalha comemorativa da décima edição da Festa do «Avante!».

Dois xailes soviéticos com franja, e — em homenagem ao Ary dos Santos — dois livros: «As portas que Abril Abriu» e «Ary por Ary», completam os materiais que se podem comprar no posto de venda n.º 1 da décima Festa do «Avante!».

Uma ajuda aos Pioneiros

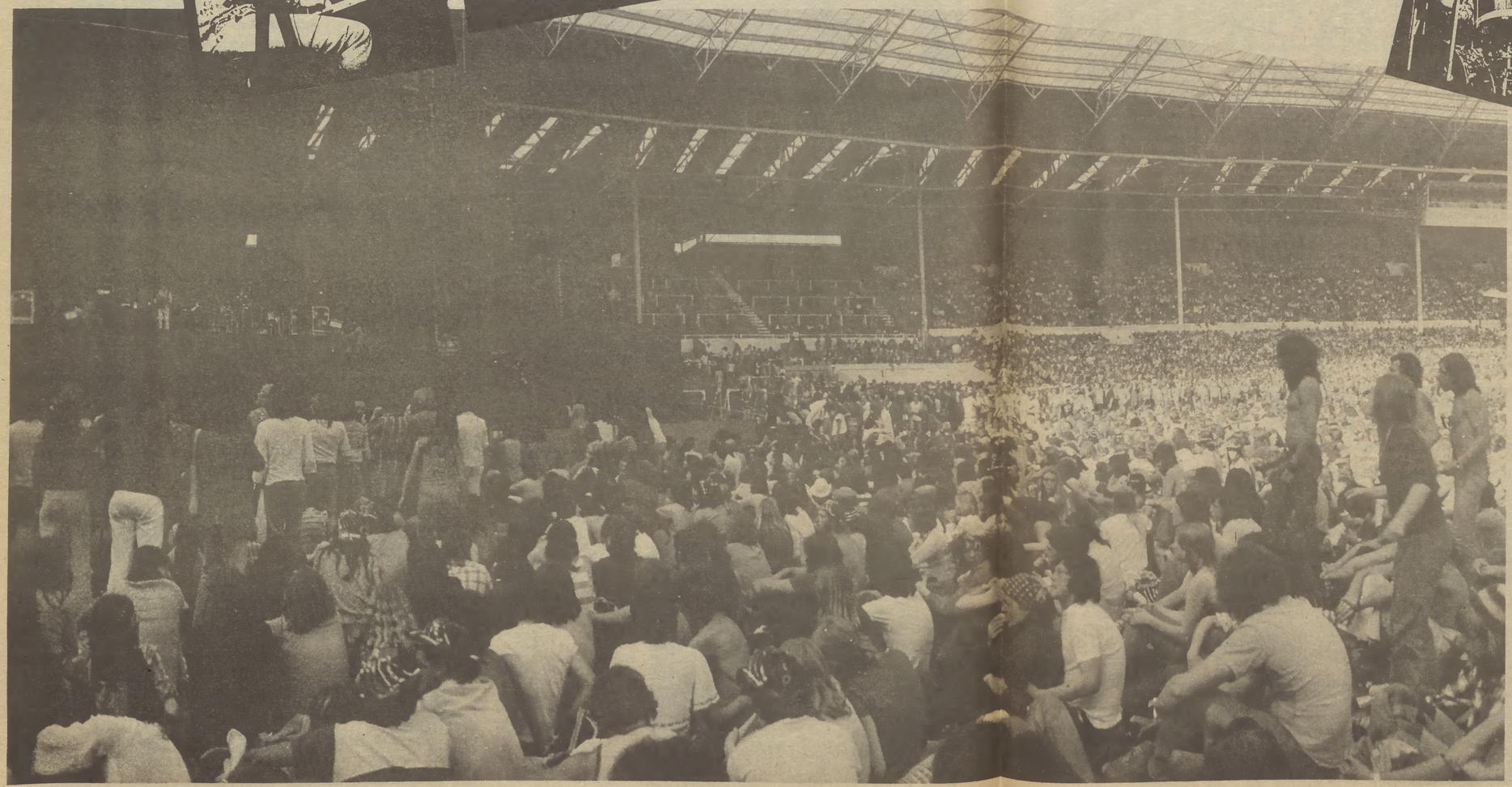
Se é verdade que aqui vamos falar da presença dos Pioneiros de Portugal na Festa do «Avante!», não é menos verdade que a notícia **Interessa a todos**. É assim: Os Pioneiros de Portugal, no espaço que lhes é dedicado na Festa deste ano, vão instalar os já tradicionais *ateliers*, onde se brinca, se aprende e se convive.
Mas, para que tal aconteça, necessitam da ajuda e solidariedade de todos quantos estejam prontos para o fazer. Resumindo. Para que os *ateliers* possam ser um espaço onde a miudagem se entretenha realmente, são necessários materiais com os quais possam criar. O grande problema é que os não têm. Que fazer então? A resposta surgiu rápida e aqui está este apelo — que não é mais do que uma achega aos apelos que os pioneiros têm lançado aos jovens um pouco mais velhos — para que todos contribuam para o êxito da zona dos Pioneiros de Portugal.
O que as crianças pretendem são coisas velhas. Nada de que implique muitos gastos. São pinturas de maquilhagem, roupas de adulto, chapéus, malas, cabeleiras, colares, brincos e ferramentas.
O fundamental é que ajudem os petizes a mascararem-se e a criarem os seus próprios brinquedos. Tudo o que chegar é bem vindo!

The Band

Habitualmente, a apresentação de uma banda consta de uma biografia pormenorizada e discografia a preceito. Contam-se umas histórias e citam-se opiniões de críticos abalizados. O leitor fica assim a conhecê-la um pouco melhor — que isto do conhecimento em matéria de música, só mesmo depois de ouvido e visto — e adquire interesse em ir ao espectáculo. Não fosse o filme «The Last Waltz» e ver-nos-íamos na contingência de fazer uma apresentação «clássica» dos The Band.

De facto, anos atrás, o público português (excessivamente dependente talvez da política editorial da casa que privilegia a cena musical britânica) extasiava-se perante o filme de Martin Scorcese. Para além da própria qualidade da película — há quem a considere o melhor filme feito em torno da música anglo-americana —, como se justificava que no concerto de 6 de Dezembro de 1976 no San Francisco Winterland de despedida do grupo The Band se reunisse uma impressionante constelação de estrelas da música norte-americana? A que propósito teria ido toda aquela «minha gente» dar uma mãozinha, registada em vinil triplo e filmada por um dos mais importantes realizadores norte-americanos? Estas coisas não se costumam fazer por «boa vontade», por dá cá aquela palha. Mas já se fazem quando há trajectos comuns, colaborações sedimentadas pelo tempo e reconhecimento da importância de uma obra.

Naquele espectáculo, que parecia o último, não estavam lá aqueles nomes em termos de poderem lá estar outros: aquela gala — é justo o epíteto — foi em larga medida a síntese e o filme do que fora até então a história de The Band. Uma banda com um percurso próprio após 1967, mas que foi, antes e depois dessa data, uma banda cuja personalidade se traçou também no suporte e colaboração com outras figuras da cena musical norte-americana. O velho rock'n'roller Ronnie Hawks esteve na «Last Waltz» — porque os The Band, quando ainda eram os «Hawks», foram a sua banda. Van Morrison esteve na «Last Waltz» — porque ele e os The Band, para além da colaboração em álbuns tinham perante o *show business* e a concessão musical ao êxito fácil, uma posição deveras semelhante. Com Joni Mitchel, outros pontos de contacto, dois modos de cantar o mundo rural em contestação à *american way of life*.



«A banda de Bob Dylan»

Caso à parte, é a presença de Bob Dylan. Entre este e The Band há quase uma história de amor feita de mútuas influências de anos e anos. Dylan é um caso único na *folk* e no *rock*, feito de vários Dylans. Dylan era um *folk singer* contestatário quando os The Band ainda eram os «Hawks».

Nesses anos, mais do que a música, foram os seus poemas e o modo particular de cantar que dotaram a *Folk*, a *Topical song* e o movimento de protesto nos EUA de alguns dos seus mais belos livros. O segundo Dylan que opera uma revolução estética na *folk song*. Electrifica-a, funde-a com o *rock* Os puristas do *folk* reagiram violentamente e tinham as suas razões. O que parece indiscutível é que, pelo menos, o *rock* rasgou horizontes até então completamente impensáveis.

Nesta revolução entraram os The Band. Eles foram co-responsáveis na electrificação de Bob Dylan e foram a sua banda de suporte na digressão daquele na Grã-Bretanha e no polémico concerto de Albert Hall. Estava-se em 66, no auge da controvérsia entre o Dylan acústico e o Dylan eléctrico — que de resto teve episódios verdeiramente rocambolescos — mas a história estava traçada e abriu um novo capítulo ao *rock*. Dois anos depois seria a vez de Dylan prestar o seu tributo à banda. Colabora na gravação do primeiro LP dos The Band, um álbum que é um «clássico» da história do *rock*, classificado de brilhante por Eric Cleapton e George Harrison — «Music From Big Pink».

A história registaria ainda outros encontros entre Bob Dylan e os The Band. Um álbum gravado ao vivo em 74 — «Before the Flood» — confirmaria definitivamente a importância musical do grupo.

Os anos de ouro do rock

Sobre os três primeiros álbuns dos The Band escreveram-se na época e posteriormente maravilhas. Todavia, não nos ocuparemos do seu relato. São álbuns da verdadeira época de ouro do *rock*. Dos anos em que este género musical já não era escrito apenas por Beatles na Grã-Bretanha e Beach Boys nos EUA, num duelo alimentado pela comunicação e circuitos comerciais, mas que estava

longe de ser uma mera criação artificial. Criação artificial foram os «truques de imagem» que então ajudavam a promoção destes grupos. «Sgt. Peepers» é uma obra inolvidável: o Rolls Royce *hippie* de John Lennon, uma sua caricatura. Das caricaturas, todavia uma vantagem: a de porem em evidência — buscando a sua assimilação pelo sistema — os notáveis movimentos sociais que então mobilizavam sectores vastos da juventude.

Movimentos antibelicistas e movimentos que, embora contraditoriamente, visavam superar o modo de vida que o capitalismo desenvolvido impunha à juventude.

A criatividade musical então patenteada tinha muito que ver com isto. A ponto do próprio acto de criação derivar, não poucas vezes, em linha recta da participação e empenhamento pessoal de artistas nos caminhos de contestação que então se ensaiavam. Os três primeiros álbuns dos The Band evidenciam isto mesmo. O primeiro é o relato da sua experiência de vida comunal na «grande casa cor-de-ros». O segundo, a defesa de virtudes do mundo rural. O terceiro é o produto dos apontamentos da «estrada». Os The Band nunca utilizaram um Rolls Royce ao modo dos *hippies*... Aliás, os *hippies* poderiam ter muitos defeitos ou ilusões, mas defeito que não tinham era o do uso de Rolls Royces..

Interessa pouco discutir hoje as contradições que caracterizaram todo o movimento social juvenil da época — a sua historicidade e falência evidenciam a energia ingénua e a fraqueza estrutural de que enfermava — mas muitas coisas mudaram com ele. E o *rock*, escrito na estrada, mergulhando noutras correntes musicais, tornando os seus sons mais complexos e abandonando lirismos que anunciavam um quotidiano optimista, foi decerto uma das mudanças profícuas, um dos saldos positivos do rescáldo. É no final da década de sessenta que verdadeiramente surgem os anos de ouro do *rock*. Do *rock* que supera o *rock'n'roll* e se já não escrevia com bonitas, mesmo espantosas melodias dos «monstros» firmados noe e pelos circuitos.

O som, a um tempo melodioso e bem balanceado dos The Band, evocando um lirismo de matiz rural, foi uma das múltiplas vias do crescimento do *rock*. Os The Band fizeram história na história do *rock* pela sua própria mão. As colaborações que mantiveram por opção e modo de ser foram, na óptica de qualquer sucesso fácil, mais um impeditivo que um benefício. Porventura por este facto muita gente não soubesse quem eram os The Band até aparecer o filme de Scorcese.

E depois do adeus

Hoje, os The Band dispensam apresentações. Quando a banda se reuniu no Iljes' Club para um espectáculo de solidariedade, era óbvio que «algo de grande estava a acontecer».

Primeiro, porque aquela que foi uma das superbandas do princípio dos anos setenta se tinha reencontrado no palco — apesar de sempre ter mantido laços muito estreitos ao longo destes anos de separação.

Segundo, porque o «reencontro» se deu na cidade onde sempre viveram e que é um autêntico santuário da música anglo-saxónica: **Woodstock**.

O resultado deste espectáculo foi a continuação da carreira de um grupo que se tornou insubstituível ao longo dos anos.

O resultado foi a *tournée* que actualmente fazem com outros «monstros sagrados» da música anglo-saxónica: os Crosby, Stills and Nash.

Foi o ressurgimento — tanto esperado — de uma banda, **da banda**, que tornou o *rock* ainda mais universal.

Foi o de que, quando a música é de qualidade e vem apontada em todos os grandes dicionários da especialidade, não existe uma Última Valsa.

O resultado, enfim, são novas canções, novos sons e *tournées*, novos discos de um grupo de profissionais cujo trabalho nos últimos vinte e quatro anos é básico para qualquer obra sobre a música anglo-saxónica, num trajecto que começa aquele sábado que será dia sete de Setembro no Alto da Ajuda.

Sexteto de Jazz de Lisboa

Juntando a capacidade individual de solista de alguns dos mais importantes músicos de *jazz* portugueses, às possibilidades, em termos de composição e arranjo, de uma formação com três instrumentos melódicos, o Sexteto de Jazz de Lisboa — que era uma ideia antiga, concretizada num concerto da Fundação Gulbenkian — revelou-se uma verdadeira inovação.

O sexteto toca, principalmente, material clássico do *jazz*, bem como composições originais de Tomás Pimentel e Mário Lajinha, sempre com arranjos para o grupo da autoria dos seus membros, com particular relevo para o trompetista.

Formado em 1984, o Sexteto de Jazz de Lisboa foi, segundo a crítica, uma das grandes revelações desse ano, tendo dado já muitos concertos no País e alguns no estrangeiro. Nas suas actuações no País incluem-se concertos no Hot Club, Cascais-Jazz, Festival Branco e Fundação Gulbenkian.

Dois dos elementos faziam parte do grupo «Jáfumega» (Pedro e Mário Barreiros, respectivamente contrabaixo e bateria) e outros dois do Quinteto Maria João (Mário Lajinha, piano, e Carlos Martins, saxofone-tenor). Os dois restantes são Edgar Caramelo, saxofone-alto e Tomás Pimentel, trompete.

Da sua participação no Cascais *Jazz* - 85 dizia a crítica: **«Em abono da verdade diga-se que também não faltaram surpresas agradáveis. Boa parte delas foi até proporcionada pelos músicos portugueses (a incomparável satisfação patriótica!). Na noite de sábado, testemunhámos o valor de Mário e Pedro Barreiros ocupando a bateria e o contrabaixo no grupo do saxofonista norte-americano David Schnitter (ex--Messenger). Ele próprio os escolhera e o resultado foi notável.**

Apesar de vir a acompanhar e com todo o agrado a carreira do jovem Sexteto de Jazz de Lisboa devo confessar que o seu comportamento na tarde de domingo ultrapassou um tanto as minhas previsões. Do Carlos Martins pode dizer-se: agora já temos de novo um *sax-tenor*! Edgar Caramelo, no saxofone revela igualmente um espectacular progresso. O trompetista Tomás Pimentel já tinha convencido suficientemente: mas foi uma bela confirmação. Mário Lajinha também não foi propriamente uma surpresa: voa cada vez mais alto «como é lógico»; dos irmãos Barreiros creio ter já dito o bastante; eles foram uma esplêndida omnipresença. A música produzida pelo Sexteto revela uma sábia opção de rigor. A espontaneidade aparece, aqui e ali, e tornar-se-á mais abundante. Não temos pressa.» Isto escrevia Monteiro Costa no «Diário de Notícias» de 9 de Julho último.

O Sexteto de Jazz de Lisboa vai estar na Festa do «Avante!» o que é uma oportunidade para um grande público tomar contacto com este grupo.

Sexteto Shis

Já foram quinteto, mas presentemente têm mais um elemento e este ano vão actuar na Festa do «Avante!» — são o **Sexteto Shis**, composto por José Peixoto, Paulo Curado, José Salgueiro, Rui Júnior, Fernando Júdice e João Lucas. O jazz é a sua proposta de música.

O seu estilo original dentro do jazz português caracteriza-se por uma mistura de música clássica, **jazz** e música popular.

Este resultado, um pouco invulgar, nasce dos diversos tipos de formação dos seus componentes, vindos destas três áreas, que se reúnem para tocar composições originais e fortemente influenciadas pela formação clássica de José Peixoto.

O grupo é herdeiro da Corda Bamba e, nascido em 1983, tem no seu *curriculum*, entre outros, diversos concertos no Hot Club e na Ocarina. Além disso, têm trabalhado com nomes como Janita Salomé, Pedro Caldeira Cabral ou fazem parte do Trovante, mas como afirmam é no Sexteto que se identificam como músicos e pessoas.

Paulo Curado e José Peixoto estudaram música clássica na Academia dos Amadores de Música, sendo agora professores nessa mesma escola, o que não deixa de influenciar o seu trabalho e são eles que explicam existir à partida uma outra atitude musical diferente se tivessem apenas uma formação jazzística, uma relação diferente entre os sons.

A formação funciona a um nível colectivo e individual, como aliás é próprio do jazz, traduzindo-se na improvisação de cada um, ao mesmo tempo que cada um, tendo o seu projecto como músico enriquece o colectivo.

Quanto à presença da música portuguesa, são de opinião de que a música nasce livre, não há uma preocupação de a encaixar e se ela se manifesta resulta de um equilíbrio, pois não há ninguém qua faça nada de novo e tudo o que se faz vem de uma ascendência.

Com a entrada de João Lucas para o quinteto, formando-se assim o Sexteto Shis, uma nova sonoridade foi introduzida. Este aumento da formação teve a ver de se ir experimentando coisas e não cristalizar.

Um grande público terá oportunidade de os ouvir no palco da Festa — José Peixoto, na guitarra, Paulo Curado, flauta e sax, José Salgueiro, bateria, Rui Júnior, percussão, Fernando Júdice, contrabaixo, João Lucas, piano e acordeão.

Quinteto de Maria João

Maria João começou a cantar *jazz* em 1982, como aluna da escola do Hot Clube de Portugal, sob a direcção de José Eduardo. Fez parte, também, da orquestra dessa escola e de um quarteto de José Eduardo.

Em Agosto de 1982, é formado o Quinteto de Maria João e desde então grande tem sido o êxito dos concertos realizados de norte a sul do País. Êxito que extravaza para fora das fronteiras durante a digressão que realizou em Dezembro de 1984, na Galiza, acompanhada por músicos galegos e na Alemanha Federal.

Diversas têm sido as apresentações de Maria João na Televisão, sendo de salientar que, devido ao seu prestígio, há já algum tempo que tem vindo a juntar a sua actividade de cantora à de «pivot» do programa «Clube de Jazz».

Na sua discografia contam-se já dois discos em curto espaço de tempo: «Quinteto de Maria João» e «Cem Caminhos», que obteve um assinalável êxito.

O seu repertório é constituído por canções americanas do período clássico, versões contemporâneas de temas «standard» e composições originais sobre poemas portugueses. Reconhece como principais influências Billie Holliday, Betty e Bobby McFerinn. Não alinha com as adulações e é ela própria que considera uma grande injustiça quando a comparam a Ella Fitzgerald.

Ao cantar poemas de Eugénio de Andrade, insertos no seu disco «Cem Caminhos» foi considerada como um passo importante àcerca do qual afirma que **cantar em português foi uma necessidade e, agora, penso poder ser o meu caminho. É a língua que falo todos os dias...** Eugénio de Andrade, porque entre os consagrados é o seu poeta favorito. Considera ainda que pode ser um caminho para tirar o *jazz* do seu buraco, de o abrir para outros caminhos.

Dela dizia o «Expresso»: **Há três anos, quando subiu pela primeira vez ao palco para enfrentar o público, Maria João era uma curiosidade com talento, ou, se preferirem, um talento curioso. Hoje, é uma cantora e, neste momento, a cantora de *jazz* em Portugal. E isto por mais voltas que queiram dar-lhe — a ela ou às coisas.**

O segredo da mudança foi, mais uma vez, um ovo de Colombo: trabalho, trabalho e mais trabalho.

Um importante contributo nacional para o *jazz* na Festa do «Avante!».

1981, 1982

Nada pára a Festa!

As sexta e sétima edição da Festa do «Avante!» foram diferentes de todas as outras. Se na primeira a diferença ficou essencialmente a dever-se à acção criadora do homem, o mesmo não se pode dizer da segunda.

É verdade... pela primeira vez — e até agora à última — um visitante endiabrado fez-se notar na Festa do «Avante!». Um visitante a quem não podemos dizer para ter calma que se a Festa são só três dias, há tempo para ver todinha e por isso não é preciso empurrar e incomodar os restantes visitantes.

Foi em 1982. Um ano que ficará para a História das nossas Festas. Foi em 1982. O ano em que choveu.

Se no ano anterior os carros de bombeiros passeavam-se pelo recinto com mangueiras de água para quem se quisesse refrescar, o contraste é chocante.

1982 é sinónimo de muita chuva, de ainda mais lama. No entanto, foi também sinónimo de Festa.

Pois é, nem a intensa chuva que calu naquele domingo que calhou a um quatro de Julho impediu que a Festa se fizesse. O porquê da história é simples. Tendo sido muitos os milhares que se juntaram no Alto da Ajuda, a sua força aliou-se à vontade de conviver e de dizer que nem a chuva conseguiria fechar a Festa. Arranjaram-se indumentárias protectoras, dois ou três sacos de plástico, bom humor e ala até ao comício que esse ano se realizou num palco improvisado num par de horas!

A Festa de 1981

Mas vamos até à sexta edição da Festa do «Avante!». Uma edição que foi especial por diversos motivos, mas, essencialmente por ser aquela que se realizou no ano em que o Partido comemorava o seu sexagésimo aniversário e o «Avante!» o seu meio século de existência.

Duas grandes razões para esta ter sido uma Festa especial. Outras houve, no entanto. Foram as homenagens a José Gomes Ferreira, Fernando Lopes-Graça e Cipriano Dourado. Três iniciativas que homenagearam três expoentes de três ramos da arte: a literatura, a música e a pintura.

Uma Festa especial, ainda, pela presença de Gisela May e das Marchas Populares de Bairros Lisboetas.

Esta Festa de 81 foi também tempo para a realização da 3.ª Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!». Esta Festa foi um imenso hino à cultura de todo um povo. Foram as homenagens, os ranchos folclóricos, o desporto e os grupos corais. Foi Ivan Lins do Brasil, Manuel Gerena de Espanha e foram os Dexy's Midnight Runners de Inglaterra.

Antes do dilúvio

Mas se a Festa de 1982 ficou essencialmente marcada pela chuva, o certo é que outros acontecimentos deixaram também a sua marca.

O primeiro dos quais foi o facto de a Festa se ter realizado em Julho e não em Setembro, como é hábito. A razão foi simples. Soube-se com bastante antecedência a data para as eleições intercalares. Daí que a Festa fosse realizada mais cedo. A propósito, é verdade que este ano vamos ter ainda três batalhas eleitorais e que a Festa é em Setembro. São várias tarefas que se põem ao Partido e aos seus militantes, mas apesar das dificuldades acarretadas com a multiplicidade, o que é certo é que se fazem todas ao mesmo tempo — com maior esforço, é certo, mas também com renovada alegria — e com êxito!

Mas antes do dilúvio ainda houve oportunidade para assistir às actuações dos Omega, de Baden Powell e de Manu Dibango e ainda à apresentação dos atletas internacionais que vieram fazer a festa na Festa.

Ainda houve tempo de se ver a exposição sobre «O Homem, o Trabalho e a Terra» e a mostra sobre o «Poder Local — o Trabalho dos Comunistas nas Autarquias».

Depois... foi o dilúvio... Que não impediu contudo que ainda se ouvissem Buggy St. Marie e Clint Eastwood e General Saint.

Fazer-se um artigo sobre as Festas de 1981 e 1982 é fazer-se um artigo sobre os contrastes.

Na primeira tivemos a poeira, na segunda a lama. Na de 1981 houve calor, na de 1982 frio.

Em 1981 houve alegria, espectáculos até mais não, boas comezainas e muito, muito sol. Em 1982, também houve um pouco de tristeza, menos espectáculos, menos comezainas e muita, muita chuva.

Falar destas duas Festas é ingrato. Da primeira apetece-nos dizer que foi muito boa, que teve belíssimos artistas e um ainda melhor público. Da segunda, só nos vem à cabeça falar da chuva.

No entanto, não foi bem assim. Se é certo que a chuva nos marcou a todos, ela não foi a única coisa que aconteceu em três dias de Festa. Muito houve também. Muita alegria, muita cor e música.

Em 82 uma coisa ficou demonstrada: nenhuma intempérie, nenhuma adversidade pára a Festa!

Cidade Internacional — solidariedade recíproca

A. Villaverde Cabral

Almoçar à sombra de um pinheiro um suculento **gulash** ao som de violinos é coisa que se não consegue com facilidade no nosso País. Mas, com alguma espera, consegue-se na Festa do «Avante!». Na Cidade Internacional é possível isso e muito mais.

A Cidade não se reduz, naturalmente, aos restaurantes, mas seria injusto não lhes fazer qualquer referência. É que, pela culinária, também os povos se conhecem melhor.

É também por isso que os restaurantes dos Partidos irmãos que nos visitam não têm mãos a medir nos três dias da Festa.

O que mais seduz, porém, o visitante — camarada ou não — na Cidade Internacional são os **stands** dos partidos e movimentos convidados. Ali se procura e encontra sempre uma explicação, uma novidade, sobre países e lutas que a comunicação social na generalidade esconde com sistemática firmeza. Ali se vêem homens e mulheres das quatro partidas deste mundo que todos partilhamos a mostrarem o que fazem, pelo que lutam, como lutam, muitas vezes o que sofrem.

Quem quer que alguma vez tenha visitado a Cidade Internacional da Festa certamente que teve ocasião de se comover com a espontânea solidariedade que os comunistas portugueses e seus amigos manifestam aos povos em luta pela liberdade, pela justiça, pela democracia, pelo socialismo.

Quantos milhares de assinaturas terão sido já recolhidos na Festa em defesa de militantes revolucionários de todo o mundo, contra a intervenção imperialista, pela paz e contra as armas nucleares? O número é certamente impossível de determinar, mas são de certeza, agora que vamos fazer a 10.ª Festa, muitas centenas de milhares.

Solidariedade é a palavra chave da Cidade Internacional. Solidariedade do PCP para com os partidos e movimentos presentes; solidariedade dos convidados para com a luta dos comunistas e do Povo português.

Os partidos e comentadores da burguesia entendem mal o internacionalismo e a solidariedade internacionalista dos comunistas. Acham, ou dizem que acham, sempre que se trata de coisa ou ilegítima ou caricata. Ou acusam os comunistas de todo o mundo de andarem às ordens de sinistros centros de decisão, ou apelam aos mais baixos instintos individualistas para se rirem daqueles que se preocupam com a sorte dos outros.

É absolutamente natural que assim aconteça. Eles não são capazes de entender relações de amizade, de igual para igual. Para eles, relações internacionais são sempre relações de vassalo para suserano. São subservientes e esperam dólares ou marcos em quantidade como pagamento pelos serviços que prestam, invariavelmente em prejuízo dos interesses e bem-estar dos portugueses.

Como podem eles compreender que os comunistas vibrem com as vitórias dos seus camaradas estrangeiros?

A verdade é que os comunistas sabem que, tal como as linhas paralelas, afinal se encontram lá no infinito, também as vitórias de um povo se acabam por encontrar com as do nosso próprio povo, com as nossas vitórias. Só que não será no infinito, mas muito aquém de tal coisa inatingível.

Os comunistas vibram com as realizações dos países socialistas, porque sabem que a força do socialismo real é uma alavanca de progresso em todo o mundo. Os comunistas são solidários com os povos que lutam ainda pela liberdade, contra a opressão, porque sabem que as suas vítimas são uma contribuição inestimável, pelo exemplo, pelo ânimo que dão, pela alteração na relação de forças que introduzem, para que mais vitórias sejam possíveis, mesmo em pontos do mundo que estejam muito distantes.

É sempre com interesse que os comunistas e seus amigos visitam os **stands** dos partidos que governam países que se libertaram do colonialismo (nomeadamente do colonialismo português). É que cada passo dado na consolidação da sua independência, política e económica, cada vitória sobre os seus inimigos internos e externos, é um passo mais no fortalecimento da convergência de forças do progresso que faz marchar a humanidade para a liberdade e o socialismo.

Quando comem uma boa **pasta** italiana, compram um boné de «L'Humanité» ou uma pala do «Unsere Zeit», os visitantes da festa não estão só a alimentar-se ou a proteger-se do Sol. Estão também a mostrar que sabem da luta da classe operária nos países capitalistas mais ricos, que estão solidários com o movimento operário, que sentem as suas vitórias como deles próprios.

A Cidade Internacional da Festa do «Avante!» é o local privilegiado do internacionalismo no Alto da Ajuda.

Mas a Festa é mais do que a Cidade Internacional. Ela é sobretudo o País e o Povo. É festa do País que trabalha e luta, afinal o País real, porque é o que se move com a História.

A Cidade Internacional tem tanto mais valor e significado, quanto é certo que no resto do espaço do Alto da Ajuda, os comunistas mostram no mais pequeno pormenor o seu entranhado amor a Portugal, ao seu povo e às suas realizações. É porque amam a Pátria e a defendem que os comunistas são internacionalistas. Só quem ama o seu povo pode querer bem aos outros povos, nossos companheiros nesta grande aventura que é a vida.

Três vezes Café Concerto

Espaço continuador do antigo «Bar Nostrum» — iniciativa do Sector Intelectual e da Saúde — há três anos adquiriu novas formas por razões diversas mas, essencialmente, por poder ser o espaço mais adequado a formas de invervenção artística de pequenos espaços, que se iam generalizando nos meios urbanos, nomeadamente em Lisboa.

Contando com a participação de mais um sector — a Função Pública — nasce em 1983 o Café-Concerto da Festa. Um local com condições para uma grande diversidade de actuações que dificilmente ocorreriam na nossa Festa por serem inadequadas para os grandes espaços existentes.

Reconhecidamente, um dos mais agradáveis locais de convívio e confraternização existentes na Festa do «Avante!».

Aí se aliam os bons petiscos, a boa bebida e o não menos bom espectáculo. Ao longo de cerca de vinte horas, dezenas de artistas — actores, cantores, bailarinos... — passam, em animados momentos, por este espaço.

Assim, nesta décima edição da Festa do «Avante!», o programa do Café-Concerto reflectirá simultaneamente o que se vai fazendo por essas pequenas salas de Lisboa e, também, o momento político que se vive.

Pouco ainda transpirou sobre artistas que participarão. No entanto, nomes como Lia Gama, Mário Mata, Carlos Alberto Moniz e José Fanha, Morais e Castro ou Cremilda Gil, estão já confirmados.

Confirmado também está a presença do elenco completo da Companhia do Teatro Estúdio de Lisboa que actuará no domingo.

A presença de uma companhia com mais de vinte anos de resistência pela causa da cultura. Uma presença a saudar.